



**O COMPORTAMENTO ESTILÍSTICO-SINTÁTICO
DAS FORMAS VERBO-NOMINAIS EM ODES HORACIA-
NAS**

José Mario Botelho

Dissertação de Mestrado, apresentada ao programa de Letras Clássicas (Culturas da Antigüidade Clássica: O discurso latino clássico e humanístico), Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas (Culturas da Antigüidade Clássica).

Orientadora: Profa. Doutora Mára Rodrigues Vieira

Rio de Janeiro
Agosto de 2007

**O COMPORTAMENTO ESTILÍSTICO-SINTÁTICO DAS FORMAS
VERBO-NOMINAIS EM ODES HORACIANAS**

José Mario Botelho

Orientadora: Professora Doutora Mára Rodrigues Vieira

Dissertação de Mestrado, apresentada ao programa de Letras Clássicas (Culturas da Antigüidade Clássica: O discurso latino clássico e humanístico), Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas (Culturas da Antigüidade Clássica).

Aprovada por:

Prof.^a Doutora Mára Rodrigues Vieira, Presidente

Prof.^a Doutora Vanda Santos Falseth (PPGLC – UFRJ)

Prof. Doutor Rosalvo do Vale (UFF)

Prof.^a Doutora Ana Thereza Basílio Vieira (PPGLC – UFRJ)

Prof. Doutor Amós Coêlho da Silva (UERJ)

BOTELHO, José Mario

O comportamento estilístico-sintático das formas verbo-nominais em odes horácianas / José Mario Botelho, Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras / Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2007.

159f.; 31cm.

Orientadora: Mára Rodrigues Vieira

Dissertação (Mestrado) – UFRJ / Faculdade de Letras / Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, 2007.

Referências bibliográficas: f. 84-86.

1. Formas verbo-nominais. 2. Morfossintaxe. 3. Estilística Sintática. I. Vieira, Mára Rodrigues. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas. III. Título.

RESUMO

O COMPORTAMENTO ESTILÍSTICO-SINTÁTICO DAS FORMAS VERBO-NOMINAIS EM ODES HORACIANAS

José Mario Botelho

Orientadora: Professora Doutora Mára Rodrigues Vieira

O presente trabalho tem por objetivo descrever o comportamento estilístico-sintático das formas verbo-nominais das odes do *Liber Primus*, de Horácio. Nossa análise valorizou a sua contextualização, a qual se baseia no relacionamento da forma em referência com os outros termos sintáticos. Consideramos as estruturas de base, sob a perspectiva da existência de uma ordem natural, e a possibilidade de um uso estilístico nos casos em que a colocação dos termos na frase não se fez conforme a relativa padronização, que os estudiosos da sintaxe latina preconizam e que concebemos.

Para isso, apresentamos uma fundamentação teórica acerca da estrutura sintática do latim, considerando a contribuição dos estudos lingüísticos modernos, acerca dos fenômenos estilísticos, causados principalmente pela colocação dos termos na frase. Apresentamos algumas figuras de linguagem em estruturas com um dos nomes verbais, seguidas da descrição dessas estruturas sintáticas sob a perspectiva da Estilística Sintática.

Assim constatamos a ocorrência de uma relativa liberdade de colocação dos termos na poesia e que, nela, o resultado de natureza comunicativa quase sempre sugere interpretações variadas, que caracterizam um uso estilístico. Desta forma, pudemos comprovar a hipótese inicial acerca da linguagem de Horácio: nas odes do *Liber Primus*, a sua linguagem se caracteriza como um uso estilístico, em virtude do comportamento estilístico-sintático dos nomes verbais e das palavras com que tais formas se relacionam nas referidas odes.

Palavras-chave: Formas verbo-nominais; odes horacianas; Estilística Sintática; estilo.

ABSTRACT

O COMPORTAMENTO ESTILÍSTICO-SINTÁTICO DAS FORMAS VERBO-NOMINAIS EM ODES HORACIANAS

José Mario Botelho

Orientadora: Professora Doutora Mára Rodrigues Vieira

The present paper aims to describe the stylistic and syntactic behavior of verbal nouns used by Horace in his odes of *Liber Primus*. Our analysis emphasized the circumstances in which those forms occurred, taking into account the relationship of each one of them with other syntactic terms. We considered the base structures, in the perspective of the existence of a natural order, and the possibility of the stylistic use when the distribution of the terms in the sentence is not in accordance with the patterns prescribed by the scholars of Latin syntax.

To achieve our goals, we presented a theoretical basis about the syntactic structure of Latin, taking into account the contribution of modern linguistic studies on stylistic phenomena, concerning the place of terms in the sentence. We presented some language figures in structure with verbal nouns, and we proceeded by making a description of these syntactic structures according to the Syntactic Stylistics.

So we noticed the occurrence of a relatively free order of terms in poetry; we noticed also the communicative nature effect nearly always suggests a variety of interpretations, which characterize a stylistic use. So we could prove our initial hypothesis about Horace's language: in the odes of *Liber Primus* his language is characterized by the stylistic use by virtue of the stylistic-syntactic behavior of verbal nouns and of the words with which these forms are related in the odes.

Key-words: Verbal nouns; horatian odes; Syntactic Stylistics; style

RESUMEN
O COMPORTAMENTO ESTILÍSTICO-SINTÁTICO DAS FORMAS VERBO-NOMINAIS
EM ODES HORACIANAS

José Mario Botelho

Orientadora: Professora Doutora Mára Rodrigues Vieira

El presente trabajo tiene por objetivo describir el comportamiento estilístico-sintáctico de las formas verbo-nominales de las odas del *Liber Primus*, de Horacio. Nuestra análisis valorizó a su contexto, que se basa en la conexión de la forma en referencia con los otros términos sintácticos. Consideramos las estructuras de base, bajo la perspectiva de la existencia de un orden natural, y la posibilidad de un uso estilístico en los casos en que la colocación de los términos en la frase non se haga conforme la relativa regularización, que los estudiosos de la sintaxis latina preconizan y que concebimos.

Para eso, presentamos una corroboración teórica acerca de la estructura sintáctica del latín, considerando la contribución de los estudios lingüísticos modernos, acerca de los fenómenos estilísticos, causados principalmente por la colocación de los términos en la frase. Presentamos algunas figuras de lenguaje en estructuras con un de los nombres verbales, seguidas de la descripción de esas estructuras sintácticas bajo la perspectiva de la Estilística Sintáctica.

Así constatamos la ocurrencia de una relativa libertad de colocación de los términos en la poesía y que, en ella, el resultado de naturaleza comunicativa casi siempre sugiere interpretaciones variadas, que caracterizan un uso estilístico. De esta forma, podemos comprobar la hipótesis inicial acerca de la lenguaje de Horacio: en las odas del *Liber Primus*, su lenguaje se caracteriza como un uso estilístico, en virtud del comportamiento estilístico-sintáctico de los nombres verbales y de las palabras con que tales formas se relacionan en las referidas odas.

Palabras-llave: Formas verbo-nominales; odas horacianas; Estilística Sintáctica; estilo.

Acima de tudo agradeço a Deus, que nunca me falta, por ter-me dado as forças para a execução de mais esta tarefa.

Agradeço à minha família, que mais uma vez se privou de alguns prazeres pessoais e me ofereceu a tranquilidade para o meu mister.

À minha filha Amínia pela tradução do meu Resumo para a língua espanhola e ao meu bom companheiro Antônio Sérgio pela tradução para a língua inglesa.

A todos os professores do programa de Pós-graduação em Letras Clássica, em especial, à minha orientadora, Professora Doutora Mára Rodrigues Vieira, não só pelas imprescindíveis sugestões na elaboração do trabalho em si, mas, sobretudo, pela sua simpatia e pelo tratamento respeitoso e amigo a mim dispensado.

A todos os colegas do Curso, em especial, ao Fernando Pita e à Elisabete Costa, pelo convívio agradabilíssimo e pelo incentivo.

À minha esposa,
Às minhas filhas,
Aos meus queridos alunos e
Aos meus pais (**in memoriam**).

Grande é a minha satisfação em ser Professor,
O qual muito se assemelha à pedra de amolar,
Que não é fundamentalmente capaz de cortar,
Mas de dar ao ferro bruto o fio de navalha.

(Mario Botelho, abril de 2005)

SINOPSE

Descrição de estruturas oracionais com ocorrências das formas verbo-nominais em odes horacianas, seguida de comentários sobre a disposição de tais formas e dos termos com que se relacionam, para o reconhecimento de um uso estilístico.

SUMÁRIO

	página
INTRODUÇÃO 13
1- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
1.1 – Natureza dos tipos de estruturas sintáticas latinas 18
1.2 – A ordem das palavras na estrutura oracional do latim 20
1.2.1 – Generalidades quanto à colocação de palavras 21
1.2.2 – Estruturas com determinante e determinado 23
1.2.3 – Colocação do adjetivo atributivo 25
1.2.4 – Colocação do substantivo 26
1.2.5 – Colocação dos pronomes 27
1.2.6 – Colocação do advérbio 28
1.2.7 – Colocação da preposição 29
2 –AS FORMAS VERBO-NOMINAIS LATINAS 30
2.1 – Infinitivo 30
2.2 – Supino 35
2.3 – Gerúndio 37
2.4 – Particípio 38
2.5 – Gerundivo 45
3 – UM POUCO DE TEORIZAÇÃO ESTILÍSTICA 47
3.1 – Fenômenos estilístico-sintáticos 52
3.1.1 – Alguns fenômenos de construção e figuras de sintaxe 53
4 – ANÁLISE DOS DADOS	
4.1 – Considerações preliminares sobre a linguagem horaciana 58
4.1.1 – Descrição de aspectos morfossintáticos e semânticos nas odes do	

<i>Liber Primus</i> , de Horácio 62
4.2 – Considerações acerca da ordem das palavras nas odes analisadas 68
4.3 – Análise da colocação das formas verbo-nominais e dos termos com que se relacionam nas odes do <i>Liber Primus</i> , de Horácio 72
4.3.1 – Colocação do infinitivo e dos termos com que se relaciona 73
4.3.2 – Colocação do supino e dos termos com que se relaciona 76
4.3.3 – Colocação do gerúndio e dos termos com que se relaciona 77
4.3.4 – Colocação do particípio e dos termos com que se relaciona 78
4.3.5 – Colocação do gerundivo e dos termos com que se relaciona 80
CONSIDERAÇÕES FINAIS 82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 84
ANEXO 1 91
ANEXO 2	... 149

INTRODUÇÃO

Durante os trabalhos de tradução de textos latinos para o português, constata-se uma grande dificuldade em certas estruturas sintáticas, apesar de ser a língua portuguesa uma língua de origem latina. Isso se dá em virtude de ter a língua latina, assim como outras quaisquer, especificidades morfossintáticas, o que a faz ser uma língua distinta das outras. O mesmo se pode observar no português, que constitui uma língua diferente do latim, do qual se origina mediatamente, já que a língua portuguesa também apresenta suas particularidades.

Uma das particularidades do latim, que será enfatizada neste trabalho, é a existência de formas verbo-nominais variadas, algumas das quais nem mesmo ocorrem no português. No latim, apresentam-se as seguintes formas nominais do verbo: infinitivo, que pode ocorrer no passado, no presente e no futuro, em voz ativa ou passiva; supino; gerúndio; e particípio, que pode ser usado em voz ativa no presente e no futuro e, em voz passiva, no passado. Além dessas formas verbo-nominais, tem-se o adjetivo em “-ndus” que desempenha o papel de particípio futuro na voz passiva. Essa forma adjetiva é comumente denominada gerundivo.

Além do fato de algumas dessas formas verbo-nominais latinas não ocorrerem no português, como é o caso das formas de futuro e de passado do infinitivo, tanto em voz ativa como em voz passiva, o uso daquelas que ocorrem na língua portuguesa não é o mesmo.

Há, em cada uma das línguas, especificidades de natureza semântico-estrutural, o que as caracteriza como línguas distintas, e que dificulta sobremaneira o mister do tradutor, o qual precisa ter domínio da gramática latina acerca da morfossintaxe daquelas formas verbo-nominais sobre a sensibilidade na escolha de um termo convenientemente equivalente.

Logo, a atividade de tradução, mesmo que seja de natureza literária, não é tão simplesmente uma atividade artística que se faça a partir de uma interpretação do texto em referência, como se fosse uma versão de uma língua para outra. É, pois, a busca de uma equivalência perfeita entre as línguas envolvidas, sem que se deixem perder de todo os aspectos morfossintáticos da língua a ser traduzida. Em outras palavras, não se deve priorizar a tradução literária em detrimento da tradução literal e vice-versa.

Neste trabalho, que não objetiva a tradução em si, enfatizaremos a tradução literal por motivos óbvios: aspectos morfossintáticos serão o objeto de análise. Portanto, os aspectos morfossintáticos das formas verbo-nominais latinas serão enfatizados, já que nos propomos descrever o seu comportamento sintático para reconhecer um uso estilístico de tais formas nas odes do *Liber Primus*, de Horácio.

A dificuldade de tradução, encontrada na poesia desse primeiro livro de odes de Horácio, é praticamente de ordem morfossintática, uma vez que a estrutura frasal preferida por

Horácio em suas odes não apresenta uma regularidade, se considerarmos a existência de uma ordem natural da língua latina..

Certamente, não se espera uma padronização da língua latina no que se refere à estruturação frasal, sendo ela uma língua de declinações. Por conseguinte, a ordem dos termos na frase não se fazia obrigatória, não obstante uma padronização na colocação dos termos, mormente na prosa, em que prevalecia uma ordem natural da língua latina, visto que se iniciava a frase com o termo nominativo (sujeito) e se finalizava com o verbo (Cf. MAROUZEAU, 1953, p. 55, ERNOUT ET THOMAS, *op. cit.*, § 188, p. 161 e GARCIA, 2000, p. 30).

Sobre a padronização das estruturas sintáticas, Juret (1933, p. 7-8) afirma que a natureza do caráter obrigatório dos tipos sintáticos são uma necessidade dos hábitos complicados advindos da reflexão e da liberdade, que se estabelecem numa comunidade lingüística.

Contudo, o autor deixa claro que cabe ao usuário da língua a escolha dos tipos sintáticos para a expressão de seus pensamentos e que a retenção desses tipos sintáticos não se efetiva em sua totalidade.

Marouzeau (*Op. cit.*) também afirma que há uma relativa liberdade na ordem das palavras nas estruturas frasais do latim, que em todos os casos será determinada por um dos diversos fatores (de uso, de sentido, de estilo, de ritmo), em que se podem observar certas leis ou tendências, embora seja difícil uma sistematização de tais aspectos.

A estrutura frasal nas odes horacianas apresenta esse caráter de liberdade relativa, de que falam Juret e Marouzeau, também no que se refere ao uso das formas verbo-nominais com que Horácio exprimiu seus pensamentos. O comportamento sintático das formas verbo-nominais nas odes do *Liber Primus* apresenta certas características, que, não só diferem das do uso considerado gramatical, sob a perspectiva da efetivação de uma ordem natural da língua latina, como também nos sugerem reconhecer um uso estilístico de tais formas.

São diversas as ordens de termos que se relacionam com formas verbo-nominais, como se pode observar nos distintos comportamentos dos infinitivos nos seguintes exemplos:

- (01) “*hunc, si mobilium turba Quiritium / certat tergeminis tollere honoribus.*” (I, v. 7-8) – “Este, se a turba dos inconstantes romanos se esforça para exaltá-lo com honras supremas.”
- (02) “*Nunc decet aut uiridi nitidum caput impedire myrto / aut flore, terrae quem ferunt solutae; nunc et in umbrosis Fauno decet immolare lucis, / (...)*” (IV, v. 9-11) – “Agora convém cingir a cabeça brilhante com mirta verde ou com flor, a qual as terras livres (da neve) produzem, e agora convém fazer um sacrifício a Fauno, nos bosques sombrios.”

(03) “urit grata proteruitas / et uoltus nimium lubricus aspici.” (XIX, v. 8) – “A audácia agradável (de Glicera) e o rosto muito perigoso de se olhar me inflama.”

Nas odes horacianas, uma padronização não se pode sentir. Tal fenômeno pode ser observado nos exemplos descritos acima e em muitos outros (Anexo 1) e constatado nas estruturas do Anexo 2, que revelam o problema que se repetirá nas demais odes do *Liber Primus* de forma efetiva e flagrante.

Horácio não seguia um padrão em si mesmo. Seu padrão é, de fato, a falta de regularidade das estruturas frasais que utilizou em suas odes, as quais se apresentam variadíssimas quanto à disposição dos termos na frase, em especial, quanto ao uso de formas nominais do verbo e termos a elas referentes, objeto de nosso estudo.

A dificuldade de se estabelecer uma padronização do uso de tais termos nos faz pensar na hipótese de ser estilístico esse uso. Entretanto, não constitui nosso objetivo definir ou descrever o estilo horaciano e nem tampouco comprovar que o comportamento das formas verbo-nominais e dos termos a elas relacionados constitui um uso estilístico de Horácio. O nosso objetivo é, sobretudo, o de acusar um comportamento estilístico-sintático de tais formas em Horácio. Portanto, o mesmo uso pode ser encontrado em outros autores, uma vez que o uso estilístico “decorre, antes de tudo, do nosso impulso emotivo e do propósito claro ou subconsciente de sugestionar o próximo” (CÂMARA Jr., 1985, p. 110). Marouzeau (1946), por sua vez, prefere considerar o estilo como escolha ou seleção entre as expressões possíveis que a língua nos oferece.

Em Horácio, a quebra da ordem natural faz surgir estruturas de interessantes variáveis estilísticas, que podem ter sido exigidas pela métrica ou por total intenção do poeta com o objetivo de chamar a atenção do leitor. Em ambos os casos, a complexidade estrutural e o conseqüente efeito estilístico são consideráveis.

Para o estudo que ora nos propomos, levamos em consideração a teoria estruturalista, de natureza americana (representada por Bloomfield nos Estados Unidos da América e Câmara Jr., no Brasil), que se baseia na descrição de estruturas sintáticas efetivas de uma dada língua. A partir da análise estruturalista muitos aspectos morfossintáticos, que caracterizam uma dada língua e a distinguem de outras, são revelados.

Assim, tivemos a oportunidade de observar diversas especificidades da língua latina, que, apesar de ser a língua-origem mediata da língua portuguesa, muito se distingue desta.

Primeiramente, sob a perspectiva da tradução literal (sem desprezar a técnica da tradução literária), traduzimos todas as odes do *Liber Primus*, de Horácio, com a intenção de ressaltar as formas verbo-nominais contextualizadas, evitando, pois, as falhas comuns da frag-

mentação, quando se analisam fragmentos de texto sem que se observem as relações do item lexical em destaque com os demais. Convém ressaltar que a tradução particular, inédita e original, foi feita a partir do texto latino publicado pela Les Belles Lettres em 1946.

Depois, identificamos todos os casos de estruturas com formas verbo-nominais, que foram separadas de acordo com os tipos, a saber, infinitivo (presente, passado e futuro), gerúndio, particípio (presente, passado e futuro) e supino (Anexo 1). Tais estruturas, acompanhadas de uma breve análise sintática em forma de comentário, foram reunidas de acordo com as funções sintáticas que exercem nas estruturas traduzidas.

Também foram identificados os casos de estruturas com figuras de linguagem (Anexo 2). Nesse Anexo, estão reunidas as estruturas em que se observam figuras de palavras, de pensamento e de sintaxe. Certamente, as figuras de sintaxe são consideradas mais relevantes para o nosso trabalho do que as figuras de palavra, visto que nos propomos analisar o comportamento estilístico-sintático de formas vocabulares. Entretanto, acreditamos que há casos em que uma complexidade estrutural e um conseqüente efeito estilístico se dão pela efetivação de uma metáfora ou uma metonímia. Daí, terem sido essas figuras de palavras e de pensamento valorizadas pela nossa descrição.

Paralelamente a essa etapa, muitos autores foram consultados. De suas obras, algumas noções foram consideradas relevantes para a argumentação desta Dissertação: Garcia (2000, p. 30) afirma que “a tendência a considerar a ordenação das palavras em latim como livre é errônea”, já que a colocação das palavras em latim se faz de acordo com uma ordem natural própria da índole da língua.

A partir de estruturas latinas e comparando-as com as estruturas equivalentes do português, a autora descreve a ordem que considera regular em latim, e afirma que normalmente o termo nominativo inicia a oração e o verbo a encerra. Entre eles, é comum serem colocados o dativo, o acusativo e o ablativo, nesta ordem.

Quanto às formas verbo-nominais, a autora reserva a elas um capítulo à parte (Unidade VIII), no qual descreve cada forma verbo-nominal, exemplificando e comentando acerca de seu comportamento morfossintático.

Marouzeau (*Op. cit.*), que trata exclusivamente da ordem das palavras em latim, praticamente fundamentou a nossa descrição sobre a padronização relativa das estruturas frasais latinas e ofereceu subsídios relevantes para a análise dos casos de complexidade sintática. De outros trabalhos seus, aproveitamos noções importantes ora para corroborar a descrição da natureza sintática da língua latina (1941 e 1949) ora para subsidiar as considerações de natureza estilística (1946).

Ernout et Thomas (*Op. cit.*), cuja obra trata exclusivamente da sintaxe latina, descreve os tipos de estruturas oracionais do latim de forma detalhada. Apresenta um capítulo sobre a ordem das palavras, a partir do qual se pode confirmar uma ordem preferencial ou habitual. Apresenta também um capítulo para cada classe lexical, entre elas as formas verbo-nominais, descrevendo detalhadamente o seu comportamento nas frases.

Climent (1973), que também trata especialmente da sintaxe latina, reserva um capítulo para cada forma verbo-nominal, no volume I, além de tratar de perífrases verbais (p. 339-46).

No capítulo XX (p. 347-63), apresenta o infinitivo como complemento de nomes e de verbos; no capítulo XXI (p. 365-86), apresenta os tipos de participio e sua função como oração subordinada. No capítulo seguinte (p. 387-403), comparando o gerúndio com o gerundivo, ressalta as origens e os significados de tais formas e descreve particularidades de cada uma delas; finalizando o volume I, no capítulo XXIII (p. 405-8), apresenta o supino.

No volume II, comenta sobre a origem da oração de infinitivo e descreve os termos que se relacionam com o núcleo verbal e as funções de complementos objetivo e subjetivo, que podem exercer, e, por fim, trata de particularidades das orações de infinitivo.

Cart et al (1986), em sua Gramática Latina, embora trate das formas verbo-nominais subliminarmente, limitando-se a apresentá-las (p. 98) e descrevendo sinteticamente os seus empregos principais, mais adiante (p. 127), comenta sobre as ocorrências da substituição facultativa e da substituição obrigatória do gerúndio pelo gerundivo.

Faria (1995), no capítulo IX (p. 401-12) da sua Gramática da Língua Latina, apresenta as formas nominais do verbo, descrevendo os seus empregos e fazendo comentários morfosintáticos acerca de cada uma daquelas formas.

Câmara Jr. (1989; 1991) apresenta nessas duas obras subsídios para uma teorização sintática, baseada no Estruturalismo Americano, que constituiu a metodologia do projeto da Dissertação, que ora se desenvolve. No primeiro livro – “Princípios de Linguística Geral” –, o autor nos apresenta o Estruturalismo Americano e discorre sobre a conveniência de sua aplicação nos estudos de análise linguística do português. No outro – “Problemas de linguística descritiva” –, fornece-nos um modelo de descrição e descreve vários casos interessantes do português. De Câmara Jr. (*Op. cit.*) – “Contribuição à estilística portuguesa” – também nos valem para uma teorização estilística e para a análise dos aspectos estilístico-sintáticos das estruturas analisadas.

Além desses autores, que respaldam o resultado dos estudos que ora apresentamos, muitos outros foram consultados durante a elaboração do trabalho em si.

De posse desse material e dos subsídios teóricos apresentados principalmente por Marouzeau (*Op. cit.*) e Ernout et Thomas (*Op. cit.*), pudemos formular a argumentação para

comprovar a hipótese do caráter estilístico no uso das formas verbo-nominais nas odes horácianas do *Liber Primus*.

Para isso, distribuímos os temas em três partes fundamentais.

Na primeira, limitar-nos-emos a apresentar uma fundamentação teórica acerca da estrutura sintática do latim, oriunda de compêndios gramaticais sobre a sintaxe latina, considerando a contribuição dos estudos lingüísticos modernos, advindos de Saussure (*Op. cit.*), Câmara Jr. (*Op. cit.*), Coseriu (1980 e 1987), entre outros, e acerca dos fenômenos estilísticos, causados principalmente pela colocação dos termos na frase, criando as mais variadas figuras de linguagem.

Na segunda, apresentaremos a descrição das estruturas sintáticas em que figuram as diversas formas verbo-nominais sob a perspectiva da Estilística Sintática, na tentativa de comprovar a nossa hipótese sobre o uso estilístico-sintático das formas verbo-nominais naquelas odes.

Por fim, a terceira parte ficou reservada para a tomada de posição, que se evidencia nas conclusões finais.

Neste trabalho, portanto, a análise que se fará de cada forma nominal dos verbos latinos valorizará a sua contextualização, a qual se baseia no relacionamento da forma em referência com os outros termos sintáticos, considerando as estruturas de base, sob a perspectiva da existência de uma ordem natural, e a possibilidade de um uso estilístico nos casos em que a colocação dos termos na frase não se faça conforme a relativa padronização, que os estudiosos da sintaxe latina preconizam e que concebemos.

1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 – Natureza dos tipos de estruturas sintáticas latinas

Considerando a estrutura oracional do português escrito, mormente no que se refere à colocação das palavras, que se organizam em sintagmas de funções sintáticas diversas, poderíamos dizer que se trata de uma língua SVO (Sujeito-verbo-complemento), já que os seus termos se organizam preferencialmente em ordem direta¹. Ou seja, há uma padronização estrutural prevista na língua portuguesa.

¹ Sobre a ordem direta da língua portuguesa, confira Pontes (1987).

Entretanto, tal padronização não caracteriza a língua latina, já que, sendo ela uma língua de declinações, em que ocorriam alterações morfossintáticas, causadas pelo acréscimo de desinências casuais, conforme a função sintática que uma dada palavra exercesse na estrutura lingüística, a ordem dos termos na frase não era especialmente direta e nem se fazia obrigatória. Sobre isso afirmam Ernout et Thomas (*Op. cit.*), corroborando Marouzeau², a quem faz referência em nota de rodapé:

Le maintien de la flexion nominale a fait que l'ordre des mots n'a jamais pris en latin de signification syntaxique, cf. supra, § 10. On constate pourtant certaines habitudes ou préférences qui n'ont rien de strict. (ERNOUT ET THOMAS, 1959, § 188, p. 161)³

Em decorrência dessa asserção, poderíamos concluir que as palavras poderiam ser colocadas em qualquer ordem e que o resultado de ordem comunicativa seria o mesmo. Contudo, essa conclusão não é correta ou pelo menos não é conveniente, porquanto a ordenação das palavras em latim não era exatamente livre.

Em relação a essa possível liberdade, Marouzeau (1953) observa que “se em latim a ordem das palavras é livre, ela não é indiferente, uma vez que a escolha da construção sempre é determinada ou pelo uso, ou pelo sentido, ou pelo estilo, ou ainda pelo ritmo, cuja sistematização se torna difícil de se estabelecer, embora a sua efetivação se dê sob certas leis ou tendências”⁴. Embora o autor não esclareça a que modalidade da língua ou a que gênero de texto se refere, pode-se depreender que se refere ao texto literário, mais provavelmente à poesia, como se pode observar no seguinte fragmento:

On explique, enfin, volontiers le choix de l'ordre par des préoccupations d'harmonie ou d'euphonie (répartition des sons), par la tendance à réaliser certaines formes structurales (rapprochement ou oppositions, parallelisms, chiasmes). En particulier, dans l'énoncé versifié, on invoque soit la commodité métrique, soit une faveur qui s'attacherait aux places initiale ou finale de member. (MAROUZEAU, 1953, p. x)⁵

² Ernout et Thomas nos remete aos estudos de Marouzeau, sobre a ordem das palavras na frase latina (MAROUZEAU, 1922; 1938; 1949).

³ “A manutenção da flexão nominal tem feito com que a ordem das palavras em latim nem sempre se prenda à significação sintática, cf. acima § 10. Constatam-se, portanto, certos hábitos ou preferências que não são precisos.” (ERNOUT ET THOMAS, 1959, § 188, p. 161)

⁴ “Toutefois, si en latin l'ordre des mots est libre, il n'est pas indifférent. Le choix de la construction est déterminé dans chaque cas particulier par des considérations très diverses, d'usage, de sens, de style, de rythme, qu'il est difficile de réduire de réduire en système, mais qui prêtent à l'observation de certaines lois ou tendances.” (MAROUZEAU, 1953, p. ix) – “Todavia, se em latim a ordem das palavras é livre, não é indiferente. A escolha da construção é determinada em cada caso particular por considerações bem diversas, de uso, de sentido, de estilo, de ritmo, que é difícil de resumir em sistema, mas que favorece à observação de certas leis ou tendências”.

⁵ “Explica-se, enfim, de bom grado a escolha da ordem por preocupações com a harmonia ou com a eufonia (boa reprodução dos sons), pela tendência a realizar certas formas estruturais (aproximações ou oposições, parale-

Principalmente, porque o autor faz uma ressalva, afirmando que no enunciado versificado particularmente se ressalta ou a comodidade métrica ou a preferência de uma colocação inicial ou final de um certo termo, como se pode constatar no fragmento supracitado.

Na prosa, por exemplo, prevalecia uma ordem natural própria da índole da língua: normalmente a frase iniciava-se com o termo nominativo (sujeito) e se finalizava com o verbo, como já afirmamos anteriormente. Na poesia, em que a liberdade de colocação se nos parece mais livre, também não o é, pois o resultado de ordem comunicativa quase sempre se altera, sugerindo interpretações variadas, que caracterizam um uso estilístico.

De fato, quando a linguagem está a serviço da forma versificada, como ocorre no texto poético e em especial na poesia latina, um elemento específico para a determinação da ordem das palavras se torna fundamental: a metrificação, que faz com que a construção da frase seja considerada em função da estrutura métrica em detrimento da estrutura sintática esperada – aquela que justificaria a ordem natural da língua.

Pode, não obstante, haver entre um enunciado poético e um enunciado não-poético uma coincidente organização sintática, como também pode não haver tal coincidência ou ainda um verdadeiro conflito entre as divisões dos enunciados, uma vez que as divisões métricas não se estabelecem da mesma forma que as divisões do enunciado não-poético.

Daí, a necessidade de se examinar a ordem natural das palavras nas estruturas oracionais latinas, considerando a ordem das palavras das estruturas oracionais denominadas regulares e a possibilidade de outras organizações a serviço da metrificação, para depois observar o comportamento das formas nominais dos verbos e os termos a que se relacionam nas estruturas das odes horacianas que serão o objeto da nossa análise.

1.2 – A ordem das palavras na estrutura oracional do latim

Primeiramente, convém ressaltar que em português as estruturas oracionais se organizam em sintagmas (termos sintáticos) e não exatamente em palavras⁶, como é comum em latim, já que nas estruturas oracionais latinas uma palavra de função periférica, não-raro e até mesmo em conformidade com uma regra de colocação, se apresenta distante do seu núcleo⁷.

Essa observação se faz mister em virtude de terem os sintagmas do português uma constituição diferente das estruturas latinas, a qual poderíamos considerar também sintagmas –

lismos, quiasmos). Em particular, no enunciado versificado, busca-se ou a comodidade métrica, ou um artifício que se relacione à posição inicial ou final de um termo.” (MAROUZEAU, 1953, p. x)

⁶ Confira Perini (2001, p. 42-5 e 2006, p. 45-6) e Carone (1998, p. 46-50).

⁷ Confira Ernout et Thomas (1959, p. 161-3), Marouzeau (1953) e Garcia (2000, p. 30-2).

Marouzeau (*Op. cit.*, p. 1-31) denominou “grupos nominais” (“**Les groupe nominaux**”) os sintagmas nominais.

As regras de colocação das palavras que compõem os sintagmas das referidas línguas não são as mesmas. Em decorrência disso, uma colocação de uma determinada classe de palavra, contrariando a regra preestabelecida da língua portuguesa, constitui uma das figuras de sintaxe (anástrofe, hipérbato, sínquise ou prolepse), o que configura um uso estilístico, já que sempre causa um efeito expressivo.

Certamente, a mesma análise deve ser feita sobre uma estrutura latina em que se verifica uma colocação diferente daquela descrita pelos especialistas em sintaxe latina sob a denominação de “ordem natural”⁸.

Assim como o fez Marouzeau, o método que adotaremos na análise das estruturas sintáticas da língua latina consiste em interpretá-las, considerando as construções de base, as quais se estabelecem a partir dos grupos sintáticos, que aquele autor assim identificou: “adjetivo–substantivo”, “preposição–regime”, “cópula–atributivo”, “verbo–sujeito” e outros, sob a perspectiva do Estruturalismo.

1.2.1 – Generalidades quanto à colocação de palavras

Concebendo uma ordem natural, que se estabelece por conta da índole da língua, a estrutura latina se inicia com uma palavra em nominativo e se encerra com o verbo mais comumente na prosa. Apesar de uma relativa liberdade na poesia, muitos são os exemplos que comprovam essa ordem natural da língua latina, conforme se pode observar nos exemplos abaixo, retirados das odes de Horácio:

(04) “*Nil mortalibus ardui est.*” (III, 37) – “Não há nada de árduo para os mortais.”

(05) “*Quis Martem tunica tectum adamantina / digne scripserit? (...)*” (VI, 13-4) – “Quem cantará digamente Marte, vestido com uma túnica dura como o diamante?”

(06) “*(...) Teucer Salamina patremque / cum fugeret, (...)*” (VII, 21-2) – “Quando Teucro fugia do pai em Salamina, (...)”

(07) “*(...) / cum tu coemptor undique nobilis / libros Panaeti Socraticam et domum / mutare loricis Hiberis, / pollicitus metiora, tendis?*” (XXIX, 13-6) – “(...), já que tu, que prometeras coisas melhores, visas a trocar pelas trincheiras ibéricas a família socrática e os livros do ilustre Panécio, comprados por todas as partes?”

⁸ Ernout et Thomas (*Op. cit.*) e Marouzeau (*Op. cit.*) denominam “ordem preferencial ou habitual”.

Convém observar que, além desses acima, foram poucos os exemplos encontrados nas trinta e oito odes do *Liber Primus*, em que a estrutura oracional se inicia com um nominativo e termina com o verbo. Com formas verbo-nominais, além do transcrito em (07), que de fato se inicia com a conjunção, nenhum outro exemplo foi encontrado nas odes analisadas.

Ao iniciar o seu quarto capítulo, que trata das estruturas do enunciado, Marouzeau, observa que “um dos princípios mais comumente invocados para explicar a construção da frase latina é aquele que atribui um valor excepcional quer seja da posição inicial, quer seja da posição final” (*Op. cit.*, p. 87). Também na opinião do autor a palavra que inicia a estrutura frasal é quase sempre a mais importante, mas não é exatamente a posição inicial que lhe confere tal valor, já que um determinado termo pode desempenhar um papel muito importante na frase sem que ocupe a posição inicial.

Em relação à colocação do verbo, Marouzeau (*Op. cit.*, p. 44) afirma que “a posição final é a mais freqüente e pode ser considerada como a posição de base”. Em seguida, observa alguns casos em que o verbo, por conta de seu sentido próprio, ocupa a posição inicial, como é o caso daqueles que exprimem uma vontade, uma certeza ou uma afirmação forte. Depois faz alusão ao emprego do verbo no interior da frase, afirmando que tal colocação parece de ordinário subtrair-se de qualquer explicação.

Cette consideration expliquerait en latin l’insertion fréquente du verbe dans l’épaisseur de la proposition, particulièrement à la suite d’un mot de valeur. (*Id., ibid.*, p. 52)⁹

Marouzeau assevera que os fatos latinos, no que se refere à posição que o verbo ocupa na estrutura oracional, se acomoda mal a qualquer explicação. Não se acomoda a uma explicação que fundamenta num uso antigo, nem a uma que se refira a uma tendência da língua, nem a outra que justifique o deslocamento do verbo por força da atração de uma outra palavra com a qual se relaciona.

D’une part, la position intérieure, loin de se présenter comme une survivance, apparaît plutôt comme une innovation, en tout cas comme un phénomène em progress (cf. ci-dessous, par. 142).

En second lieu, s’il est vrai que le verbe, dans l’intérieur de la phrase, s’attache préférentiellement à un mot important ou mis en relief. (*Id., ibid.*, p. 52)¹⁰

⁹ “Tal consideração explicaria em latim a freqüente inclusão do verbo nos limites da proposição, particularmente depois de uma palavra de valoração.” (MAROUZEAU, 1953, p. 52)

¹⁰ “Por um lado, a posição interior, longe de se apresentar como uma sobrevivência, aparece antes como certa inovação, em todo caso como um fenômeno em progresso (cf. mais adiante § 142). Em segundo lugar, se é verdade que o verbo, no interior da frase, se liga preferencialmente a uma palavra importante ou posta em destaque.” (MAROUZEAU, 1953, p. 52)

Por fim, o autor assume que havia uma tendência no latim em se colocar o verbo no final da estrutura oracional e que se deve, pois, deixar de lado as diversas explicações sobre as outras colocações, embora não despreze o fato de que foi freqüente e crescente a colocação do verbo no interior das estruturas oracionais no decorrer do tempo.

Ernout et Thomas (*Op. cit.*), depois de afirmar que o verbo habitualmente é colocado no final da estrutura oracional¹¹, observa que em muitas delas pode ser encontrado em outras posições, comprovando tal asserção com exemplos de César, Terêncio e Petrônio. Também encontramos nas odes analisadas um número muito grande de estruturas em que tanto o nominativo como o verbo se colocam em outras posições; poucas são aquelas em que o verbo finaliza a estrutura, e ainda assim, sem que se iniciem com o nominativo; e da mesma forma, em um número muito pequeno o nominativo inicia a estrutura oracional e, quando isso se dá, o verbo se encontra nas mais variadas posições.

A segunda posição da estrutura oracional é normalmente ocupada por uma palavra acessória, que pode ser uma complementação (termo circunstancial) do verbo ou um predicativo e, não-raro, uma conjunção, no caso das estruturas oracionais subordinadas ou coordenadas. Ernout et Thomas (*Op. cit.*) observam que também é muito comum a ocorrência de pronomes nessa posição.

(08) “*Quem uirum aut heroa lyra uel acri / tibia sumis celebrare, Clio?*” (XII, v. 1-2) – “Que homem ou herói tu, ó Clio, escolhes para celebrar com a lira ou com a flauta aguda?”

(09) “(...). *Quae generosius / perire quaerens nec muliebriter / expauit ense* (...)” (XXXVII, v. 20-1) – “Ela, desejosa de morrer mais dignamente, nem temeu, à maneira das mulheres, a espada (...)”

Poucas foram as estruturas encontradas com essas características nas odes horácianas, pois o segundo termo pode ser de qualquer tipo, mesmo quando a estrutura se inicia com nominativo. E quando se trata de estruturas oracionais subordinadas, é a conjunção que as inicia na maioria das ocorrências.

(10) “(...), *dum pudor / inbellisque lyrae Musa potens uetat / laudes egregii Caesaris et tuas / culpa deterere ingeni.*” (VI, v. 9-12) – “(...), quando a timidez e a musa soberana de minha lira imprópria para a guerra se opõem a diminuir, por falta de gênio, as glórias do egregio César e as tuas.”

¹¹ O autor utiliza o vocábulo “**phrase**” (“frase”), que foi substituído por “estrutura oracional” por questões puramente didáticas, uma vez que entendemos serem diferentes as noções de cada uma dessas estruturas léxicas: a frase é todo enunciado de sentido completo, enquanto a estrutura oracional é qualquer estrutura que contém verbo.

O vocativo, que é uma frase nominal, é ordinariamente posposto à estrutura oracional. No entanto, por ser uma estrutura independente, pode ser colocado em outras posições como ocorre no português; até mesmo no interior de uma estrutura oracional.

(11) “(...), *neu sinas Medos equitare inultos / te duce, Caesar.*” (II, v. 51-52) – “(...) e nem permitas, sendo tu o chefe, galoparem os medos impunes, ó César.”

(12) “*Nos, Agrippa, neque haec dicere nec grauem / Pelidae stomachum (...) / conamur, tennes grandia, (...)*” (VI, v. 5-9) – “Nós, Agripe, fracos, não tentamos celebrar estas grandiosidades nem a rigorosa cólera do filho de Peleu, (...)”

(13) “(...). *O beate Sesti, / uitae summa brevis spem nos uetat inchoare longam.*” (IV, v. 14-5) – “Ó afortunado Séstio, a breve totalidade da vida impede-nos de conceber uma longa esperança.”

1.2.2 – Estruturas com determinante (Dte) e determinado (Ddo)

Quanto à relação do determinante (termo periférico, do tipo adjetivo) com o determinado (termo nuclear), observa-se que é natural a sua colocação anterior ao termo a que se refere – o seu núcleo. Essa relação constitui um dos grupos nominais, de que trata Marouzeau (*Op. cit.*), definindo-o como a união de dois termos nominais, dos quais um é o determinado – o núcleo de natureza substantiva – e o outro, o determinante – o periférico de natureza adjetiva.

Assim, o adjetivo precede o substantivo na maioria das vezes. Contudo, caso o adjetivo tenha valor de uma determinação atributiva, como é o caso dos participípios como em (15), ou sirva para classificar uma categoria, normalmente sucede o substantivo.

(14) “(...), / *defluit saxis agitatus (Dte) umor (Ddo), / (...)*” (XII, v. 28) – “(...), a água agitada escorre do rochedo, (...)”

(15) “(...), *neu populus (Ddo) frequens (Dte) / ad arma cessantis, ad arma / concitet imperium-que frangat.*” (XXXV, v.15-7) – “(...) e que o povo numeroso não excite às armas quem descansa, às armas e arruínem o império.”

Marouzeau observa que a determinação feita por um adjetivo pode ser de dois tipos: qualificativo ou discriminativo. Constitui uma qualificação quando faz referência às noções de grau, de beleza, ou de outros julgamentos de valor; uma discriminação, quando exprime uma característica distintiva do ser, relativa a sua natureza, ou função ou constituição psíquica. O autor assevera que o adjetivo qualificativo tende a preceder o núcleo substantivo a que

se refere, enquanto o adjetivo discriminativo o sucede. Em seguida, faz referências ao valor ocasional do adjetivo, uma vez que nem sempre se pode observar nitidamente a diferença entre esses dois valores. Quanto a isso, o autor ressalta o fato de certos adjetivos comumente utilizados como discriminativos assumirem o valor qualificativo quando precede o seu núcleo substantivo. Sobre esse emprego intencional, afirma o seguinte:

Pour un Romain, le préjugé national fait que les adjectifs *Romanus* et *Graecus*, ethniques, donc discriminatifs, sont employés très fréquemment, l'un comme laudatif, l'autre comme dépréciatif, donc comme qualificatifs. Le résultat, c'est qu'ils prennent souvent la place du qualificatif, devant leur substantif. (*Id., ibid.*, p. 5)¹²

Como se pode constatar na afirmação supracitada, é a natureza da expressividade que direciona a escolha da colocação daquele tipo de adjetivo – adjetivos étnicos – por parte do usuário. Se a intenção do usuário era a pejoração ou a valoração de um desses adjetivos étnicos, que de modo geral são discriminativos, a ordem esperada deixava de acontecer e se estabelecia a inversão. O mesmo acontecia com os adjetivos derivados de nomes de grandes personagens (Ex.: “O Sócrates et Socratici uiri!” – “Ó Sócrates e homens sócráticos) e com qualquer adjetivo discriminativo que enunciasse uma característica susceptível de ser interpretada como depreciativa ou valorativa (Ex.: “o ferrum scriptorem!” – “Ó escritor duro como um ferro!”). Assim, nesses casos, a ordem esperada é a ordem rara, e a ordem excepcional passa a ser a ordem freqüente.

Quanto ao participípio, que normalmente funciona como determinante de um núcleo substantivo, o autor ressalta que a seu posicionamento em relação ao núcleo a que se refere depende de sua natureza temporal: o participípio, por exemplo, afirma o autor, normalmente pospõe o seu núcleo, uma vez que praticamente pertence à categoria dos discriminativos. E como tal, pode assumir o valor qualificativo e antepor o núcleo substantivo a que se refere. Também pode, como discriminativo, assumir valores afetivos com pejoração ou valoração e ser empregado como qualificativo anteposto ao núcleo com o qual se relaciona.

Contudo, outras arrumações, como por exemplo a interposição de um ou mais elementos entre o determinante e o determinado, podem ocorrer. Nas odes horácianas, deslocamentos de uma das palavras da estrutura oracional e até mesmo de uma outra estrutura, criando disjunções, são comuns. Além dos exemplos abaixo, em que se pode verificar uma disjunção

¹² “Para um romano, o preconceito nacional faz com que os patronímicos ‘*Romanus*’ e ‘*Graecus*’, portanto discriminativos, sejam empregados mais freqüentemente, um como enaltecedor, outro como depreciativo, logo, como qualificativos. O resultado, é que eles tomam muitas vezes o lugar de um qualificativo, diante de seu núcleo substantivo.” (MAROUZEAU, 1953, p. 5)

(“*patrios agros*” e “*Thracio uento*”, respectivamente), um número muito grande de estruturas com o fenômeno foram encontradas:

(16) “*Gaudentem patrios (Dte) findere sarculo / agros (Ddo) Attalicis condicionibus / nunquam demoueat, (...)*” (I, v. 11-3) – “Que nunca afastes, em condições de Átalo, quem se alegra em abrir os campos pátrios com a enxada, (...)”

(17) “*(...) Thracio (Dte) bacchante magis sub inter- / lunia uento (Ddo), / (...)*” (XXV, v. 9-12) – “(...), enquanto o vento da Trácia mais se agita sob o interlúcio.”

Quando o determinante se compõe de mais de uma palavra (determinante desenvolvido do tipo: “*(...) et praeceps Anio ac Tiburni lucus et uda / mobilibus pomaria riuis.*” (VII, v. 13-4) – “e os pomares banhados pelos móveis rios”) é comum serem colocados entre o seu núcleo (do determinante desenvolvido) e o núcleo substantivo a que se refere os outros termos que compõem o determinante desenvolvido ou um dos termos, numa estruturação em quiasmo, como no exemplo citado.

1.2.3 – Colocação do adjetivo atributivo

O atributivo (adjetivo em função de predicativo do sujeito) precede o verbo “*esse*” (“ser”). Segundo Ernout et Thomas (*Op. cit.*), a ocorrência de estrutura em que o atributivo pospunha o verbo caracterizava inicialmente um uso expressivo, mas que se tornou mais tarde um uso comum. De todas as odes analisadas, por mais estranho que possa parecer, foram encontradas apenas duas estruturas oracionais com atributivo e “*esse*”. Em uma delas se pode observar um atributivo posposto ao verbo.

(18) “*Quamquam festinas, non est mora longa; (...)*” (XXVIII, v. 35) – “Embora tu te apresses, a demora não é longa.”

Na outra estrutura, em virtude de uma certa complexidade, preferimos traduzi-la como uma estrutura de verbo impessoal de existência (“*Nil mortalibus ardui est*” (I, v. 37) – “Não há nada de árduo para os mortais!”).

Encontramos estruturas com as expressões fixas “*opus est*” (“é necessário”) e “*est nefas*” (“é sacrilégio”) e algumas, em que o nominativo em função de predicativo é um nome substantivo ou um pronome.

1.2.4 – Colocação do substantivo

O complemento determinativo (Dtivo) em genitivo, que é uma função adjetiva, normalmente precede o núcleo substantivo (Ddo) ao qual se refere, embora não-raro apareça posposto ao substantivo; nas fórmulas de filiação, como nos exemplos a seguir, o termo em genitivo sempre precede o seu núcleo substantivo, enquanto o termo em genitivo explicativo geralmente é colocado após o seu núcleo substantivo.

Marouzeau (*Op. cit.*) observa que, no caso de o complemento determinativo ser usado com valor discriminativo (referências a um determinado indivíduo ou a um grupo ou espécie), antecede o núcleo substantivo a que se refere. Também observa que há casos de expressões usuais do tipo “pater famílias” e “tribunus plebis”, em que o complemento determinativo pospõe o seu núcleo.

Em caso de o núcleo se fazer acompanhado de um adjetivo (Dte), o complemento determinativo (Dtivo) se coloca entre o determinante e o determinado, como em (19):

(19) “*audax Iapeti genus / ignem fraude mala gentibus intulit*” (III, v. 27-8) “O audaz filho de Japeto (Prometeu) trouxe o fogo aos povos por um erro funesto.”

(20) “*Occidit et Pelopis genitor, (...), / et Iouis arcanis Minos admissus (...)*” (XXVIII, v. 7-9) – “Do mesmo modo morreu o pai de Pélops, (...), e Minos, que foi admitido nos segredos de Júpiter, (...)”

O complemento em dativo – correspondente, na maioria dos casos, ao objeto indireto do português – precede normalmente o complemento em acusativo – correspondente, na maioria dos casos, ao objeto direto do português –, e ambos precedem o verbo. Nas odes analisadas, tal comportamento nada tem de regular; a incidência de deslocamentos e inversões entre os termos é efetiva, como se pode observar em (21), em que a disjunção dos termos “*ingrato otio*” (em dativo) e “*celeris uentos*” (em acusativo) estão dispostos em forma de quiasmo, sendo separados pela flexão verbal (“*abruit*”).

(21) “*(...), ingrato celeris obruit otio / uentos ut caneret fera / Nereus fata: (...)*” (XV, v. 3-5) – (...), cobriu Nereus os rápidos ventos de uma calma ingrata para que profetizasse as terríveis perdições: (...)”

A complementação em ablativo geralmente precede o verbo a que se refere, sendo às vezes separada do verbo pelos seus complementos. Em Horácio, assim como ocorre com os complementos, a complementação em ablativo pode ser colocada em outras posições, como no seguinte exemplo:

- (22) “(...), *cur perirent / funditus inprimeretque muris / hostile aratrum exercitus insolens.*” (XVI, v. 19-21) – “(...), porque pudessem rapidamente e um insolente exército firmasse um arado inimigo além dos muros.”

A aposição a núcleos substantivos normalmente é feita com a posposição do termo apositivo – aposto – ao núcleo substantivo a que se refere.

- (23) “(...) / *grata detinuit compede Myrtale / libertina, fretis acrior Hadriae / curuantis Calabros sinus.*” (XXXIII, v. 14-6) – “(...), a agradável Mirtale, uma libertina, mais violenta que as ondas do Mar Adriático, dobrando as enseadas da Calábria, me prendeu com algemas (numa paixão).”

A anteposição do aposto caracteriza um uso expressivo; foram encontrados nas odes analisadas quatro exemplos. Em (24), pode-se observar a antecipação de “*Maecenas*” em relação ao núcleo substantivo “*eques*”, para o qual funciona como aposto; em (25), ocorrem dois termos em função de aposto: “*mares*”, em relação a “*uos*” e “*natalem*”, em relação a “*Delon*”, numa estrutura complexa, em que se estabelece um quiasmo com disjunção.

- (24) “(...), *datus in theatro / cum tibi plausus, / care Maecenas eques, (...)*” (XX, v. 3-5) – “(...), quando o aplauso foi dado a ti no teatro, ó estimado cavaleiro Mecenas.”
- (25) “*uos Tempe totidem tollite laudibus / natalemque, mares, Delon Apollinis (...)*” (XXI, v. 9-10) – “Vós, os machos, celebrai exatamente com tanto de louvores o vale Tempe e Delos, pátria de Apolo (...)”

1.2.5 – Colocação dos pronomes

Os pronomes demonstrativos em função adjetiva habitualmente são colocados antes do núcleo substantivo a que se referem, enquanto os pronomes possessivos são colocados depois do seu núcleo. A ordem inversa desses elementos põe o núcleo em evidência e caracteriza um uso expressivo, conforme ressaltam Ernout et Thomas (*Op. cit.*).

Marouzeau (*Op. cit.*, p. 17), contudo, afirma que tanto os demonstrativos como os possessivos, que se assemelham aos adjetivos discriminativos, ocupam quase sempre a segunda posição em relação ao seu núcleo substantivo.

Ambas as ordens foram evidenciadas nas odes analisadas, porém o exemplo abaixo selecionado se nos parece interessante, pois não só ocorre a anteposição do pronome possessivo como também foi colocada a forma verbo-nominal (“*rumpere*”) entre ele e o seu núcleo

substantivo (“*tuas nuptias*”), além da posposição do adjetivo “*uetus*” ao núcleo substantivo “*regnum*”, com a interposição de “*Priami*”. Os dois casos (de disjunção no primeiro e hipérbato no segundo) criam um efeito expressivo.

(26) “(...): ‘*Mala ducis aui domum / quam multo repetet Graecia milite, / coniurata tuas rumpere nuptias / et regnum Priami uetus.*’” (XV, v. 5-8) – “Com mau agouro, tu conduzes para casa aquela a quem, com exército numeroso, reclamará a Grécia, conjurada para romper tuas núpcias e o velho reino de Príamo.”

Quanto à colocação dos demais pronomes, Marouzeau observa que normalmente ocupam a primeira posição, como o fazem os adjetivos em geral.

1.2.6 – Colocação do advérbio

Em princípio, assim como ocorre no português, o advérbio latino goza de uma considerável liberdade e pode, portanto, figurar em diferentes posições na estrutura oracional. Marouzeau também observou essa característica do advérbio latino:

L’adverbe peut jouer dans la phrase des rôles multiples.
D’abord, il faut mettre à part le cas où l’adverbe jouit d’une quasi indépendance, constituant une sorte de préface à l’énoncé, et est à ce titre placé en tête de phrase. (*Id.*, *ibid.*, p. 57)¹³

O autor afirma, ainda, que o advérbio pode fazer referência a um enunciado inteiro, sem se prender a um termo em particular. Nesse caso, pode ser colocado em qualquer lugar na estrutura oracional.

Não obstante, o advérbio, que funciona como adjunto adverbial, é comumente colocado imediatamente antes do termo que modifica (um adjetivo, ou um verbo, ou um outro advérbio), salvo certos advérbios como “*ferè*” e “*potius*” no sentido de “somente” que, de ordinário, pospõem o termo ao qual fazem referência. Quando modificam verbos transitivos, os complementos do verbo normalmente são colocados entre o advérbio (que aparece na primeira posição) e o verbo. Não-raro, porém, a serviço da métrica ou da expressividade, são colocados no início ou no final da estrutura.

¹³ “O advérbio pode desempenhar múltiplos papéis na frase. Primeiramente, convém pôr à parte o caso em que o advérbio goza de uma relativa independência, constituindo uma espécie de prefácio ao enunciado, e é por esse motivo colocado no início da frase.” (MAROUZEAU, 1953, § 143, p. 57)

(27) “(...), *saepe disco / saepe trans finem iaculo nobilis expedito?*” (VIII, v. 10-1) – “(ele que é) famoso muitas vezes com o disco, muitas vezes com o dardo livre para além do alvo?”

(28) “*Inuicem moechos anus arrogantis / flebis in solo leuis angiportu / (...)*” (XXV, v. 9-10) – “Por sua vez, envelhecida, tu, fútil, deplorarás os homens devassos numa solitária vieira, (...)”

1.2.7 – Colocação da preposição

Primeiramente, convém ressaltar, como o faz Marouzeau, que o termo denominado preposição originou-se no latim da classe dos advérbios; no enunciado, tem uma função sintático-semântica por precisar relações de tempo, lugar, causa, entre outras circunstâncias, mais ou menos como o fazem os advérbios.

Na época clássica, a natureza adverbial de uma dada preposição era ainda mais sentida em formas fixas. Com o passar do tempo, contudo, o termo em emprego preposicional ganha uma certa mobilidade:

Mais, avec le temps, le terme preposicional est apparu comme régissant le mot dont il précisant la fonction; d’où la constitution d’un groupe syntaxique dans l’intérieur duquel on peut observer des variations d’ordre. (*Id., ibid.*, p. 62)¹⁴

Normalmente a preposição inicia o grupo sintático de que faz parte. As preposições monossilábicas, por exemplo, são de modo geral seguidas imediatamente pelo seu regime. As preposições dissilábicas, no entanto, têm emprego diferente, mais autônomo: freqüentemente pospõem o pronome relativo (“*quem propter*”, “*quam circum*”, etc.); muito raramente pospõem um substantivo; as que compõem uma estrutura com o “*que*” (“*circumque*”, “*praeterque*”, “*ultraque*”, etc.), em que ocorre a intercalação de “*que*”. As dissilábicas de formação mais recente, em que o valor adverbial é amenizado, gozam de uma considerável liberdade de colocação, como é o caso de “*circa*”, “*contra*”, entre outras. As preposições dissilábicas “*causa*” e “*gratia*” raramente antepõem o termo regido.

Marouzeau observa que, de modo geral, a preposição se coloca entre os elementos de uma composição de regime complexo (estruturas em que se coordenam elementos), e que a

¹⁴ “Mas, com o passar do tempo, o termo preposicional surge como regente de uma palavra cuja função define; daí, a constituição de um grupo sintático no interior daquele grupo se pode observar com as variações de ordem.” (MAROUZEAU, 1953, § 156, p. 62)

intercalação da preposição (em um dos termos da composição) é rara tanto para as monossilábicas quanto para as dissilábicas.

Quando a preposição determina dois termos que se relacionam, como é o caso do sintagma constituído de um nome substantivo e seu determinante ou predicativo, a preposição pode encaixar-se entre os constituintes do sintagma. No caso de o determinante preceder o determinado, a intercalação da preposição é freqüente.

Ambos os usos são largamente encontrados nas odes horácianas analisadas, como no exemplo abaixo em que os dois empregos ocorrem:

(29) “(...) / aut *in umbrosis Heliconis oris* / aut *super Pindo gelidou*e *in Haemo*?” (XII, v. 6-7)
– “(...) ou nas sombrias regiões do Helicon ou sobre o Pindo ou no gelado Hemo?”

Apesar de essas ordens de palavras ocorrerem com mais freqüência na língua latina, estruturas com outras ordens podem ser encontradas com uma certa facilidade, mormente na poesia, em que o poeta tem muito mais responsabilidade com a métrica e com a beleza e expressividade das estruturas lingüísticas.

Logo, quebras na ordem que poderíamos considerar regular ou natural podem ser observadas na prosa e, sobretudo, na poesia. Naquela, muitas das vezes constituem quebras aparentes, como é o caso de estruturas em que ocorrem seqüências fixas com um significado específico, como é o caso de “*opus est*” e “*est nefas*”; na poesia, em que tais seqüências fixas também ocorrem, como constatamos nessas odes horácianas, as quebras da ordem natural apresentam sobremaneira matizes estilísticos, já que normalmente um deslocamento ou uma inversão de termos são feitos pelo artista de forma intencional e com o objetivo de criar um efeito expressivo.

2 – AS FORMAS VERBO-NOMINAIS LATINAS

Existem em dois grupos de nomes verbais em latim: o grupo que é formado de nomes que valem por substantivos – infinitivo, supino e gerúndio –, e o grupo que é formado de nomes que valem por adjetivos – participio e gerundivo.

2.1 – Infinitivo

O infinitivo latino é um substantivo verbal que pode ocorrer no presente, no passado e no futuro, nas vozes ativa e passiva.

O infinitivo presente ativo, que é o infinitivo propriamente dito, se caracteriza pela terminação em “-re” (*amare, delere, legere, capere* e *audire*), salvo no caso de “esse” e seus compostos, em que o sufixo de infinitivo “-se” se mantém inalterado (não sofreu rotacismo) e no caso dos verbos de radicais consonânticos (do tipo “uelle”), em que ocorre o fenômeno da assimilação total progressiva. Na voz passiva, se caracteriza pela terminação “-ri” (“*amari*”, “*deleri*” e “*audiri*”) e “-i” (“*legi*” e “*capì*”).

O infinitivo perfeito ativo forma-se com o acréscimo do sufixo “-isse” ao radical do *perfectum* (*amauisse, deleuisse, legisse, cepisse* e *audiuisse*); o passivo é perifrástico e se forma com o particípio passado em acusativo, seguido de “esse”. Formado a partir do radical de supino, o particípio passado, como adjetivo de primeira classe, em acusativo, apresenta-se com a terminação em “-um”, “-am” e “-um” (no singular) e “-os”, “-as” e “-a” (no plural).

O infinitivo futuro ativo é perifrástico e se forma com o radical do supino, acrescido de “-urum”, “-uram” e “-urum” e seus plurais, seguido de “esse” (ex.: “*amaturum, -uram, -urum* ou *amatuos, -uras, -ura esse*”); o passivo também é perifrástico, porém, invariável, e se forma com o supino e a forma do infinitivo impessoal do verbo “ire”: “*iri*” (“*amatum, deletum, lectum, captum* e *auditum iri*”).

Com apoio na *Syntaxe Latine*, de Ernout et Thomas, mostramos, de forma resumida, o duplo emprego do infinitivo:

1) Emprego Nominal

O infinitivo presente ativo e passivo é um antigo substantivo que exprime tão-somente uma noção verbal. Em sua função nominal, é empregado:

a) como sujeito ou atributo de “esse”, sobretudo em expressões do tipo “*aequum est*”, “*nefas est*”, etc.

No § 275, Ernout et Thomas fazem referência ao infinitivo de fim que “na língua falada e na poesia substituía o supino em ‘-tum’, junto a verbo de movimento”¹⁵, como em “*Proteus pecus egit altos / uisere montes*” (Od. I, 2, 7-8) – “Proteu levou seu rebanho para visitar as montanhas elevadas”

b) como complemento de impessoal – denominação a que preferimos “unipessoais” –, como “*decei*”, “*oportet*”, “*iuuat*”, “*opus est*”, “*satis est*”, etc.

c) como complemento de verbo de vontade, de poder, de esforço, como “*uolo*”, “*possum*”, “*propero*”, etc.

¹⁵ “En outre, dans la langue parlée et en poésie, l’infinitif était substitué au supin en -tum auprès des verbes de mouvement.” (ERNOUT ET THOMAS, *op. cit.*, § 275, p. 260) – “Em outro (caso), na língua falada e na poesia, o infinitivo era substituído pelo supino em ‘-tum’ próximo a verbos de movimento.”

2) Emprego verbal

- a) em oração dependente – construção em que o infinitivo foi assimilado como forma pessoal de verbo como proposição infinitiva.
- b) em oração independente – infinitivo histórico, exclamativo, com traços de jussivo.

A forma verbo-nominal de infinitivo presente, caracteriza-se, ainda, por funcionar fundamentalmente numa proposição infinitiva como acusativo (complemento verbal – objeto direto) de um verbo transitivo, ou como nominativo (sujeito).

Trata-se de uma oração em que o infinitivo está empregado com o sujeito em acusativo – *accusatiuus cum infinitiuo* – na função de complemento ou sujeito do verbo da proposição principal.

Junto a verbos de vontade, há construções em que o infinitivo forma uma locução verbal como em português, o que mostra o exemplo abaixo:

- (30) “(...), / *quo non arbiter Hadriae / maior, tollere seu ponere uolt freta.*” (III, v. 15-6) – “(...), do qual nenhum maior dominador do Adriático quer ora levantar, ora acalmar os mares.”

Por ser um nome verbal, o infinitivo indicar uma ação e mantém a sua a regência: “*freta*” é complemento dos infinitivos “*tollere*” e “*ponere*”, que, com “*uolt*”, formam uma locução verbal.

Junto a verbos de esforço, o infinitivo serve-lhe de complemento, como no exemplo a seguir:

- (31) “(...) / *cum tu coemptos undique nobilis / libros Panaeti Socraticam et domum / mutare loricis Hiberis, / pollicitus meliora, tendis?*” (XXIX, v. 13-6) – “(...), já que tu, que prometeras coisas melhores, visas a trocar pelas trincheiras ibéricas a família socrática e os livros do ilustre Panécio, comprados por todas as partes?”

Nesse exemplo, podemos observar que a forma de infinitivo presente ativo “*mutare*”, com seu complemento composto “*coemptos undique nobilis libros Panaeti*” e “*Socraticam domum*” e complementação circunstancial em ablativo “*loricis Hiberis*”, funciona como complemento verbal do transitivo “*tendis*”.

Há no infinitivo “*mutare*”, em função nominal, um matiz de finalidade, pelo valor semântico de “*tendis*”.

Ernout et Thomas (*Op. cit.*, § 271, p. 255) afirmam que essa forma verbo-nominal, muito raramente substantivada em um outro tempo (perfeito e futuro), pode funcionar como sujeito ou atributo (predicativo) de “*esse*”. Sobre a função de sujeito, os autores observam:

C’est d’un point de vue purement grammatical et extérior que l’infinitif est alors considéré comme sujet: “mentir est laid”. En réalité, il sert de complément d’objet à la locution formée avec *esse*, comme, du reste, en français dans le tour “il est honteux de mentir”. (ERNOUT ET THOMAS, § 272, p. 257)¹⁶

Os autores acrescentam que o infinitivo presente pode também servir de complemento (que consideramos sujeito) a verbos impessoais (*Ibidem*, § 272), que preferimos chamar de unipessoais –, como: “*licet, decet, libet, placet, iuuat, necesset est, opus est*”, entre outros, assim como complemento de verbos volitivos, de poder, de esforço, etc., como: “*uolo, nolo, cupio, possum, scio, paratus sum, moror*”, e muitos outros.

Vejamos esta passagem:

(32) “(...) / *durum: sed leuius fit patientia / quicquid corrigere est nefas.*” (XXIV, v. 19-20) – “(É) duro: mas torna-se mais suave com a paciência tudo aquilo que é sacrilégio corrigir(mos).”

O infinitivo presente ativo “*corrigere*”, termo integrante da expressão que serve de sujeito a “*fit*” (“*quicquid corrigere est nefas*”) desempenha, por sua vez, o papel de sujeito de “*est nefas*”. A noção expressa de indeterminação do sujeito sublinha a ação verbal, mas há também a possibilidade de se traduzir com sujeito em 1.^a pessoa do plural “nós”.

Ernout et Thomas também observam que a forma de infinitivo além de seu emprego nominal, pode vir acompanhada de sujeito em acusativo – *accusatiuus cum infinitiuo* –, em proposição infinitiva.

O emprego verbal do infinitivo, em oração dependente, serve de sujeito ou de objeto a verbos declarativos (*declarandi*), de percepção ou de sentimento (*sentienti*), de vontade (*uoluntatis*).

Na função de complemento de um verbo transitivo (Cf. Anexo 1), a forma verbo-nominal de infinitivo pode apresentar-se com um sujeito físico, normalmente em acusativo, ou subentendido, que lhe é próprio, ou seja, diferente do termo que exerce a função de sujeito na oração dita principal. Nesse caso, a estrutura em infinitivo com seus eventuais sujeito, complementos e complementações circunstanciais, constitui um complemento oracional em

¹⁶ “É de um ponto de vista puramente gramatical e externo que o infinitivo é então considerado como sujeito: ‘mentir é feio’. Na realidade, ele serve de complemento objeto à locução formada com “*esse*”, como, de resto, em francês no enunciado ‘il est honteux de mentir’ (‘é vergonhoso mentir’).” (ERNOUT ET THOMAS, § 272, p. 257)

latim, que traduzimos como objeto direto em forma de uma estrutura oracional, correspondente a uma oração subordinada substantiva objetiva direta:

- (33) “*Vidimus flauom Tiberim retortis / litore Etrusco uiolenter undis / ire deiectum monumenta regis / templaque Vestae, / (...)*” (II, v. 13-6) – “Vimos o amarelado Tibre, com suas águas repelidas violentamente do litoral da Etrúria, ir destruir os monumentos reais e os templos de Vesta.”

No exemplo acima, podemos observar que a forma de infinitivo presente ativo “*ire*”, com seu sujeito em acusativo singular masculino “*flauom Tiberim*”, e a complementação circunstancial, expressa pelo supino “*deiectum*”, em acusativo de fim (com seu complemento em acusativo composto “*monumenta regis templaque Vestae*”), forma uma estrutura oracional que serve de complemento oracional do verbo transitivo “*uidimus*”.

Junto à locução perifrástica com “*est*” ou a verbos unipessoais, tem-se também o infinitivo em em única estrutura oracional, que apresenta, subentendido ou claro, um sujeito em acusativo e funciona como oração subordinada substantiva subjetiva, sujeito da proposição principal.

- (34) “*Vrgent inpauidi te Salaminius / Teucer, te Sthenelus sciens / pugnae, siue opus est imperitare equis, / non auriga piger; (...)*” (XV, v. 23-7) – “Impávidos, ameaçam-te Salamino Teucro e Estênelo, hábil em guerra, ou, ágil cocheiro, se é necessário comandar os cavalos.”

A partir do nominativo “*Sthenelus*”, depreende-se a forma do sujeito do infinitivo “*imperitare*” – “*Sthenelus*” – como termos da oração subordinada subjetiva à locução “*opus est*”.

- (35) “*(...); hunc fidibus nouis, / hunc Lesbio sacrare plectro / teque tuasque decet sorores.*” (XXVI, v. 10-2) – “Convém a ti e às tuas irmãs consagrá-lo com novas liras e com o plectro (varinha de marfim) de Lesbos.”

O infinitivo “*sacrare*” com sujeito em acusativo “*te tuasque*” integram a oração infinitiva, sujeito de “*decet*”.

No caso de a forma de infinitivo ser empregada com a função de sujeito para o verbo da oração principal, constitui o que denominamos sujeito oracional.

Também na função de sujeito de um verbo (Cf. Anexo 1), a forma verbo-nominal de infinitivo pode apresentar-se com um sujeito físico, normalmente em acusativo, ou subentendido, que lhe é próprio. Nesse caso, a estrutura em infinitivo e seus eventuais sujeito, comple-

mentos e complementações circunstanciais, que traduzimos como sujeito em forma de uma estrutura oracional, corresponde a uma oração subordinada substantiva subjetiva:

(36) “*Maecenas atavis edite regibus, / o et praesidium et dulce decus meum, / sunt quos curriculo puluerem Olympicum / collegisse iuuat (...)*.” (I, v. 1-4) – “Ó Mecenas, nascido de antepassados reais, meu sustentáculo e minha doce glória, há aqueles aos quais agrada terem juntado a poeira olímpica ao carro;(...)”

Merece atenção a estrutura “*sunt quos curriculo puluerem Olympicum collegisse iuuat*”, em que se observa o emprego do infinitivo “*collegisse*”, como sujeito oracional do verbo unipessoal “*iuuat*”, parte integrante da oração adjetiva “*quos curriculo puluerem Olympicum collegisse iuuat*”, de cujo termo introdutor, o pronome relativo indefinido “*quos*” – objeto direto de “*iuuat*” –, depreende-se o sujeito em nominativo “*ei*”, de “*sunt*”, em oração principal, e o sujeito em acusativo “*eos*” do infinitivo perfeito “*collegisse*”, em oração subordinada substantiva subjetiva – sujeito de “*iuuat*”.

Logo, a forma de infinitivo perfeito ativo “*collegisse*”, com seu sujeito subentendido e com seus complementos em dativo “*curriculo*” e em acusativo “*Olympicum puluerem*”, funciona como sujeito do verbo transitivo unipessoal “*iuuat*”.

Assim, a forma verbo-nominal de infinitivo, acompanhada ou não de complementos e complementações circunstanciais, quando funciona como sujeito de uma oração principal, denominamos “sujeito oracional” (em que se verifica um sujeito determinado, que é próprio à forma de infinitivo) ou “sujeito em infinitivo” (sem sujeito próprio).

Portanto, resumindo a descrição feita acerca das funções sintáticas da forma verbo-nominal de infinitivo em latim, pode-se dizer que ora exerce a função de complemento verbal, como “complemento oracional” ou “complemento em infinitivo”, ora exerce a função de sujeito, como “sujeito oracional” ou “sujeito em infinitivo”.

Segundo Ernout et Thomas, como comentamos anteriormente, o infinitivo também pode ser empregado na função de atributo – predicativo do sujeito (Cf. *ibidem*, § 273, p. 258), contudo, nenhum exemplo foi encontrado nas odes analisadas.

Os referidos autores ainda observam que o infinitivo, que é fundamentalmente empregado para completar verbos transitivos, foi muito empregado como complemento de nome em detrimento do gerúndio e do gerundivo (Cf. *ibidem*, § 280, p. 269).

Convém lembrar que as outras funções, normalmente desempenhadas por um nome substantivo, mas que o infinitivo, apesar de ser um substantivo verbal, não desempenha, são preenchidas pelas formas verbo-nominais de supino ou de gerúndio, que estudaremos a seguir.

2.2 – Supino

Segundo Ernout et Thomas (Cf. *ibidem*, § 276, p.261), o supino latino – nome de ação em “-tus” integrado ao sistema verbal – formava ou contribuía para formar três casos na declinação do infinitivo: acusativo de direção (supino em “-tum”), que era a mais usada, e dativo-ablativo (supino em “-tu”).

A forma de acusativo, empregada para indicar a finalidade, vinha, sobretudo, junto a verbos de movimento e tinha, como os verbos, o seu próprio regime.

As formas em “-tu”, que exprimiam uma noção passiva, eram empregadas junto a certos adjetivos, como “*facilis*”, “*utilis*”, “*bonus*”, “*dignus*”, entre outros. Ao supino em “-tu” era possível subordinar uma oração substantiva.

Nas odes analisadas, somente uma ocorrência de supino foi observada:

(37) “*Vidimus flauom Tiberim retortis / litore Etrusco uiolenter undis / ire deiectum monumenta regis / templaque Vestae, / (...)*” (II, v. 13-6) – “Vimos o amarelado Tibre, com suas águas repelidas violentamente do litoral da Etrúria, ir destruir os monumentos reais e os templos de Vesta.

O supino “*deiectum*”, em acusativo, junto a “*ire*” (verbo de movimento em oração infinitiva), serve para indicar a finalidade e, como nome verbal de verbo transitivo, vem seguido de um complemento composto “*monumenta regis templaque Vestae*”.

Normalmente, no lugar da forma de supino em qualquer daqueles casos, empregava-se uma forma de gerúndio precedida da preposição “*ad*”. Tal fato corrobora a observação de Ernout et Thomas (*Ibidem*, § 277, p. 262) no que se refere à importância do gerúndio em relação a do supino no papel de preencher as funções substantivas do infinitivo.

Não obstante, foram identificadas treze estruturas com o emprego de uma forma de infinitivo, das quais onze funcionam como complemento da significação de um adjetivo, emprego comum ao supino (Cf. Anexo 1).

Como vimos anteriormente (2.1), a forma de infinitivo era propriamente empregada como complemento de verbos transitivos e como sujeito de certos verbos e expressões verbais – os denominados impessoais ou unipessoais –, e que as formas de gerúndio, de forma mais efetiva, e de supino comumente preenchiam o quadro de declinações do infinitivo, como é o caso da complementação de certos adjetivos (indicando finalidade) e de certos verbos (indicando finalidade).

Nos exemplos a seguir, dos 11 registrados no Anexo 1, podemos constatar o emprego de uma forma de infinitivo, no qual se poderia encontrar uma forma de supino:

(38) “*te canam, magni Iouis et deorum / nuntium curuaeque lyrae parentem, / callidum quicquid placuit iocoso / condere furto.*” (X, v. 5-8) – “Contarei a ti, mensageiro do grande Júpiter e dos deuses e criador da lira côncava, (a ti) astuto em guardar com um jocoso ardil tudo quanto (te) aprouve.”

(39) “(...), / *blandum et auritas fidibus canoris / ducere quercus.*” (XII, v. 11-2) – “(...), atraente em conduzir os carvalhos atentos às (suas) harmoniosas liras.”

Observe que em (38) o infinitivo presente ativo “*condere*”, com a complementação em ablativo “*iocoso furto*” e o complemento oracional “*quicquid placuit*”, funciona como complemento do adjetivo “*callidum*”, expressando uma finalidade. Em (39), a forma de infinitivo presente ativo “*ducere*”, com seu complemento “*auritas fidibus canoris quercus*”, funciona como complemento do adjetivo “*blandum*”.

2.3 – Gerúndio

Ao introduzir o estudo de gerúndio, Ernout et Thomas (Cf. *Ibidem*, § 277, p. 262) o colocam lado a lado com o adjetivo em “*-ndus*” (gerundivo, para nós), “que tiveram na declinação do infinitivo uma parte muito mais importante que o supino”.

Trata-se de um mesmo adjetivo verbal, adjetivo que, no caso do gerúndio, foi substantivado e, por seu caráter substantivado, servia para as construções absolutas. Como verbo, podia receber complemento direto em acusativo, emprego ao qual era preferido o do adjetivo verbal em “*-ndus*”, que denominamos gerundivo.

Mais à cette construction l’usage était souvent de préférer l’adjectif verbal en *-ndus* en accord avec le nom qui aurait été le complément, l’ensemble étant au cas où aurait été le gérondif: *cupidus uidendae urbis.* (*Id., ibid.*, § 277, p. 263)¹⁷

Como nome substantivo, o gerúndio segue a 2.^a declinação e apresenta apenas um acusativo (precedido pela preposição “*ad*” na expressão de finalidade), um genitivo, um ablativo e um dativo.

Sua forma é caracterizada pelo acréscimo ao radical de *infectum* do sufixo “*-nd-*” e as desinências apropriadas (ex.: Acu.: *ad amandum* – “para amar”; Gen.: *amandi* – “de amar”; Dat.: *amando* – “para amar”; e Abl.: *amando* – “com amar, por amar, a fim de amar”).

¹⁷ “Mas para essa construção o costume era, muitas vezes, de preferir o adjetivo verbal em “*-ndus*” em concordância com o nome que seria o complemento, ocorrendo o mesmo no caso em que seria o gerúndio: *cupidus uidendae urbis.*” (ERNOUT ET THOMAS, § 277, p. 263)

A forma de gerúndio assemelha-se à forma de gerundivo, porém sua semelhança, que é parcial, é apenas morfológica ou, mais propriamente, gráfica, porquanto apresentam funções e significados diferentes. Contudo, não faltam na literatura latina exemplos de concorrência entre essas duas formas verbo-nominais em determinados contextos lingüísticos, em que prevalece a intenção expressiva do usuário no emprego de um em detrimento do outro, embora os tradutores de língua portuguesa não hesitem em traduzi-los de uma mesma forma (ex.: “*minimeque (...) atque ea, quae ad effeminandos animos*” (CÉSAR, “*De Bello Gallico*”) – “raramente importam as coisas que servem para enfraquecer os ânimos” como se fosse “*minimeque (...) atque ea, quae ad effeminandum animos*”).

De fato, nos gêneros masculino e neutro dos casos acusativo, genitivo, dativo e ablativo singulares, as formas de gerundivo e de gerúndio se confundem, posto que se identificam, o que não ocorre no caso do gênero feminino e no plural, cujas desinências utilizadas em congruência com o núcleo substantivo a que o gerundivo (adjetivo verbal) se refere garantem a clareza das expressões. O gerúndio, por sua vez, não apresenta tais declinações de gênero e de número.

No *Liber Primus*, Horácio usou o gerúndio apenas duas vezes: numa, como complemento determinativo, por nós traduzido como oração subordinada adjetiva reduzida de infinitivo (adjunto adnominal) e noutra, como complemento circunstancial.

(40) “*cui dabit partis scelus expiandi / Iuppiter? (...)*” (II, v. 29) – “A quem Júpiter dará o papel de expiar o crime?”

A forma de gerúndio em genitivo explicativo “*expiandi*”, com seu complemento em acusativo singular neutro “*scelus*”, funcionando como complemento determinativo do acusativo plural feminino arcaico “*partis*”, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva em infinitivo (oração reduzida fixa¹⁸).

(41) “*Lydia, dic, per omnis / te deos oro, Sybarin cur properes amando / perdere.*” (VIII, v. 1-3) – “Ó Lídia, diz-me, por todos os deuses eu te rogo, por que te apressas em perverter Síbaris, amando-o.”

A forma de gerúndio “*amando*”, em ablativo, expressa uma circunstância de tempo concomitante e funciona como uma complementação circunstancial, que foi traduzido como oração subordinada adverbial em gerúndio.

¹⁸ Segundo Bechara (1983, p. 168), as orações reduzidas fixas são aquelas “que normalmente não aparecem sob a forma desenvolvida”. Isto é, não se apresentam introduzidas por um conectivo do tipo conjunção ou locução conjuntiva e uma flexão verbal.

2.4 – Particípio

São três os participípios em latim: presente, passado e futuro. O participípio presente expressa uma ação sempre concomitante com a da oração em que ele se encontra. Como adjetivo uniforme caracterizado pelo acréscimo ao tema de *inflectum* do sufixo “-nt(i)”, segue a terceira declinação e dela recebe suas desinências.

Por apresentar, por vezes, em sua flexão uma única forma para os três gêneros, não se pode deprender o gênero senão de um núcleo substantivo, com o qual concorda também em número e caso.

Observa Ernout, em sua *Morphologie historique du latin* (1953, p. 58), que “a dupla forma de ablativo singular atesta ainda a existência de duas flexões, uma de um tema consonântico **ferent-*, outra de um tema em ‘-i’, **ferenti-*. O latim distinguiu estas duas formas no emprego; a forma em ‘-i’ é a que toma o participípio com valor adjetivo, por exemplo ‘*constanti animo*’, ‘*praesenti tempore*’; a forma em ‘-e’ está reservada aos participípios empregados com seu valor próprio: ‘*me praesente*’, ‘*millo rogante*’, ‘*ineunte tempestate*’ (ablativo absoluto), ou como substantivo: ‘*parente*’, ‘*cliente*’.”¹⁹

(42) “*Te maris et terrae numeroque carentis harenae / mensorem cohibent, Archyta, / pulueris exigui prope latum parua Matinum / (...)*” (XXVIII, v. 1-3) – “Ó Arquitas, a ti, mensurador do mar e da terra e do deserto que não tem medida, pequenos benefícios de um pouco de pó detêm-te próximo ao vasto Matino (...)”

(43) “*(...) / laeta quod pubes hedera uirenti / gaudeat pulla magis atque myrto / aridas frondes hiemis sodali / dedicet Euro.*” (XXV, v. 17-20) – “(...), porque a juventude alegre gosta da hera vigorosa e da murta mais escura e consagrará as folhas secas ao Euro, companheiro do inverno.”

O participípio presente “*carentis*” do exemplo (42), em genitivo singular feminino, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*harenae*”, para o qual, acompanhado de seu complemento em ablativo “*numero*”, serve de adjunto adnominal, traduzido como oração subordinada adjetiva restritiva, mas que poderia ser traduzido como um simples adjunto adnominal (“desmedido deserto”). Já em (43), o participípio presente “*uirenti*”, em ablativo singular feminino, concorda como um adjetivo com o núcleo substantivo “*hedera*”, servindo-lhe de

¹⁹ “A double forme de l’ablatif singulier atteste encore l’existence de deux flexions ; l’une thème consonantique **ferent-*, l’autre d’un thème en -i-, **ferenti-*. Le latin a distingué ces deux formes dans l’emploi ; la forme en -i est celle que prend le participe avec valeur adjectivale, par exemple *constanti animo*, *praesenti tempore*, la forme en -e est réservée aux participes employés avec leur valeur propre: *me praesente*, *millo rogante*, *ineunte tempestate* (ablatif absolu), ou comme substantifs: *parente*, *cliente*.” (ERNOUT, 1953, p. 58)

adjunto adnominal, que também poderia ser traduzido como uma oração subordinada adjetiva (“que floresce ou é vigorosa”).

Quanto à tradução para o português, normalmente a estrutura com a forma de particípio presente corresponde a uma oração relativa, que, em muitos casos, pode ser traduzida em forma de gerúndio, correspondente a uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio, por expressar uma ação momentânea.

(44) “(...), *uae, meum / feruens difficili bile tumet iecur.*” (XIII, v. 3-4) – “(...), ai! Meu fígado (com sentido de “íntimo”; “coração”), ardendo de penoso mau humor, fica intumescido.”

Nesse caso, optou-se pela tradução em forma de uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio, embora seja possível a tradução em forma de adjetivo (“ardente”) ou em forma de oração subordinada adjetiva (“que arde”), porque o particípio presente “*feruens*”, em nominativo singular neutro, com sua complementação em ablativo “*difficili bile*”, concorda como um adjetivo com “*iecur*”, funcionando como adjunto adnominal na estrutura “*meum iecur feruens difficili bile*”, expressa uma ação momentânea.

Não-raro, o particípio presente é tomado por substantivo. Encontramos três exemplos em que se verifica o emprego dessa forma verbo-nominal substantivada, funcionando como complemento verbal. Em (45), a forma de particípio presente “*laedentem*”, em acusativo singular masculino, foi substantivada e, com seu complemento em acusativo (“*dulcia oscula*”) e complementação adverbial (“*barbare*”), exerce a função de complemento de “*speres*”, que foi traduzido como oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta.

(45) “*Non, si me satis audias, / speres perpetuum dulcia barbare / laedentem oscula, (...)*” (XIII, v. 13-4) – “Se me ouvires bem, não esperarás para sempre quem fere de modo bárbaro os doces lábios, (...)”

Verifica-se, ainda, o emprego da forma verbo-nominal de particípio presente, numa estrutura de ablativo absoluto que funciona como uma espécie de adjunto adverbial. Trata-se, de fato, de um tipo de oração reduzida de particípio presente, em que o termo sujeito da oração desenvolvida correspondente passa para o ablativo e sua flexão verbal, tomando a forma de particípio presente, concorda com ele (o nome substantivo) em caso, gênero e número.

(46) “(...), *uagus et sinistra / labitur ripa Ioue non probante u- / xorius amnis.*” (II, v. 18-20) – “(...) e, indeciso, escoá-se na margem esquerda, sem o consentimento de Júpiter, o rio que é um marido carinhoso.”

No exemplo acima, podemos observar o particípio presente “*probante*”, em ablativo singular masculino, concordando com “*Ioue*”, com o qual forma uma estrutura de Ablativo Absoluto, que foi traduzida como uma estrutura circunstancial com valor modal. Convém ressaltar que tal estrutura de Ablativo Absoluto poderia ser traduzida como uma oração subordinada adverbial reduzida de gerúndio (“não aprovando Júpiter”) ou desenvolvida (“sem que Júpiter consentisse”).

Há casos de ablativo absoluto, principalmente com o verbo “*esse*” – que não apresenta a forma de particípio passado –, e a forma verbo-nominal é omitida, tendo apenas o nome substantivo em ablativo, como é o caso dos exemplos abaixo:

(47) “(...) / *neu sinas Medos equitare inultos / te duce, Caesar.*” (II, v. 51-2) – “(...) e nem consintas, sendo tu o chefe, ó César, galoparem os medos impunes.”

(48) “orte Saturno, tibi cura magni / Caesaris fatis data: *Tu secundo Caesare regnes.*” (XII, v. 50-2) – “(...) nascido de Saturno, a ti o cuidado do grande César pelos destinos foi confiado. Tu, vindo César como segundo, reinarás.”

Convém ressaltar, ainda, que muitas formas de particípio presente, num processo de cristalização na língua, constituem verdadeiras formas adjetivas, denominadas adjetivos participios. Nas odes analisadas, foram encontrados muitos exemplos em que se verifica o emprego de uma forma de adjetivo participio presente, funcionando como um simples adjunto adnominal, como é o caso do adjetivo participio presente “*olentis*”, em genitivo singular masculino, que concorda com “*mariti*” e lhe serve de adjunto adnominal, no seguinte exemplo:

(49) “(...) *deuiaie / olentis uxores mariti*” (XVII, v. 5-7) – “(...) as fêmeas, separadas de (seu) fedorento marido, (...)”

O particípio passado, que é uma forma de adjetivo verbal em “-to” não marca, à semelhança do particípio presente, o tempo em si mesmo, mas expressa uma ação passada, que se desenvolve anteriormente à do verbo da proposição em que se encontra.

Em virtude de seu valor primeiro, o particípio passado não se relaciona fundamentalmente à voz passiva, podendo ser empregado com verbo depoente, de valor ativo, traduzido como gerúndio.

(50) “(...) *Pater, et rubente / dextera sacras iaculatus arces / terruit urbem, (...)*” (II, v. 2-4) – E o Pai, atingindo as cidadelas sagradas com a sua avermelhada mão direita, aterrorizou a cidade, (...)”

O particípio passado “*iaculatus*”, em nominativo singular masculino, com seu complemento em acusativo “*sacras arces*” e a complementação em ablativo “*rubente dextera*”, concorda com “*Pater*”, para o qual serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como uma oração subordinada em gerúndio, por expressar ação momentânea. Também poderia ser traduzido como oração subordinada e adjetiva explicativa (“que atingiu as cidadelas sagradas com a sua avermelhada mão direita”).

O particípio passado pode ter, por vezes, um sentido aproximado ao do presente, como no exemplo seguinte, em que o particípio “*detestata*”, em nominativo plural neutro, em congruência com o substantivo “*bella*”, pode ser traduzido por “que são detestadas”.

(51) “*Multos castra iuuant et lituo tubae / permixtus sonitus bellaque matribus / detestata.* (...)” (I, v. 23-5) – “A muitos agradam os acampamentos e o som da trombeta, confundido com o (do) clarim, e as guerras detestadas pelas mães.”

O valor passivo do particípio passado desempenha importante papel na conjugação perifrástica para a expressão da passiva de *perfectum* (*amatus, -a, -um sum, eram, etc.*). Nas odes analisadas, não foi encontrado nenhum exemplo com a locução perifrástica de voz passiva com o auxiliar fisicamente presente; porém, no exemplo abaixo, tem-se um caso em que a forma de particípio passado “*data*”, em nominativo singular feminino, concordando como um adjetivo com “*cura*”, é parte da locução verbal de perfeito passivo “*data est*”, cujo auxiliar foi omitido:

(52) “*Gentis humanae pater atque custos, / orte Saturno, tibi cura magni / Caesaris fatis data.* (...)” (XII, v. 47-9) – “Ó pai e guardião da raça humana, nascido de Saturno, a ti o cuidado do grande César foi confiado pelos destinos.”

Logo, há casos, em que o auxiliar não vem expresso, em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de particípio passado em estrutura com o verbo auxiliar elíptico.

(53) “*Expertus uacuum Daedalus aera / pennis (...)*” (III, v. 35-6) – “Dédalo experimentou o ar livre com asas (...)”

Nesse caso, a forma de particípio passado “*expertus*”, em nominativo singular masculino, com o seu complemento em acusativo singular masculino “*uacuum aera*” e complementação em ablativo “*pennis*”, concordando como um adjetivo com “*Daedalus*”, é parte da conjugação perifrástica de perfeito do depoente “*experior*” (“*expertus est*”, que deve ser traduzida como se fosse ativa – “experimentou”), em que o auxiliar foi omitido.

Como verbo, mantém sua regência e pode, portanto, se fazer acompanhar de complemento e de complementações circunstanciais. Como nome, por ser um adjetivo verbal triforme, segue a declinação do adjetivo de 1.^a classe: a forma nominativa masculina singular em “-us” segue a 2.^a declinação; a forma nominativa feminina singular em “-a”, a 1.^a declinação; e a forma nominativa neutra singular em “-um”, a 2.^a declinação neutra. Logo, apresenta uma forma para cada um dos três gêneros, em congruência com o gênero do núcleo substantivo a que se refere e com o qual concorda também em caso e em número. Portanto, à forma de particípio passado será acrescida uma das respectivas desinências casuais de 1.^a e 2.^a declinações, como ocorre com os adjetivos dessa classe.

(54) “(...) *metaque feruidis euitata rotis palmaque nobilis / terrarum dominos euehit ad deos.*” (I, v. 5-6) – “(...) e a meta, evitada pelos carros violentos, e a nobre vitória eleva(m) a deuses os senhores das terras.”

Observe que o particípio passado “*euitata*”, em nominativo singular feminino, com o seu complemento em ablativo “*feruidis rotis*”, concorda como um adjetivo com “*meta*”, para o qual serve de predicativo. Poderia também ser traduzido como oração subordinada adjetiva (“que é evitada pelos carros violentos”), em que figure uma locução verbal de voz passiva.

Ao contrário do que ocorre com o particípio presente, o particípio passado poucas vezes era tomado por substantivo. Ernout et Thomas observam que o emprego substantivo dessa forma verbo-nominal encontra-se, sobretudo, circunscrito a certas formas como: “*legatus*”, “*praefectus*”, “*dictum*”, “*responsum*”, “*peccata*” e algumas outras.

Encontramos apenas esse exemplo a seguir, em que se verifica o emprego dessa forma verbo-nominal substantivada, funcionando como complemento verbal:

(55) “(...) *nec uariis obsita frondibus / sub diuum rapiam.*” (XVIII, v. 12-3) – “(...) nem, sob o céu, te arrebatarei objetos cobertos de várias folhas.”

Observe que foi substantivada a forma de particípio passado “*obsita*”, do verbo “*obsero*”, em acusativo plural neutro, acompanhado da complementação em ablativo “*uariis frondibus*”, funcionando como complemento direto do verbo transitivo “*rapiam*”.

À semelhança do particípio presente, ocorre, também, o emprego da forma verbo-nominal de particípio passado, numa estrutura de ablativo absoluto, que é um tipo de oração reduzida de particípio passado, em que o termo substantivo e a forma de particípio passado, ambos em ablativo, concordam em gênero e número.

(56) “*siue mutata iuuenem, figura / ales in terris imitaris, almae / filius Maiiae, patiens uocari / Caesaris ultor.*” (II, v. 41-4) – “Ou (que venhas) tu, que te deixas ser evocado como

vingador de César, se, mudada a fisionomia, imitas nas terras um jovem, ó alado filho da criadora Maia.”

Em (56), a forma de particípio passado “*mutata*”, em ablativo singular feminino, concorda com “*figura*”, com o qual forma uma estrutura de Ablativo Absoluto, que foi traduzida como oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio.

Vale lembrar que muitas formas de particípio passado, como se verificou anteriormente com a forma de particípio presente, são verdadeiros adjetivos, denominadas adjetivos participios. Foi encontrado no *Liber Primus* um número excessivo do emprego de adjetivo particípio passado (Cf. Anexo 1), que funciona como um simples adjunto adnominal, como em (56), em que o adjetivo particípio passado “*iunctas*”, em acusativo plural feminino, concorda com o núcleo substantivo “*fenestras*”, servindo-lhe de um simples adjunto adnominal.

(57) “*Parcius iunctas quantiunt fenestras / iactibus crebris iuvenes proterui (...)*” (XXV, v. 1-2) – “Mais raramente, os jovens ousados abalam as tuas janelas fechadas com movimentos insistentes.”

O particípio futuro é uma forma adjetiva ativa e, como o particípio presente e o passado, não marca o tempo em si mesmo; expressa, contudo, uma ação futura, a se desenvolver posteriormente à do verbo da proposição em que se encontra.

Sur le radical du participe passé passif sont formés le participe futur et l’infinitif futur actifs. (...) L’infinitif futur actif est une forme périphrastique composée du participe futur accompagné de *esse*. On a donc un infinitif futur de l’infectum (*amaturum, -am, -um esse*) auquel correspond un infinitif futur du *perfectum* (*amaturum, -am, -um fuisse*). (ERNOUT. 1953, § 320)²⁰

O particípio concorda com seu sujeito em gênero, número e caso e, em geral, o auxiliar “*esse*” não vem expresso, para evitar uma forma mais pesada.

Normalmente, a estrutura com a forma de particípio futuro corresponde a uma oração relativa, como no exemplo a seguir, em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de particípio futuro, que foi traduzida como adjunto adnominal e corresponde a uma oração subordinada adjetiva em tempo futuro.

²⁰ “Sobre o radical do particípio passado passivo foram formados o particípio futuro e o infinitivo futuro ativos. (...) O infinitivo futuro ativo é uma forma perifrástica composta do particípio futuro acompanhado de ‘*esse*’. Tem-se, então, um infinitivo futuro do *infectum* (*amaturum, -am, -um esse*), ao qual corresponde um infinitivo futuro do *perfectum* (*amaturum, -am, -um fuisse*).” (ERNOUT. 1953, § 320)

(58) “*Neglegis inmeritis nocituram / postmodo te natis fraudem committere?*” (XXVIII, v. 30-2) – “Negligencias cometeres tu um erro que depois irá prejudicar teus filhos, que não merecem?”

Em (58), a forma verbo-nominal de particípio futuro ativo “*nocturam*”, em acusativo singular feminino, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*fraudem*”, para o qual, com seu complemento em dativo “*inmeritis natis*” e complementação circunstancial “*postmodo*”, serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva em tempo futuro.

Ernout et Thomas (Cf. § 290, p. 278) observam que, por volta do final do período republicano, o particípio futuro passa a formar uma locução verbal com o verbo “*esse*” para indicar “a intenção de fazer algo”, “que se destina a fazer algo” ou “a iminência de se fazer algo”. Tais expressões não se confundem com a expressão de futuro em si.

No entanto, os autores observam que essa perífrase verbal (do tipo “*amaturus esse*” ou “*amaturus sim* ou *essem*”, em proposições dependentes) serviu de simples substituto ao futuro, principalmente no baixo latim. Afirmam que, fora esse emprego (o de parte da locução verbal) o particípio futuro passou a ter um emprego muito restrito: na prosa clássica, somente as formas “*futurus*” e “*uenturus*” são encontradas como adjetivo.

No caso do verbo “*esse*”, que só apresenta a forma de particípio futuro (“*futurus*, -a, -um”), tem-se, com um verbo auxiliar, a referida expressão perifrástica, como nesse único exemplo encontrado nas odes analisadas:

(59) “*Quid sit futurum cras, fuge quaerere, et / quem fors dierum cumque dabit, lucro / adpone (...)*” (IX, v. 13-5) – “Evita procurar em vão o que será amanhã, e qualquer dos dias que a sorte (te) conceder, junta ao lucro!”

Observe que o particípio futuro ativo “*futurum*”, em nominativo singular neutro, concorda como adjetivo com “*quid*” (sujeito da oração), compondo uma interrogativa indireta, como oração subordinada substantiva objetiva direta, que funciona como um complemento do infinitivo “*quaerere*”, que é transitivo.

2.5 – Gerundivo

O gerundivo, que Ernout et Thomas (*Op. cit.*) denomina “adjetivo em “*-ndus*”, entre outras funções, pode ser empregado como particípio futuro na voz passiva.

Os autores observam que o referido adjetivo verbal se estabelece plenamente no emprego de participio futuro passivo a partir do III ou IV séc. d. C.:

Toutefois, c'est seulement à partir du III^e-IV^e siècle ap. J.-C. que l'adjectif en *-ndus* s'établit pleinement dans rôle de **participe futur** passif. (ERNOUT ET THOMAS, *op. cit.*, § 297, p. 287) (grifo dos autores)²¹

Designa-se sob o nome de participio futuro passivo ou de adjetivo verbal ou ainda de “*gerundium*” um participio, formado de um sufixo “*-ndo*”, acrescentado ao tema de presente “*amandus*”.

Como adjetivo verbal triforme, segue a declinação do adjetivo de 1.^a classe, com uma forma para cada um dos três gêneros em congruência com o do seu núcleo substantivo.

Como verbo, também mantém sua regência e pode fazer-se acompanhar de complemento e de complementações circunstanciais.

O gerundivo também não marca o tempo em si mesmo; contudo, expressa uma ação futura e passiva, a se desenvolver posteriormente à do verbo da proposição em que se encontra, e normalmente inclui em sua significação as noções de obrigatoriedade, o que representa a expressão de grande sintetismo da língua latina.

A estrutura com a forma de gerundivo corresponde a uma oração relativa, como no exemplo a seguir, em que se verifica o seu emprego numa estrutura que funciona como adjunto adnominal. A estrutura com o gerundivo como participio futuro passivo, que foi traduzida como adjunto adnominal, corresponde a uma oração subordinada adjetiva em tempo futuro.

(60) “(...), *si tamen impiae / non tangenda rates transiliunt uada.*” (III, v. 24-5) – “(...), se, contudo, ímpias embarcações ultrapassam as vagas, que não devem ser tocadas.”

Nesse exemplo acima, o participio futuro passivo (gerundivo) “*tangenda*”, em acusativo plural neutro, concordando com “*uada*” como um adjetivo, é um adjunto adnominal, em cuja tradução se podem perceber as noções de passividade, futuro e obrigatoriedade. Daí, ter sido traduzido por uma oração subordinada adjetiva explicativa, em que figura uma locução verbal de voz passiva.

São três os empregos do gerundivo: 1) quando serve de voz passiva do gerúndio: nesse caso o gerundivo é considerado “*gerundium pro gerundio*”. Com os verbos transitivos em gerúndio, acompanhados de seu complemento direto, era comum em latim transformar a estrutura ativa com gerúndio para a passiva com o gerundivo. Essa passagem da ativa para a

²¹ “Todavia, é somente a partir do século III-IV d. C. que o adjetivo em ‘*-ndus*’ se estabelece plenamente no emprego de **participio futuro** passivo.” (ERNOUT ET THOMAS, 1959, § 297, p. 287)

passiva era muito comum quando o gerúndio, com o seu complemento direto, apresentava-se no acusativo, dativo e ablativo preposicionado (no genitivo e ablativo sem preposição poderia ocorrer a substituição); 2) acompanhada do auxiliar “*esse*”. Nesse caso, o gerúndio, que compunha uma locução verbal, no neutro impessoal, era um adjetivo e expressava uma noção de obrigação em voz passiva (ex.: “*Nunc est bibendum, (...)*” (XXXVII, v. 1) – “Agora deve-se beber, (...)”). Normalmente, aparecia no nominativo e, quando não apresentava um termo sujeito, no neutro; e 3) com os verbos “*dare, tradere, reliquere, concedere, sumere, curare* e outros”, como predicativo do objeto direto, expressava uma noção de intenção ou de fim.

Há casos em que se verifica o emprego da forma de adjetivo particípio futuro passivo (gerúndio), numa estrutura em que funciona como adjunto adnominal. Eis um dos dois únicos exemplos encontrados nas odes analisadas:

(61) “*Proeliis audax, neque te silebo, / Liber, et saeuus inimica uirgo / beluis, nec te, metuende certa / Phoebe sagitta.*” (XII, v. 21-4) – “Audaz nas lutas, eu nem te silenciarei, Líber, e nem a ti virgem inimiga dos animais ferozes, e nem a ti, Febo temível por sua seta certa.”

Em (61), a forma de particípio futuro passivo (gerúndio) “*metuende*”, em vocativo singular masculino, concorda como um simples adjetivo com “*Phoebe*”, para o qual funciona como adjunto adnominal. Convém observar que o verbo transitivo “*metuo*” se constrói com ablativo com preposição “*de*” ou “*ab*” e o adjetivo “*metuens*”, com genitivo. Contudo, o sintagma “*certa sagitta*” serve de complementação do adjetivo particípio “*metuende*”, como adjunto adverbial em ablativo sem preposição. Convém observar, também, que essa forma verbo-nominal não expressa futuridade e nem são fundamentais as noções de obrigatoriedade e de passividade. Ernout et Thomas (§ 297, item “c”, p. 287) observam que no gerúndio vários verbos marcam uma simples idéia de possibilidade como o adjetivo em “*-bilis*”.

Outras vezes, na poesia, a forma de gerúndio é substituída pelo infinitivo, como observam Ernout et Thomas (Cf. § 297, p. 286) a partir dos seguintes versos de Horácio:

(62) “*Musis amicus tristitiam et metus / tradam proteruis in mare Creticum / portare uentis, (...)*” (XXVI, v. 1-3) – “Eu, favorito das Musas, entregarei a tristeza e os medos aos violentos ventos, para eles (os) levarem para o mar de Creta.”

Em (62), a forma verbo-nominal de infinitivo presente ativo “*portare*”, com uma complementação em acusativo “*in mare Creticum*” funciona como complementação circunstancial com valor de finalidade da flexão verbal “*tradam*”, em substituição ao gerúndio “*portandos*” (em acusativo masculino plural, em função de predicativo do objeto).

Convém ressaltar que, por conta dessa flagrante expressão do sintetismo latino nas formas de gerundivo, uma única palavra latina como essa pode exigir várias em português para a sua tradução. Daí, o fato de que a grande dificuldade encontrada pelo tradutor o faz preferir traduzir o gerundivo como se fosse gerúndio, causando, quase sempre, um problema estilístico, em que a intenção do autor se nos apresenta atenuada ou totalmente destruída, como já observamos anteriormente.

3 – UM POUCO DE TEORIZAÇÃO ESTILÍSTICA

Primeiramente, convém ressaltar que a linguagem possui três funções fundamentais: representação mental, exteriorização psíquica e interação social (apelo), com já observava Bühler (1934), corroborado por Câmara Jr. (*Op. cit.*, p. 159 e 1978, p. 10-1).

Compreende-se por representação mental o fato de o ser humano poder demonstrar a sua compreensão das coisas que o cercam, ou seja, do mundo em que vive. Em consequência disso, uma vez que essa impressão que o cerca sempre lhe exige uma reação, todo ser humano normal sente a necessidade de exteriorizar seus pensamentos, seus estados de espírito, o que representa a sua expressão do que lhe vai na alma.

Logo, compreende-se por exteriorização psíquica o ato de exprimir o pensamento. E o ser humano exprime o que pensa principalmente com o objetivo de se fazer compreender e, assim, participar com o(s) outro(s) da vida em comum.

Compreende-se por interação social, por conseguinte, o fato de o ser humano estar integrado em uma comunidade, na qual o ato de sugerir é recíproco entre os seus membros.

Disso decorre a noção de estilo, que, grosso modo, se relaciona à maneira típica a partir da qual todo ser humano se individualiza em função da linguagem ao exprimir-se lingüísticamente. Essa noção constitui elemento de estudo da disciplina denominada Estilística.

Segundo Câmara Jr. (*Op. cit.*, p. 110), Estilística é a “disciplina que estuda a expressão em seu sentido estrito de EXPRESSIVIDADE (grifo do autor) da linguagem, isto é, a sua capacidade de emocionar e sugerir”.

Como se pode depreender da conceituação acima, o elemento de estudo da Estilística é a linguagem afetiva. E sendo a linguagem um instrumento de intercâmbio social numa dada comunidade, como foi dito anteriormente, cabe à Estilística estudar a expressividade das formas lingüísticas no seu papel de facilitadores da comunicação entre os membros de tal comunidade, isto é, a Estilística se preocupa com a capacidade que o homem tem de transmitir emoções e sugerir os seus semelhantes.

O fenômeno de transmissão de emoções e de interagir com o outro, sugestionando-o e se deixando sugestionar por ele, se dá por meio de processos fônicos, seleções de vocábulos, associações significativas e construções sintáticas, que se associam, respectivamente, aos estudos estilísticos denominados Estilística Fônica (ou Fono-Estilística), Estilística Morfológica ou Léxica (ou Morfo-Estilística), Estilística Semântica e Estilística Sintática, das quais somente a última será prestigiada, uma vez que o objetivo deste trabalho se resume na perscrutação do comportamento estilístico-sintático das formas verbo-nominais em odes horacianas.

Modernamente, mais precisamente no século XX, com o desenvolvimento dos estudos em Estilística do lingüista suíço Charles Bally, a partir do seu conceito da **langue** saussuriana, a Estilística é a parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o estilo.

Porém, entende-se por estilo uma personalidade em termos lingüísticos e não uma personificação em termos de individualidade. Ou seja, o estilo é o conjunto de processos que fazem da língua como um sistema complexo, que se efetiva em cada falante, meio de exteriorização e apelo.

Logo, o que advoga o lingüista suíço, corroborado por Câmara Jr., é uma Estilística da **langue**, já que seu objetivo “é o balanço dos processos expressivos (“efetivos” (*sic*) para Bally), em geral, de uma língua, independentemente dos indivíduos que dela se servem” (U-CHOA *apud*. CÂMARA Jr., 1978, prefácio).

Urge lembrar que a língua, segundo o conceito saussuriano, era concebida em termos lingüísticos, ficando de fora a manifestação psíquica e o apelo, os quais são funções emocionais – não-intelectivos.

Na Estilística da **langue**, o estudo lingüístico é mais amplo e consiste em considerar, além de um sistema de fundo intelectual (a que se restringiu Saussure e se restringe a Gramática) um sistema de expressividade incontestável por já fazer parte de uma língua como sistema complexo. Logo, a Estilística não nega a Gramática, mas, sobretudo, a complementa.

Considerando a Estilística da **langue** como foi apresentada anteriormente, a partir do conceito de estilo proposto por Bally, segundo o qual o sujeito falante se baseia num sistema lingüístico de representações intelectivas que estabelece a comunicação pela linguagem e dele se utiliza para que seus impulsos de expressão possam ser satisfeitos, não é a oposição entre o individual e o coletivo que caracteriza o estilo, mas sim a diferença facilmente perceptível entre o emocional e o intelectual. Ou seja, não é o fato de um falante se mostrar diferente no seu modo de usar a língua como se fosse portador de uma linguagem particular ou exclusiva – um idioleto –, que caracteriza o estilo; na verdade, é o fato de ele expressar-se de forma afetiva, influenciado pelo seu estado de espírito daquele momento. E é exatamente isso que

observou Juret (*Op. cit.*) em relação à língua latina, o que daria a ela um caráter iminentemente estilístico.

Portanto, a diferença entre Estilística e Gramática está na delimitação daquilo que aparentemente é o objeto de estudo de ambas – a língua. O objeto de estudo da Gramática é a língua intelectual (ou a parte intelectual da língua), enquanto o objeto de estudo da Estilística é a língua afetiva (ou a parte afetiva da língua) ao par da língua intelectual.

Isso é o mesmo que dizer que a língua como sistema complexo abrange o intelectual e o afetivo, e que a Estilística não nega a Gramática, mas a complementa, uma vez que à Gramática cabe estudar e registrar os fatos da língua geral ou padrão, normatizando-a e estabelecendo regras para o seu uso oral e escrito, e à Estilística, os traços não-coletivos do sistema e manifestações psíquicas da linguagem, que são transpostos para o plano da emoção e da vontade expressiva do indivíduo.

Generalizando, o estilo é a maneira típica pela qual cada usuário de uma dada língua se expressa lingüisticamente, o que o torna individual em função de sua linguagem. Nesta ótica, o que ocorre é que cada usuário faz, muitas vezes inconsciente, uma escolha entre as possibilidades de expressão oferecidas pela sua língua e que lhe são familiares, ou melhor, possibilidades de expressão que compõem a sua competência lingüística.

Porém, racionalizando, o estilo decorre realmente do impulso emotivo de cada indivíduo e do propósito, às vezes consciente, de suggestionar o outro, como se ele fosse um criador daquela linguagem utilizada. Mas não deve ser confundido com linguagem própria e especificamente individual, como se fosse um idioleto (que por questões óbvias, não existe, já que ninguém cria uma linguagem por si só e para si só). Mesmo se um indivíduo conseguisse se expressar por traços gramaticais excepcionais sem o intento de expressividade, não seria estilo, seria o que a Lingüística denomina idioleto.

O próprio Horácio (entre 68 e 65 a. C., v. 23-8), discorrendo sobre o assunto em sua *Ars Poetica: epistula ad Pisones*, sugere a busca do equilíbrio entre o estilo simples e o sublime, ou seja, o estilo médio, que tende ao sublime e, sobretudo, ao simples, de forma conveniente e de acordo com o contexto, advertindo-nos sobre os perigos de o estilo simples se tornar rasteiro e de o sublime, empolado.²²

²² “Denique sit quod uis, simplex dumtaxat et unum. / Maxima pars uatum, pater et iuuenes patre digni, / decipimur specie recti. Breuis esse laboro, / obscurus fio; sectantem leuia nerui / deficiunt animique; professus grandia turget; / serpit humi tutus nimium timidusque procellae; / qui uariare cupit rem prodigialiter unam, / delphinum siluis adpingit, fluctibus aprum.” – “Enfim, o que quer que pretendas seja, ao menos, simples e uno. A maior parte dos vates, ó pai e jovens dignos de tal pai, somos enganados pela aparência do que é certo. Esforço-me por ser breve, torno-me obscuro; falta nervo e inspiração ao que busca polidez; o que se propõe o sublime se faz empolado; arrasta-se por terra o que é muito cauteloso e temeroso de procela; o que deseja variar com prodígios um tema uno, pinta delfim nas selvas, javali nas ondas.” (Tradução de TRINGALI, 1993, p. 227-8)

Na linguagem literária, o estilo é muito importante, já que neste caso os processos estilísticos se encontram a serviço da obra literária. Resulta-se daí um confronto entre a norma padrão e a expressividade artística, e desse confronto se observam vários desrespeitos da norma lingüística (para os puristas) ou vários efeitos literários em detrimento da norma (para os literatos).

Na obra de arte, o estilo depende da intenção da obra, e pode o escritor apresentar vários estilos, se variadas forem as suas obras. É possível observar, também, a semelhança de estilo de um grupo de escritores com as mesmas tendências estéticas. Daí se falar em estilo de uma escola literária ou de uma época (Barroco, Arcadismo, Romantismo e outras).

Como o estilo constitui basicamente o impulso emotivo de cada indivíduo e o propósito de suggestionar o outro, na linguagem de cada indivíduo poderão ser observadas certas particularidades expressivas.

O conjunto de particularidades da língua afetiva, que é o sistema expressivo, denomina-se traços estilísticos.

Na linguagem literária, em que os processos estilísticos se encontram a serviço da obra literária, esses traços estilísticos normalmente são confundidos com erros gramaticais, já que o confronto entre a norma padrão (elementos da língua intelectual) e a expressividade artística (elemento da língua afetiva) normalmente se dá.

Porém, traços estilísticos, que são numerosos e muitos deles ainda carecem de estudos, não devem ser considerados erros gramaticais. Por isso, convém explicitar quando e como uma particularidade lingüística constitui um traço estilístico.

Do que já foi visto, pode-se depreender que, quando um indivíduo se utiliza de uma dada expressão lingüística (palavra ou frase) com intento expressivo, o faz com estilo, o que constitui o traço estilístico. Logo, em todos os exemplos da obra de Horácio apresentados anteriormente (e tantos outros constantes do Anexo 2) não há erros gramaticais, mas efeitos literários que constituem o conjunto de particularidades da língua afetiva a serviço da eficácia estética do que se quer comunicar.

Assim, não se deve entender que o estilo constitua uma negação da norma padrão de uma língua, e, portanto, não se pode confundir traço estilístico com erro gramatical. Aquele deve ser considerado um desvio intencional da norma gramatical; esse, um desvio sem qualquer intenção estética. Ou seja, embora ambos se desviem da norma gramatical, traços estilísticos são aceitos e constituem objeto de estudo da Estilística, enquanto erros gramaticais não são aceitos e devem ser evitados.

O objeto de estudo em si da Estilística é a língua, isto é, todos os domínios de um idioma, já que todos os fenômenos lingüísticos (desde as unidades mínimas concorrentes – os fone-

mas – até as construções sintáticas mais complexas) são importantes para o estudo que pretende ser completo no âmbito da expressividade, pois em todos os fatos da língua se pode manifestar a sensibilidade humana.

Apesar de a Estilística ser o estudo da parte afetiva da língua (ou a língua afetiva), não deixa de estudar a parte intelectual da língua (ou a língua intelectual), uma vez que elas não existem independentemente. Por isso, os estudos estilísticos se dizem completos, pois se efetivam nas relações recíprocas de ambas (intelectiva e afetiva) e se especializam no como e no porquê da expressão resultante de tais relações.

Os domínios de um idioma são: fonético, morfológico, lexical, sintático e semântico. Sendo todos os domínios do idioma o objeto de estudo da Estilística, seus campos de atuação não poderiam ser outros, senão esses. Daí, aquelas várias denominações de Estilística (a Fono-Estilística ou Estilística Fonética, a Morfo-Estilística ou Estilística Morfológica ou Léxica, a Estilística Semântica e a Estilística Sintática ou Estrutural), das quais consideraremos a Estilística Sintática como suporte da análise feita sobre as estruturas oracionais, selecionadas do Anexo 1.

Vale ressaltar que a Estilística Sintática ou Estrutural, como a própria denominação sugere, se preocupa com o valor expressivo das construções sintáticas e dos efeitos que delas decorrem.

Os fenômenos da Estilística Sintática ocorrem no âmbito da colocação de palavras, da regência e da concordância, como, por exemplo, na atração (concordância simpática), na silepse (concordância ideológica ou psicológica), na hendíadis (coordenação entre dois nomes em lugar de uma estrutura, em que um se subordina ao outro como adjunto adnominal), na amálgama sintática (mistura de dois ou mais regimes diferentes para um único regente) e, sobretudo, nas figuras de construção, que decorrem da inversão e deslocamento de termos, da sua omissão e repetição, entre outros fenômenos de ordem estrutural.

Além de todos esses fenômenos sintáticos, outros de natureza lexical (como por exemplo a metáfora) ou de pensamento (como por exemplo a hipérbole) também caracterizam o tipo de construções frasais escolhidas pelo escritor. Contudo, são os fenômenos sintáticos os mais relevantes numa análise que objetiva descrever o comportamento estilístico-sintático das formas vocabulares numa dada linguagem.

3.1 – Fenômenos estilístico-sintáticos

O que vamos denominar fenômenos estilístico-sintáticos são os empregos que, de certa forma, destoam daqueles que apresentamos como enquadrados numa ordem natural das pala-

vras nas estruturas oracionais latinas, considerando as construções de base, preconizadas por Marouzeau (Cf. 1.2).

Sendo a Estilística Sintática a responsável pelo estudo da expressividade das construções sintáticas e dos efeitos que delas decorrem, o exame dos fenômenos causados pelo comportamento das palavras nas estruturas oracionais se faz necessário.

Nas odes horácianas analisadas, apresentam-se inúmeros casos de figuras de linguagem, de tipos variados: metáforas, metonímia e símile – entre as figuras de palavras –, hipérbole e litote – entre as figuras de pensamento – e elipse, hipérbato, quiasmo, silepse, sínquise – entre as figuras de sintaxe. Também relacionamos entre os fenômenos de construção casos de concordância por atração, disjunção, paralelismo sintático, topicalização do verbo, tmese do pronome relativo indefinido e estrutura em ablativo absoluto, que, embora não sejam relacionados entre as figuras de linguagem pela literatura tradicional, caracterizam um emprego expressivo da língua em virtude da escolha de estruturação das frases.

Para o reconhecimento das estruturas, em que vislumbramos haver expressividade, não nos afastamos daquela idéia de que as divisões do enunciado não-poético e as divisões do enunciado poético nem sempre são coincidentes. Na poesia, a escolha de uma palavra e posição que ela ocupa no verso é sempre intencional, e na poesia latina se subordina à metrificação fundamentalmente, como afirma Marouzeau:

Un autre facteur déterminant de la disposition des mots dans le vers tient à ce qu'on peut appeler l'architecture métrique. Le vers étant métriquement défini par les coupes intérieure et finale, la phrase a une tendance à s'organiser en fonction de ces articulations. (MAROUZEAU, *op. cit.*, p. 105)²³

Certamente, a análise das estruturas que resultaram na identificação desses empregos considerados expressivos, os quais estão reunidos sob o título de “Fenômenos de Construção e Figuras de Linguagem nas Odes do *Liber Primus*, de Horácio” no Anexo 2, considerou a existência de uma ordem natural das estruturas oracionais do latim e a relativa padronização dos grupos sintáticos, que descrevemos em 1.1 e seus subitens. Foi, pois, a partir da comparação com as estruturas de base da língua em si, descritas anteriormente, que pudemos estabelecer tais empregos expressivos, considerando o objeto de estudo da Estilística da **langue**, que fundamenta a nossa análise.

Como “os traços não-coletivos do sistema e manifestações psíquicas da linguagem, que são transpostos para o plano da emoção e da vontade expressiva do indivíduo” compõem o

²³ “Um outro fator determinante da disposição das palavras no verso refere-se ao que se pode chamar de arquitetura métrica. O verso era metricamente definido pelos cortes internos e finais; a frase tem uma tendência a se organizar em função dessas articulações.” (MAROUZEAU, 1953, § 262, p. 105)

objeto específico da Estilística, sendo aqueles empregos o resultado de uma escolha por parte do poeta para a expressão de seus pensamentos, faz-se conveniente uma análise fundamentada nesses estudos.

Portanto, exemplificando com estruturas das odes do *Liber Primus*, de Horácio, reunidas no Anexo 2, passemos à identificação de algumas figuras de linguagem de ordem sintática, envolvendo a colocação das palavras, e de alguns fenômenos sintáticos, todos sob a denominação “fenômenos de construção”.

3.1.1 – Alguns fenômenos de construção e figuras de sintaxe

Serão considerados como fenômenos de construção os empregos que se nos apresentam diferentes daqueles que caracterizam uma ordem natural da língua latina. Como vimos anteriormente, há uma relativa padronização dos grupos sintáticos, mas que deixa de ser sentida, quando a linguagem está a serviço da métrica, do ritmo, da beleza da linguagem poética e, sobretudo, da vontade do escritor, que decorre do seu impulso emotivo e de um propósito, normalmente consciente, de sugerir o leitor.

Por conta disso, destacam-se muitos fenômenos de construção, causados pela atração – tendência à aproximação de termos que apresentam entre si uma certa relação de sentido ou de forma ou de construção –, pelo paralelismo sintático – construções simétricas e normalmente semelhantes em forma e em disposição dos termos –, pela disjunção – separação de termos de um grupo sintático, com a intercalação de outros termos –, pela topicalização – deslocamento de um termo para o início da frase, para que ele seja realçado –, e pela inversão ou deslocamento de termos.

Alguns desses fenômenos de construção constituem figuras de sintaxe, outros participam de um tipo dessas figuras de linguagem. Ambos os casos, porém, tornam o texto especial e provocam um efeito expressivo, que merecem ser observados.

a) Concordância por atração

É a concordância que se faz com o termo mais próximo, contrariando as regras de concordância gramatical existentes.

(63) “(...) *metaque feruidis / euitata rotis palmaque nobilis / terrarum dominos euehit ad deos* (...)” (I, v. 4-6)

(64) “(...), *dum pudor inbellisque lyrae Musa potens uetat / (...)*” (VI, v. 9-10)

(No primeiro exemplo, a flexão verbal que é de terceira pessoa do singular (“*euehit*”) concorda com o termo mais próximo (“*palma nobilis*”), que é parte do nominativo composto “*meta feruidis euitata rotis palmaque nobilis*”; no segundo, a flexão verbal também de terceira pessoa do singular (“*uetat*”) concorda com o termo mais próximo (“*Musa potens*”), que é parte do nominativo composto “ *pudor inbellisque lyrae Musa potens*”. Em ambos os casos, o verbo deveria estar na terceira pessoa do plural, em concordância com o seu sujeito composto.)

b) Disjunção

É a separação de termos de um grupo sintático, com a intercalação de outros termos, que podem ser da mesma estrutura sintática ou de uma outra a ela relacionada.

(65) “(...) *neque iam liuida gestat armis / bracchia, (...)*” (VIII, v. 10-1)

(66) “*nom uanae redeat sanguis imagini*” (XXIV, v. 15)

(No primeiro caso, ocorreu a separação do grupo nominal “*liuida bracchia*” por conta da intercalação de uma flexão verbal “*gestat*” e da complementação em ablativo “*armis*”; no segundo, o grupo nominal “*uanae imagini*” foi separado pela intercalação do verbo “*redeat*” e do nominativo metafórico “*sanguis*”).

c) Elipse

É a omissão de um termo sintático, por já ter sido apresentado anteriormente (oculto determinado pelo contexto), ou por ser implícito ou por ser subentendido.

(67) “*Nos conuiuia (cantamus), nos proelia uirginum / sectis in iuuenes unguibus acrium / cantamus*” (VI, v. 17-9)

(68) “*quem fors dierum (diem) cumque dabit, lucro / adpone (...)*” (IX, v. 14-5)

(No exemplo (67), a subentendida flexão verbal de primeira pessoa do plural “*cantamus*”, em concordância com o nominativo plural “*Nos*”, foi omitida na primeira estrutura oracional do período composto por coordenação; em (68), ocorre a omissão de um núcleo acusativo (“*diem*”), que pode ser subentendido no genitivo plural “*dierum*”. Observe-se que o pronome relativo indefinido em tmese “*quem... cumque*” está no acusativo, em concordância com o núcleo subentendido.)

d) Estrutura complexa

É a estrutura em que se observa uma complexidade na distribuição dos termos dos grupos sintáticos, o que dificulta a compreensão. Em português, denominamos “sínquise” a frase de grande complexidade, causada naturalmente por deslocamentos e inversões de termos.

(76) “*Luctantem Icariis fluctibus Africum / mercator metuens otium et oppidi / laudat rura sui*
(...)” (I, v. 15-7)

(77) “*Nos, Agrippa, neque haec dicere nec grauem / Pelidae stomachum cedere nescii, / nec*
cursus duplicis per mare Vlixei / nec saeuam Pelopis domum / conamur, tenues grandia,
(...)” (VI, v. 5-9)

(Em ambos os exemplos, verifica-se uma complexidade muito grande, causada pela disjunção dos termos dos grupos sintáticos: em (74), a dificuldade de compreensão é causada principalmente pela disposição dos termos do grupo nominal “*Luctantem Icariis fluctibus Africum mercator metuens*”; em (75), a complexidade é ainda maior, pois há diversas estruturas, e praticamente todos os termos estão deslocados, inclusive para dentro de uma estrutura oracional diferente, como é o caso dos grupos nominais “*haec grandia*” e “*cursus duplicis per mare Vlixei*”).

e) Paralelismo sintático

É a ocorrência de construções, que mantêm entre si uma simetria e normalmente apresentam uma forma semelhante quanto à disposição dos termos componentes.

(71) “*Est qui nec ueteris pocula Massici / nec partem solido demere de die / spernit, (...)*” (I, v. 19-21)

(72) “*ac neque iam stabulis gaudet pecus aut arator igni / nec prata canis albicant pruinis.*” (IV, v. 3)

(No primeiro caso, as estruturas destacadas compõem o complemento de “*spernit*”, apesar de a primeira parte do composto ser uma estrutura nominal e a segunda, uma estrutura oracional; em (72), as estruturas destacadas, que são oracionais, se coordenam num período composto. Considerando esses dois dos inúmeros exemplos encontrados nas odes analisadas (Cf Anexo 1), podemos perceber que podem ser dispostos em paralelismo termos de natureza nominal e oracional.)

f) Quiasmo

Entre os casos de quiasmo, relacionamos aquele em que ocorre a disjunção de dois grupos sintáticos distintos, em que os termos se cruzam, como se estivessem dispostos em forma de “χ” (“chi” – letra grega).

(73) “(...) *et praeceps Anio ac Tiburni lucus et uda / mobilibus pomaria riuis.*” (VII, v. 13-4)

(74) “*nec uenenatis grauida sagittis, Fusce, pharetre.*” (XXII, v. 3-4)

(Em ambos os exemplos, pode-se observar o cruzamento de grupos nominais em forma de “χ”: em (73), são dois grupos nominais de um grande grupo nominal que se cruzam (“*uda pomaria*” e “*mobilibus riuis*”, já que o determinado “*pomaria*” tem um determinante desenvolvido “*uda mobilibus riuis*”; em (74), além do cruzamento de dois grupos nominais em ablativo (“*uenenatis sagittis*” e “*grauida pharetre*”), que se relacionam entre si, ocorre a intercalação do vocativo “*Fusce*”.)

g) Silepse

É concordância psicológica ou ideológica que se faz, contrariando as regras de concordância gramatical existentes. Além da de número e de gênero, que não nos interessam neste estudo, principalmente por não terem sido encontradas na obra analisada, a silepse pode ser de pessoa, que é a concordância verbal psicológica que se faz, sem levar em conta a pessoa do discurso, como se verifica em (75), o qual é um dos dois exemplos encontrados.

(75) “*nauis, quae tibi creditum / debes Vergilium*” (III, v. 5-6)

(Nesse exemplo, a flexão verbal “*debes*”, em segunda pessoa do singular, concorda com um subentendido “*tu*” e não com o pronome relativo “*quae*”, em nominativo, que lhe serve de sujeito. Certamente, a silepse se deu em virtude de o “eu-lírico” se referir ao vocativo “*nauis*” de modo formal.)

i) Topicalização do verbo

É o deslocamento de uma forma verbal para o início da frase, para que ele seja realçado. De modo geral, o deslocamento de um termo para a posição inicial em latim não atribui ao termo um valor especial. Porém, com o verbo freqüentemente isso ocorre, já que o verbo normalmente ocupa a última posição.

(78) “Scriberis Vario fortis et hostium / uictor, (...)” (VI, v. 1-2)

(79) “(...). Audis minus et minus iam” (XXV, v. 6)

(Em ambos os casos, a flexão verbal foi colocada no início da estrutura oracional para se enfatizar a ação expressa pelo verbo.)

j) Topicalização de nomes verbais

É o deslocamento de um dos nomes verbais para o início da frase, para realçar o seu valor semântico.

(78) “(...). / ire deiectum monumenta regis / templaque Vestae, / (...)” (II, v. 13-6)

(79) “(...). / coniurata tuas rumpere nuptias / et regnum Priami uetus.” (XV, v. 7-8)

(Em ambos os casos, a forma verbo-nominal foi colocada no início da estrutura oracional para se enfatizar o seu valor semântico.)

l) Tmese do indefinido

É a separação de um dos indefinidos (compostos com “cumque”), causada pela intercalação de um ou mais de um termo.

(80) “quam rem cumque ferox nauibus aut equis / miles te duce gesserit.” (VI, v. 3-4)

(81) “quem fors dierum cumque dabit, lucro / adpone (...)” (IX, v. 14-5)

(O pronome relativo indefinido concorda em gênero número e caso com um núcleo substantivo, que normalmente se coloca em mesóclise (tmese), como ocorre em (80), o que não se verifica em (81) pois “fors” é nominativo de “dabit” e “dierum” é genitivo para um subentendido núcleo acusativo “diem”, com o qual o “quemcumque” concorda.)

Além desses fenômenos de construção e figuras de sintaxe, também consideramos como um aspecto sintático de grande importância na análise do comportamento sintático-estilístico das formas vocabulares a estrutura de Ablativo Absoluto, não só porque há uma ocorrência considerável nas odes analisadas, mas porque se trata de uma estrutura em que figura uma forma verbo-nominal e, sobretudo, porque não se efetivou uma regularidade quanto à colocação dos termos componentes nos exemplos identificados. Observemos esses exemplos dos relacionados no Anexo 2:

(82) “et superiecto pauidae natarunt / aequore dammae.” (II, v. 11-2)

(83) “Tu secundo Caesare regnes.” (XII, v. 51-2)

(84) “Me tuo longas pereunte noctes, / Lydia, dormis?” (XXV, v. 7-8)

(Nesses três exemplos, podemos observar três formações diferentes, principalmente quanto à disposição dos seus constituintes: em (82), pode-se observar a estrutura mais comum nas odes analisadas: a forma verbo-nominal de particípio (nesse caso, passado) precede a forma nominal com que compõe a estrutura em ablativo; em (83), a forma verbo-nominal em particípio (provavelmente, de “sum”, que não apresenta forma de particípio presente, nem passado) está omitida, tendo a estrutura apenas forma nominal em ablativo; e em (84), tem-se a posposição esperada da forma verbo-nominal de particípio (nesse caso, presente) em relação à forma pronominal em ablativo. Contudo, pode-se observar que em (80) e (82) ocorreu a disjunção, com a intercalação de outros termos da estrutura.)

4 – ANÁLISE DOS DADOS

4.1 – Considerações preliminares sobre a linguagem horaciana

De certo, um estudo descritivo de aspectos morfossintáticos e semânticos de um texto literário em língua estrangeira se fará com muitas dificuldades, como já foi observado.

Mormente, se se tratar de um texto horaciano, em que o erudito e o popular, sem que um se sobreponha ao outro, podem ser encontrados.

Aliás, o primeiro obstáculo encontrado pelo estudioso, que opta por uma tradução literal, como base de suas observações, é a própria característica morfossintática da língua, que, por ser de declinação, permite uma mobilidade muito grande de seus termos. Certamente, tal característica torna o latim uma língua lógica e de previsibilidade para a análise sintática também considerável, mas não totalmente. A possibilidade de mais de uma análise em determinada estrutura é um fato; quando se trata de um texto poético, então, não se pode negar. Se esse texto poético for de Horácio, a possibilidade de ambigüidade é ainda maior.

Por conta disso, em vez de uma tradução literal, quase sempre nos deparamos com uma tradução literária, em que se constata a preferência por uma tradução mais livre naquelas partes de maior complexidade sintática das obras de Horácio.

Neste trabalho, optamos por uma tradução literal das odes, como arcabouço da análise descritiva e crítica dos aspectos morfossintáticos sem desprezar os aspectos semântico-pragmáticos, cuja análise se faça necessária.

Logo, o objetivo desta breve análise crítica é tão-somente descrever os fenômenos morfossintáticos das referidas odes, na tentativa de verificar até que ponto a hipótese de que a linguagem horaciana constitui um estilo próprio é verdadeira ou, pelo menos, comprovar que se trata de um estilo eclético, no qual a simplicidade e a complexidade das estruturas lingüísticas convivem harmoniosamente em sua obra.

Um trabalho que objetiva traduzir um texto horaciano para, em seguida, descrever a sua morfossintaxe, atentando para os fenômenos sintáticos que se estabeleçam nele, não pode deixar de considerar o estilo lingüístico-literário do poeta, uma vez que se trata de um artista que apresenta uma linguagem característica.

Não se pode, pois, fazer uma analogia com a linguagem dos poetas antecedentes, cujas características se aproximam das características da oralidade.

Também não se pode dizer que é conveniente uma analogia com a linguagem de seus contemporâneos, que tendem a um academicismo, o qual não caracteriza a linguagem de Horácio em si.

Es evidente que un traductor de Virgilio y de Catulo se encuentra frente a un lenguaje diferente del lenguaje de Horacio. (BOCCHETTA, 1970, p. 39)²⁴

Quando se afirma que a linguagem de Horácio é praticamente uma linguagem própria, não se está querendo dizer que o poeta se utilizava de uma linguagem individualizada, que não se pudesse reproduzir normalmente tanto na prática oral quanto na escrita, como se constituísse um “ídioteo literário”.

Está-se querendo dizer, contudo, que a linguagem de Horácio constituía um estilo diferenciado, que o distinguia dos estilos até então utilizados como também se distinguia do daqueles que seus contemporâneos utilizavam. Está-se querendo dizer que Horácio inaugurava uma nova linguagem literária, que serviria de modelo para a posteridade.

A linguagem horaciana se mostrava, pois, inédita e por causar estranheza até os dias de hoje aos tradutores das diversas línguas, poderíamos denominá-la “diáfana”, como o fizera Millán (1937), ao observar que a linguagem horaciana é diáfana naquilo que ela mesma é, na sua essência, naquilo que ela significa e objetiva.

Bocchetta (1970), comentando sobre tal diafanidade, que afirma existir em Horácio, ressalta que ela é fruto de uma extraordinária habilidade e sensibilidade, a qual tem causado uma das maiores dificuldades aos tradutores em geral. Comparando a outros poetas, que se distinguem por tal sensibilidade, observa:

²⁴ “É evidente que um tradutor de Virgílio e de Catulo se encontra frente a uma linguagem diferente da linguagem de Horácio.” (BOCCHETTA, 1970, p. 39)

Pero donde hay una total sencillez, como por ejemplo en el español de Cervantes, captar el secreto de esa sencillez y trasladarla a otra lengua es muy difícil y la tarea del traductor se hace ardua. (*Id., ibid.*, p. 40)²⁵

De certo, o estilo do próprio tradutor pode não só legitimar essa dificuldade como também enfatizá-la, se ele se caracterizar como preciosista, cultista, prolixo ou coisa assim, como também pode amenizá-la, se priorizar a simplicidade e a objetividade de sua própria linguagem.

Mas ainda assim, inevitavelmente, a dificuldade durante a tradução dos textos horacianos se fará, já que é inerente àquele tipo de linguagem, essencialmente poética.

Apesar de complexa a linguagem dos textos horacianos, não se pode negar que há um equilíbrio perfeito entre a forma estética e o conteúdo lingüístico-poético. Quanto à relação da forma estética com o conteúdo poético, o próprio Horácio procurou distinguir esses dois aspectos em seu *Ars Poetica*, relacionando-os às “Poética da arte” e “Poética do engenho”, respectivamente, e defender a idéia de que um poeta verdadeiro ou um vate apresenta um equilíbrio na prática dessas duas capacidades.

Quanto a isso, afirma Bocchetta (*Ibidem*, p. 39) que Horácio representava “a expressão do ideal perseguido socialmente por Otávio Augusto, ou seja, uma forma na qual se combinem a veracidade e a forma artística”.

Horácio fora reconhecido, inclusive, por Ovídio, como sendo o “principado poético”, o qual nem mesmo Virgílio superava, apesar de sua “Eneida” e de suas “Geórgicas”.

Na lírica da época, observam-se diferentes formas de simplicidade lingüística ou de preciosismo, que ora aproximavam o texto poético da oralidade em extremo, como ocorria com a ênfase do uso de formas muito simples, ora da escrita acadêmica, como ocorria com a ênfase do uso de formas prolixas.

Em Horácio, entretanto, não se têm tais aspectos caracterizados e não são, pois, elementos caracterizadores da linguagem horaciana. Sobre isso, adverte Turolla (*In: BOCCHETTA, ibidem.*, p. 39-40) que as distintas formas de “amaneiramento” e de “academicismo” encontrados em Catulo, Tibulo, Propércio, Virgílio e Ovídio, não são encontrados em Horácio.

Aspectos da linguagem popular (a oralidade) e da erudita são usados com muita conveniência por Horácio. Daí, ser comum encontrarmos trechos simplicíssimos, outros extremamente complexos e tantos mais de uma relativa facilidade de compreensão. Bonfante (*In: BOCCHETTA, ibidem*, p. 41), em seus estudos sobre os elementos populares na linguagem

²⁵ Mas onde há uma total simplicidade, como por exemplo no espanhol de Cervantes, captar o segredo dessa simplicidade e traduzi-la para outra língua é muito difícil e a tarefa do tradutor se faz árdua. (BOCCHETTA, 1970, p. 40)

horaciana, constata a coocorrência de formas cultas (**Sermo Nobilis**) e de formas populares (**Sermo Vulgaris**) na sua poesia e acrescenta que o uso daqueles níveis se dá de forma totalmente espontânea e sem que um prejudique o outro.

Em Horácio, encontramos um vocabulário de fácil acesso e de relativa compreensão, que se estruturam em sintagmas muito mais vezes previsíveis. Isso se dá, porque Horácio não se mostra inovador, procurando na maioria dos casos se orientar pelo padrão sintático da linguagem culta da época. Certamente, por ser culto o padrão utilizado, certas estruturas sintáticas não se confundiam com estruturas do uso comum. Para os tradutores, principalmente os menos experientes, habituados com os textos de outros artistas, tais estruturas oferecem maiores dificuldades.

Há em seus textos, uma incidência de figuras de sintaxe: elipse (diversos tipos, mas principalmente do termo sujeito), zeugma (muito comum), silepse, inversão (de todos os graus: hipérbato, anástrofe e sínquise), quiasmo, e outras.

É muito comum encontrarmos o paralelismo sintático em suas odes. As odes analisadas apresentam inúmeros exemplos (ex.: “*Nuper sollicitum quae mihi taedium, / nunc desiderium curaque non leuis...*”, IV, v. 17-8; “*Fertur Prometheus addere principi / limo coactus particulam undique / desectam et insani leonis / uim stomacho apposuisse nostro.*”, XIV, v. 13-6), muitas das vezes acompanhado de uma ou mais daquelas figuras de sintaxe.

Pode-se observar uma incidência relevante de formas verbo-nominais com o fizemos no *Liber Primus* (ex.: “*...stratus, nunc ad aquae lene caput sacrae.*”, I, v. 22; “*...ire deiectum monumenta regis...*”, II, v. 15; “*...cui dabit partis scelus expiandi...*”, II, v. 29”; “*...rixae, siue puer furens...*”, XIII, v. 11; “*...uim stomacho apposuisse nostro.*”, XVI, v. 16). Entretanto, Horácio preferia o uso do infinitivo ao do supino e, não-raro, ao do gerúndio, quando o uso destes seria conveniente (ex.: “*...blandum et auritas fidibus canoris / ducere quercus.*”, VII, v. 11-2; “*Audax omnia perpeti...*”, III, v. 25; “*...fuge quaerere, et...*”, IX, v. 13). Horácio não evitava o uso do gerúndio; fazia-o com conveniência (ex.: “*Nunc est bibendum, nunc pede libero...*”, XXXVII, v. 1), embora se possam encontrar exemplos de infinitivo com valor circunstancial (ex.: “*...coniurata tuas rumpere nuptias...*”, XV, v. 7).

O uso de estrutura em ablativo absoluto também é muito incidente na obra de Horácio (ex.: “*...et superiecto pauidae natarunt / aequore dammae.*”, II, v. 11-2; “*Regulum et Scauros animaeque magnae / prodigum Paulum superante Poeno / (...)*” XII, v. 37-40).

Além desses aspectos, também é comum encontrarmos em seus textos a adjetivação, principalmente com adjetivos que se fazem acompanhar de complementação (ex.: “*Nonne uides ut nudum remigio latus, ...*”, XV, v. 3-4; “*Audax omnia perpeti...*”, III, v. 25); o uso de pronomes relativos indefinidos do tipo “*quicumque*” (ex.: “*...quem crimosus cumque uoles*

modum...”, XVI, v. 2; “...*quaecumque aut gélido prominet Algido...*”, XXI, v. 6); e muitos outros fenômenos sintáticos que acabam por marcar a linguagem horaciana, a qual acreditamos ser-lhe característica.

4.1.1 – Descrição de aspectos morfossintáticos e semânticos nas odes do *Liber Primus*, de Horácio

Considerando o que foi dito no item anterior, podemos imaginar a riqueza da linguagem horaciana, mormente quanto a aspectos morfossintáticos e semânticos. Certamente não esperamos constatar todos aqueles elementos característicos de sua linguagem num único livro, contudo, nesse, que vamos analisar, poderemos observar muitos deles.

Consideremos primeiramente o vocabulário das odes analisadas. Horácio, como o fazem todos os poetas, procurava utilizar um vocabulário capaz de sugerir ao leitor uma reflexão, já que na maioria das formas utilizadas se pode constatar uma força semântica própria de uma escolha estratégica – de um estilo.

No item 3, vimos que, grosso modo, “o estilo se relaciona à maneira típica a partir da qual todo ser humano se individualiza em função da linguagem ao exprimir-se lingüisticamente”. Assumimos também que o estilo não deve ser entendido como uma personificação em termos de individualidade, mas uma personalidade em termos lingüísticos.

De fato, o estilo é um meio de exteriorização e apelo, que não se caracteriza exatamente pelo fato de um falante se mostrar diferente no seu modo de usar a língua, já que nenhum usuário é portador de uma linguagem particular ou exclusiva; é, pois, o fato de ele expressar-se afetivamente que caracteriza o seu estilo.

Em relação à padronização e à natureza de uma dada língua, Juret (*Op. cit.*) deixou claro que a escolha que o usuário de uma língua faz de seu inventário é o que dá a ela um caráter evidentemente estilístico. Logo, quando um falante se utiliza de uma dada expressão lingüística com a intenção de suggestionar, o faz com estilo.

É sobretudo por isso que o vocabulário utilizado por Horácio nas odes analisadas se destaca, como se pode constatar no Anexo 2.

Valendo-se da força semântica e da polissemia das palavras, o autor utilizou-se de inúmeras figuras de palavras e de pensamento, sempre com uma intenção expressiva convenientemente, como em (85), em cuja metáfora Horácio reafirma o seu sentimento de amizade e de gratidão ao seu protetor:

(85) “*Maecenas atavis edite regibus, / o et praesidium et dulce decus meum, (...)*” (I, v. 1-2) –

“Ó Mecenas, nascido de antepassados reais, meu sustentáculo e minha doce glória, (...)”

A mesma força semântica se pode observar no simples litote em (84), quando demonstra uma relativa preocupação com a nau, ou no expressivo hipérbato em (85), no qual exalta a beleza da mulher amada e o seu brilho.

(86) “Nuper sollicitum quae mihi taedium, / *nunc desiderium curaque non leuis*, / *interfusa nitentis / uites aequora Cycladas.*” (XIV, v. 17-8) – “Que tu, que recentemente foste para mim desassossegado tédio, agora és desejo e cuidado não-leve, evites os mares espalhados entre as Cíclades brilhantes.”

(87) “*Vrit me Glycerae nitor / splendidis Pario marmore purius*” (XIX, v. 5-6) – “Inflame a beleza de Glícera, que brilha mais puramente que o mármore de Paros; (...)”

Convém ressaltar que o uso de certas flexões verbais podem revelar matizes inesperados em certas construções, como se pode observar nas flexões de “*sto*”, que assumem várias conotações (sentido próprio: “estar de pé”; “estar imóvel”; “ficar firme”; sentido figurado: “parar”; “persistir”; “manter-se”; “valer”; uso poético: “estar”; “ser”) e que nos textos poéticos, estabelecem uma sinonímia com os usos de “*sum*” (“ser” e “estar”), como ocorre em “*Vides ut alta stet niue conditum / Soracte (...)*” (IX, v. 1-2). Contudo, como se refere a “*Soracte*”, que é um monte de dois mil pés de altura – por volta de 620 metros – e que permanece coberto de neve mesmo durante o verão, quando todos os outros mais altos que o rodeiam perdem a neve, o seu valor semântico primitivo normalmente é resgatado pelos tradutores (ex.: “Vês como o Soracte se mantém/permanece resplandecente na altiva neve...”).

Nessa estrofe, também se pode assinalar uma figura de linguagem no uso cononativo do acusativo singular masculino “*onus*” (“peso (da neve)”), que funciona como complemento de “*sustineant*”. Pode-se conceber, nesse caso, uma elipse de um termo restritivo (quicá, “*niuis*”, em genitivo – “da neve”), entendido em virtude do termo “*alta niue*” (“altiva neve”), em ablativo singular feminino, do primeiro verso, ou uma simples metáfora, através da qual o núcleo de um sintagma nominal, “*onus*”, foi tomado pelo todo, como ocorre nos fenômenos de extensão se significado – metáfora por extensão ou por contigüidade.

Além do uso efetivo de metáforas e considerável de metonímia, o autor também se utilizou da símile, entre as figuras de palavras, e do hipérbato e do litote, entre as figuras de pensamento. Embora tais figuras também se relacionem com a disposição dos termos na frase, são os fenômenos sintáticos os mais relevantes numa análise que objetiva descrever o comportamento estilístico-sintático das formas vocabulares numa dada linguagem.

Como a Estilística Sintática ou Estrutural se preocupa com o valor expressivo das construções sintáticas e dos efeitos que delas decorrem, os seus fenômenos podem ser observados no âmbito da colocação de palavras, da regência e da concordância, como, já resalta-

mos em 3.1, na atração, na silepse, na amálgama sintática e, sobretudo, nas figuras de construção, que decorrem da inversão e deslocamento de termos, da sua omissão e repetição, entre outros fenômenos de ordem estrutural.

A identificação de expressividade das estruturas na obra de Horácio se deu sob a convicção de que as divisões do enunciado não-poético e as divisões do enunciado poético nem sempre são coincidentes. Já afirmamos, corroborando Marouzeau (*Op. cit.*, p. 105) que na poesia, a escolha de uma palavra e sua posição no verso é sempre intencional e que na metrificacão exerce importante papel.

Convém lembrar que a análise das estruturas que resultaram na identificação desses empregos considerados expressivos, reunidos no Anexo 2, se deu a partir da concepção da existência de uma ordem natural das estruturas oracionais do latim e da relativa padronização dos grupos sintáticos, que descrevemos em 1.1 e seus subitens. Portanto, estabelecemos esses empregos expressivos a partir da comparação de tais estruturas com as estruturas de base da língua latina, descritas anteriormente.

No âmbito da colocação de palavras, da regência e da concordância, muitos foram os fenômenos identificados.

Em muitos casos, por conta de uma disposição inesperada (em comparação com relativa padronização dos grupos sintáticos), encontramos trechos deveras complexos, em que se verificam disjunções, que normalmente criam quiasmos de variados matizes, omissão de termos, inversões variadas, entre tantos outros fenômenos sintáticos. Nesses trechos, alguns longos e outros curtos, a complexidade sintática se estabelece, por vezes, em alto grau, como nos seguintes exemplos:

(88) “*Te, boues olim nisi reddidisses / per dolum amotas, puerum minaci / uoce dum terret, uiduus pharetra / risit Apollo.*” (X, v. 9-12) – “Separado de (sua) aljava, Apollo riu-se quando com a voz ameaçadora aterrorizou-te, menino, se não (lhe) tivesses restituído numa certa ocasião os bois roubados por dolo.”

(89) “*te Spes et albo rara Fides colit / uelata panno (...)*” (XXXV, v. 21-2) – “A Esperança e a notável Boa Fé, que é velada por um pano branco, venera(m) a ti, (...)”

Observe que em ambos os trechos podemos identificar uma verdadeira sínquise, já que a inversão da ordem dos termos em alto grau torna a estrutura frasal obscura. Em (88), o nominativo (“*Apollo*”) – último termo da estrutura – tem como predicativo o grupo sintático “*uiduus pharetra*” (adjetivo em nominativo e seu complemento em ablativo), que dele foi separado pela flexão verbal (“*risit*”); na oração subordinada temporal, a conjunção “*dum*” é o

quinto termo entre o grupo sintático em ablativo “*minaci uoce*” e a flexão verbal “*terret*”, cujo complemento em acusativo “*te*” é o primeiro termo da estrutura, que foi separado de seu aposto (“*puerum*”) por uma outra oração subordinada, em que se pode observar que o grupo sintático “*boues amotas*”, como termos externos, delimitam a oração de que participam.

Em (89), apesar de ser uma estrutura curta, a sínquise também se impõe. O sujeito de “*colit*” (na 3.^a pessoa do singular) é o composto em nominativo “*Spes*” e “*rara Fides*”, e a concordância se faz com o mais próximo. Os termos do grupo sintático “*albo panno*”, que funciona como complementação do particípio passado “*uelata*”, delimitam a estrutura em que está o núcleo “*Fides*”.

Em muitas outras estruturas, pudemos constatar a preferência de Horácio por concordância por atração, e em um dos dois únicos casos, a concordância por silepse (“*nauis, / quae tibi creditum / debes Vergilium*” (III, v. 5-6) – “Ó nau, a qual me debes Virgílio, que foi confiada a ti, (...)”), visto que a flexão verbal “*debes*” (em 2.^a pessoa do singular) não concorda com o seu sujeito gramatical que é o pronome relativo em nominativo “*quae*” (em 3.^a pessoa do singular), mas com o sujeito psicológico ou ideológico “*tu*”, em virtude do tratamento formal que o eu-lírico deu ao termo vocativo “*nauis*”. No outro, do exemplo (86), a concordância por silepse é ainda mais complexa, já que a flexão verbal “*uities*” (em 2.^a pessoa do singular) concorda com um sujeito psicológico subentendido “*tu*” (referente ao vocativo “*nauis*”, do primeiro verso da ode em referência).

Em relação a deslocamentos de termos, criando ou não disjunções, que não chegam a dificultar a compreensão da mensagem expressa, e à omissão de termos, principalmente de função nuclear como a de sujeito ou complemento de verbos, constatamos que a incidência é muito grande. Para se ter uma idéia da importância estilística da disjunção, em todas as odes (com exceção da ode XXXVIII, em que não constatamos nenhum caso) há pelo menos dois casos, sendo que Horácio fez uso desse recurso 17 vezes na ode XXVIII, que é composta de apenas 30 versos. No exemplo abaixo, praticamente há uma ocorrência em cada verso de uma única estrutura frasal:

(90) “*Iam Cytherea choros ducit Venus imminente luna / iunctaeque Nymphis Gratiae decentes / alterno terram quatiunt pede, dum grauis Cyclopum / Volcanus ardens uisit officinas.” (IV, v. 5-8)*

Deslocamentos de termos criando um quiasmo, como em (89), também ocorreram com considerável incidência.

(91) “*Tu pias laetis animas reponis / sedibus uirgaque leuem coerces / aurea turbam, superis deorum / gratus et imis.” (X, v. 18-20) – “Tu guardas as almas piedosas nas felizes mo-*

radas e conténs com o teu caduceu de ouro a frágil multidão, favorito dos deuses superiores e inferiores.”

No exemplo em referência, que é uma única estrofe, ocorrem duas estruturas em quiasmo, posto que se cruzam em forma da letra grega “χ” os grupos sintáticos “*pias animas*” com “*laetis sedibus*” e “*uirga aurea*” com “*leuem turbam*”.

Verificamos, ainda, a ocorrência de deslocamentos de flexões verbais para a primeira posição na estrutura oracional. Já vimos anteriormente que esse recurso de topicalização de termo põe o verbo em evidência e destaca, com isso, o seu valor semântico. Embora seja mais comum a topicalização de uma flexão de imperativo, muitos exemplos em outros modos foram encontrados no *Liber Primus*, como este, da primeira estrofe da ode IX:

(92) “*Vides ut alta stet niue candidum / Soracte (...)?*” (IX, v.1-2) – “Tu vês como o Soracte está resplandecente pela altiva neve (...)?”

Ainda nessa referida estrofe, que é uma interrogação em período composto, pode-se constatar uma outra característica da sintaxe das odes horácianas, o paralelismo sintático: observam-se as formas verbais “*stet*” (presente), “*sustineant*” (presente) e “*constiterint*” (perfeito), que estão no subjuntivo em interrogação indireta e são traduzidas no indicativo: no presente “está ou permanece” e “sustentam” e no pretérito perfeito “pararam” ou “têm parado”, respectivamente, em paralelismo. As formas verbais constituem, cada uma, uma oração subordinada substantiva de uma única principal “*uides*”, em paralelismo sintático com aquela do primeiro verso. Isto é, as três orações subordinadas substantivas funcionam como um complemento composto, em interrogação indireta, de “*uides*” – verbo transitivo.

Pode-se, também, observar nessa estrofe o uso da conjunção copulativa enclítica “*que*” (“e”), de “*geluque*”, a qual coordena a última oração subordinada substantiva do período (“(...) *flumina constiterint gelu acuto?*”) às duas anteriores em equípolência. Convém observar o uso dessa conjunção em um termo da oração subordinada, o sintagma nominal em ablativo singular neutro “*gelu acuto*” (“por causa do gelo penetrante”) e não enclítica ao núcleo da oração – o verbo, como o fez em outras odes (ex.: “(...) *defluit saxis agitatus umor, / concidunt uenti fugiuntque nubes / et minax, quod sic uoluere, ponto unda recumbit.*”, ode XII, v. 29-32 – “(...), a água agitada escorre do rochedo, os ventos cessam e as nuvens fogem e a onda ameaçadora se estica pelo mar, porque assim eles desejam.”). Horácio poderia também ter usado a conjunção “*et*” nesse caso. Não o fez, certamente, por motivos estilísticos. O uso da conjunção “*que*” em vez de “*et*” e enclítica a termos não-nucleares da série em paralelismo é muito comum em seus textos.

De fato, nenhuma regra pode ser estabelecida para o uso dessa conjunção copulativa enclítica nas odes de Horácio, uma vez que a encontramos ligando termos nominais de grupos sintáticos e orações. Também não podemos definir a que classe de palavras essa conjunção pode ligar-se, porquanto há casos de ela se encontrar enclítica a substantivos, adjetivos, flexões verbais e pronomes.

Também se destaca, como uma ocorrência relativamente efetiva nas odes analisadas, o emprego de estruturas com tmese do pronome relativo indefinido. A tmese, que é a separação de um dos pronomes relativos indefinidos (compostos com “*cumque*”), causada pela intercalação de um ou mais de um termo, também pode ser considerado um recurso expressivo, pois produz um efeito rítmico, como neste exemplo:

(93) “*O matre pulchra filia pulchrior / quem crimosus cumque uoles modum / pones iambis, siue flamma / siue mari libet Hadriano.*” (XVI, v. 2-4) – “Ó filha mais bela que a bela mãe, tu porás aos meus iambos satíricos qualquer medida que desejares, quer te agrade no fogo, quer (te agrade) no mar Adriático.”

Um outro aspecto morfossintático que merece destaque é a construção de ablativo absoluto, que também caracteriza um emprego expressivo da língua, apesar de não constituir uma figura de linguagem. A estrutura de ablativo absoluto, que funciona como uma espécie de adjunto adverbial, constitui um tipo de oração reduzida de particípio presente ou passado em ablativo, com o termo substantivo em ablativo (sujeito da oração desenvolvida correspondente), com o qual concorda também em número e em gênero.

(94) “(...), *uagus et sinistra / labitur ripa Ioue non probante u- / xorius amnis.*” (II, v. 18-20) – “(...) e, indeciso, escoá-se na margem esquerda, não aprovando Júpiter, o rio que é um marido carinhoso.”

(95) “(...): / *mactata ueniet lenior hostia.*” (XIX, v. 16) – “(...): sacrificada a vítima, apresentar-se-á mais doce.”

Observe que em (94) o particípio presente “*probante*”, em ablativo singular masculino, concorda com “*Ioue*”, com o qual forma uma estrutura de Ablativo Absoluto, que foi traduzida como uma estrutura circunstancial com valor concessivo. Convém ressaltar que tal estrutura de Ablativo Absoluto poderia ser traduzida como uma oração subordinada adverbial desenvolvida (“sem que Júpiter aprovasse”). Em (95), a forma de particípio passado “*mactata*”, concorda com o substantivo ablativo singular feminino “*hostia*”, numa estrutura circunstancial, que foi traduzida como oração subordinada adverbial reduzida de particípio.

Além dessa estrutura com o núcleo substantivo e uma forma verbo-nominal de partícipio em ablativo, a estrutura de ablativo absoluto pode ocorrer sem a forma de partícipio, como é o caso do (96), em que está subentendido o verbo “*esse*”, que não apresenta uma forma de partícipio passado nem presente.

(96) “(...), *Venusinae / plectantur siluae te sospite (...)*” (XXVIII, v. 25-6) – “(...), as florestas venusianas são castigadas, sendo tu salvo, (...)”

A estrutura de ablativo absoluto também constitui, como se pôde observar, um aspecto sintático de grande importância na análise do comportamento estilístico-sintático das formas vocabulares, sobretudo, por causa de uma falta de regularidade quanto à sua estruturação sintática e colocação dos termos componentes. Não só pode faltar a forma verbo-nominal, como vimos em (96), como também pode variar a sua posição em relação ao termo substantivo, com o qual concorda em caso gênero e número: ora o precede como em (95), ora o sucede como em (94), podendo, também, ser separado dele por outros termos da estrutura frasal de que participa como em (95).

Em síntese, todos esses aspectos acima descritos, que apresentam suas características particulares (embora não sejam estanques), relacionam-se com a escolha que Horácio, na qualidade de falante latino e poeta, fazia do inventário da língua latina. E essa escolha era o que dava a sua linguagem um caráter iminente estilístico.

4.2 – Considerações acerca da ordem das palavras nas odes analisadas

Quanto à possibilidade de haver ou não uma padronização das estruturas sintáticas latinas, Juret (*Op. cit.*, p. 7-8) defende a idéia de o usuário pôr em prática o conhecimento assimilado durante a sua integração social, porquanto reflete, de forma espontânea, os hábitos lingüísticos da comunidade lingüística em que está inserido, contudo sempre o faz sob a sua vontade.

Essa postura do autor vai ao encontro das idéias saussurianas sobre língua e uso da língua. Saussure (1969) definia “língua” (**langue**) como sendo “um sistema de possibilidades lingüísticas, já que era o próprio sistema da língua, isto é, o conjunto de todas as regras que determinam o emprego de todos os elementos necessários para a produção dos significados” e o “uso ou fala” (**parole**) como “uma combinatória individual, a partir da qual se atualizam os elementos discriminados dentro de um dado código”. Logo, a língua possibilita a existência do uso, da mesma forma que a sociedade possibilita a existência do indivíduo como um ser falante.

Para Saussure, o uso da língua é uma parcela concreta e individual dessa, que o falante põe em atividade em cada uma das situações comunicativas concretas. O uso é, pois, individual e a língua é social e a soma de todos os usos. Isso é o mesmo que dizer que, apesar da liberdade de articulação dos elementos da língua de que o falante goza e o faz por vontade própria, “a sociedade nos impõe a sua língua como um código do qual nos devemos servir obrigatoriamente, se desejamos que as mensagens que emitimos sejam compreendidas” (Lopes, 1995, p. 77).

Já vimos que Saussure concebia a língua em termos puramente lingüísticos, deixando de fora as funções emocionais – as manifestações psíquicas e o apelo –, que foram consideradas pela Estilística da **langue**.

Por outro lado, considerando as três funções fundamentais da linguagem: representação mental, exteriorização psíquica e interação social (apelo), descritas no item 3, aquela idéia de Juret nos remete à noção de estilo, que é decorrente da noção dessas três funções da linguagem, visto que o estilo, como concebemos naquele item, se relaciona à individualização de cada ser humano em função da linguagem ao exprimir-se lingüisticamente, o que caracteriza um uso estilístico de uma dada língua.

Já vimos também que para a Estilística da **langue** o falante se apropria de um sistema lingüístico de representações intelectivas em suas manifestações comunicativas. Portanto, o estilo efetivamente não é caracterizado pela oposição entre o individual e o coletivo; o que o caracteriza é a distinção entre o emocional e o intelectual. Logo, o fato de um falante se mostrar diferente no seu modo de se expressar não caracteriza o estilo em si, mas sim, o fato de ele fazer uso da língua de forma afetiva.

Eis o porquê de Juret ter afirmado, mas sem esclarecer em qual modalidade da língua latina, que a natureza do caráter obrigatório dos tipos sintáticos não são sobretudo uma necessidade de todo cega dos hábitos mais complicados ou dominados, mas sim dos hábitos complicados advindos da reflexão e da liberdade.

O caráter de obrigatoriedade e de liberdade, que são próprios dos tipos sintáticos do latim, se explicam pela natureza e pela intenção do usuário que viesse exprimir o seu pensamento e dos tipos sintáticos utilizados para isso, já que o autor acreditava que os tipos sintáticos são determinados pela sociedade, em que se insere o sujeito falante:

L'intention venant de l'individu, les types de la syntaxe venant de la société, l'adaptation de ceux-ci à celle-là paraît d'abord surprenante. Les types syntaxiques ne sont pas des faits tout faits dans l'esprit de l'individu par la société. (JURET, 1933, p. 8)²⁶

Porém, como observa o autor, sempre cabe ao usuário da língua a liberdade de seleção dos tipos sintáticos para a expressão de seus pensamentos, e certamente não se efetiva de forma absoluta e perfeita a retenção desses tipos sintáticos, de que o falante faz uso em suas atividades comunicativas. O que dá a impressão de que cada uso é sempre uma elaboração nova e particularizante e não uma reflexão das estruturas sintáticas estigmatizadas em uma sociedade pelos seus membros.

O próprio Horácio na sua epístola aos Pisões, discorrendo sobre a expressão e o conteúdo, defende a idéia de que há uma inevitável relação entre esses dois níveis, já que a realização do conteúdo se dá por meio da expressão, sendo que esta é sempre determinada por aquele; atribui ao conteúdo um valor superior, sem desmerecer o cuidado especial que se deve dar à expressão, que deve ter como modelo os costumes da vida, como se pode comprovar nos seguintes versos:

*Scribendi recte sapere est et principium et fons.
Rem tibi Socraticae poterunt ostendere chartae,
Verbaque prouisam rem non inuita sequentur.
Qui didicit patriae quid debeat et quid amicis,
Quo sit amore parens, quo frater amandus et hospes,
Quod sit conscripti, quod iudicis officium, quae
Partes in bellum missi ducis, ille profecto
Eddere personae scit conuenientia cuique
Respicere exempla uitae morumque iube
Doctum imitatore et uiuas hinc ducere uoces.*

(HORÁCIO, Ars, v. 309-16. In: TRINGALI, 1993, p. 21)²⁷

No início dessa epístola, o poeta advoga também o fato de a arte exigir uma escolha conforme o bom gosto, posto que todo artista certamente começa por escolher um projeto que lhe é conveniente, depois escolhe o conteúdo e, em seguida, a expressão apropriada. Daí, asseverar que o artista deve ter muita cautela no arranjo das palavras, se deseja fazer de uma expressão velha e batida uma nova (“*Sumite materiam uestris, qui scribitis, aequam / uiribus*

²⁶ “A intenção vem do indivíduo, os tipos de sintaxe vem da sociedade; a adaptação desse naquela parece de imediato surpreendente. Os tipos sintáticos não são introduzidos na íntegra no espírito do indivíduo perante a sociedade.”

²⁷ “Saber é o princípio e a fonte de bem escrever. Os escritos socráticos te poderão mostrar as idéias e conhecidas as idéias, as palavras se seguirão sem esforço. Quem aprendeu o que se deve à pátria e aos amigos e com que amor se devem amar os pais, o irmão, o hóspede, qual o dever de um senador, de um juiz e quais as atribuições de um general mandado à guerra, esse, certamente, sabe dar a cada personagem o que lhe convém. Prescreve-

et uersate diu quid ferre recusent, / quid ualeant umeri. (...) / In uerbis etiam tenuis cautus-que screndis / dixeris egregie, notum si callida uerbum / ruddiderit iunctura nouum.” (Horácio, Ars, v. 38-48. In: Tringali, 1993, p. 14) – “Vós, que escreveis, tomai a matéria igual às vossas forças e pesai longamente o que vossos ombros se recusam a carregar e o que podem fazê-lo. (...). Sutil e cauteloso, no arranjo das palavras, também dirás egregiamente se uma engenhosa associação transforma em nova uma palavra batida.”).

Aquele caráter de liberdade relativa, de que fala Juret, caracteriza as estruturas frasais das odes horácianas, e em particular no que se refere ao uso das formas verbo-nominais com que Horácio fazia fluir os seus pensamentos. Nas odes do seu *Liber Primus*, o comportamento sintático das formas verbo-nominais, por exemplo, é-lhe peculiar e, por conseguinte, apresenta certas características, que nos possibilitam reconhecer um uso estilístico de tais formas. Também se pode observar um comportamento peculiar de outras classes de palavra, que, não-raro, estabelecem relações diferentes daquelas descritas como preferenciais e que constituem o que se pode denominar um uso gramatical ou, pelo menos, regular, comumente encontrado nos textos prosaicos.

Nas odes analisadas, foram encontradas diferentes ordens dos termos que se relacionam com formas verbo-nominais. Tomemos os exemplos (01), (02) e (03), que transcrevemos abaixo:

(01) “*hunc, si mobilium turba Quiritium / certat tergeminis tollere honoribus.*” (I, v. 7-8)

(02) “*Nunc decet aut uiridi nitidum caput impedire myrto / aut flore, terrae quem ferunt solutae; nunc et in umbrosis Fauno decet immolare lucis, / (...)*” (IV, v. 9-11)

(03) “*urit grata proteruitas / et uoltus nimium lubricus aspici.*” (XIX, v. 8)

Em (01), a forma de infinitivo presente ativo “*tollere*” funciona como complementação circunstancial do verbo intransitivo “*certat*”, que se constrói com infinitivo, indicando finalidade; em (03), o infinitivo presente passivo completa o adjetivo “*lubricus*”, também expressando uma circunstância; em (02), porém, as formas de infinitivo presente “*impedire*” e “*immolare*” não funcionam como complementações circunstanciais.

Considerando as formas verbo-nominais e seus termos complementares, que ocorrem em (01), (02) e (03), pode-se observar que o comportamento das formas de infinitivo se mostra distinto: em (01), o infinitivo, que é intransitivo, foi colocado entre dois termos que lhe servem de complementação circunstancial em forma de um sintagma nominal “*tergeminis*

rei ao duto imitador que observe o modelo dos costumes da vida e tire daí uma linguagem viva.” (Tradução de TRINGALI, *op. cit.*, p. 34).

honoribus” (causando uma disjunção), com o qual constitui uma oração complementar circunstancial de finalidade para “certat”; já em (03) o infinitivo, que também é intransitivo, foi colocado imediatamente após o adjetivo que completa, em lugar do supino “*aspectu*”.

Contudo, em (02) não é somente a colocação do infinitivo que é distinta. Neste trecho, as duas formas verbo-nominais de infinitivo servem de sujeito, que constitui uma oração subordinada substantiva subjetiva para o verbo unipessoal “*deceat*”: “impedire”, com o seu complemento em acusativo singular neutro “*nitidum caput*” e a complementação circunstancial em ablativo singular feminino “*uiridi myrto*”; “*immolare*”, com seu complemento em dativo singular masculino “*Fauno*” e a complementação circunstancial em ablativo plural masculino “*umbrosis lucis*”. A forma de infinitivo se coloca após o sintagma nominal que o completa “*nitidum caput*”. E inusitadamente é a complementação circunstancial “*uiridi myrto*” que recebe a intercalação do infinitivo com seu complemento.

Como tais formas, à semelhança com o português, podem exercer funções sintáticas comuns a nomes e a advérbios, além de apresentarem-se com sujeito, com complementos e com adjuntos adverbiais, o deslocamento de termos torna complexa a frase e dificulta o trabalho do tradutor, que não-raro precisa optar por uma tradução mais livre, com ênfase no conteúdo semântico em detrimento da estruturação morfossintática.

Como se pôde observar, apesar de a língua latina apresentar uma certa liberdade no que se refere à colocação dos termos na frase, especialmente na poesia, pode-se dizer que havia uma certa padronização na ordem dos termos, à semelhança da ordem natural da prosa, cujas estruturas sintáticas se iniciavam com o termo nominativo (sujeito) e se finalizavam com o verbo, como já demonstramos nos exemplos de (04) a (07).

Nas odes horácianas, contudo, tal padronização praticamente não existe, como se pôde constatar nos exemplos descritos acima e em tantos outros, constantes do Anexo 1, em que estão arrolados as 276 estruturas com formas verbo-nominais: 75 com infinitivo, 84 com particípio presente (dos quais 18 são verdadeiros adjetivos participios), 104 com particípio passado (dos quais 30 são verdadeiros adjetivos participios), 04 com particípio futuro, 09 com gerundivo (dos quais 02 são verdadeiros adjetivos gerundivos), 02 com gerúndio e 01 com supino.

As odes de Horácio se apresentam variadíssimas no que se refere à colocação dos termos na frase, principalmente, quanto à colocação das formas verbo-nominais e os seus termos complementares.

Pode-se dizer que a quebra da ordem natural dos termos nas odes analisadas é a causa da efetivação de estruturas de caráter estilístico, que podem ter sido uma exigência da métrica ou um uso intencional do poeta com o objetivo de sugestionar o leitor ou ambos os casos, o

que constitui um uso estilístico. Aliás, tal proposição pode ser justificada pelo próprio Horácio, que em sua *Ars Poetica*, como já observamos, alertara os Pisões sobre a cautela no arranjo das palavras, que o artista deve ter, na busca da expressão perfeita.

4.3 – Análise da colocação das formas verbo-nominais e dos termos com que se relacionam nas odes do *Liber Primus*, de Horácio

Vimos defendendo a concepção de que há uma ordem natural na língua latina e de que a natureza do caráter obrigatório dos grupos sintáticos decorre dos hábitos lingüísticos e da liberdade de expressão, que se estabelecem numa dada comunidade lingüística. Logo, a natureza do caráter de obrigatoriedade e de liberdade dos grupos sintáticos e a intenção do sujeito falante, que se estabelece na sociedade em que se insere, são fatores fundamentais de uma dada língua.

Defendemos, como Juret (*Op. cit.*) e Marouzeau (1953), a idéia de que o usuário sempre põe em prática espontaneamente e por vontade própria o conhecimento assimilado durante a sua integração com os demais membros de sua comunidade de fala, numa relativa coersão social, da qual participa ativa e passivamente.

Tal fato, corroborando Saussure (1969), justifica a nossa concepção de língua como “um sistema de possibilidades lingüísticas, que se efetivam no uso espontâneo da língua sob um conjunto de regras convenientemente estabelecidas”.

No item 4.1, observamos que a linguagem horaciana constituía um estilo próprio, pois se distinguia do estilo dos poetas anteriores e do dos seus contemporâneos, e que Horácio praticamente inaugurava uma nova linguagem literária – um modelo para a posteridade. Por conseguinte, Horácio revelava um estilo eclético, em que se encontravam a simplicidade e a complexidade das estruturas lingüísticas harmoniosamente. Um estilo ao mesmo tempo aproximado e afastado da simplicidade de seus antecedentes e do academicismo de seus contemporâneos.

Em 4.1.1, a descrição dos aspectos morfossintáticos e semânticos das odes do *Liber Primus* nos permite reconhecer, por vezes, a escolha que Horácio fazia do sistema de possibilidades da língua latina.

Em 4.2, constatamos que, na busca da expressão perfeita, Horácio se valia de variados recursos no que se refere à colocação dos termos na frase.

De fato, o caráter de liberdade relativa, que vimos ressaltando ao longo deste trabalho, é uma característica das estruturas frasais das odes horacianas, identificadas também em referência ao uso das formas verbo-nominais, centro de nossos estudos.

O comportamento sintático das formas verbo-nominais nas odes do *Liber Primus* apresenta certas particularidades, a partir das quais podemos reconhecer um uso estilístico. O comportamento de outras classes de palavra, com que as formas verbo-nominais se relacionam, também se mostra peculiar; em muitos casos, elas estabelecem relações diferentes daquelas comumente encontradas na prosa, que constituem o que se pode denominar um uso regular ou natural.

Nas odes analisadas, foram encontradas diferentes ordens na disposição das formas verbo-nominais e dos termos com os quais compõem uma estrutura oracional.

4.3.1 – Colocação do infinitivo e dos termos com que se relaciona

Por ser um substantivo verbal, a forma de infinitivo pode funcionar como complemento de um verbo transitivo ou como sujeito de um verbo qualquer e indicar uma ação e manter a sua regência, além de apresentar um sujeito, como já demonstramos em 2.1.

Na função de complemento verbal ou de sujeito, o infinitivo pode apresentar-se com um sujeito físico (normalmente em acusativo) ou subentendido, complementos e complementações circunstanciais, constituindo uma oração reduzida de infinitivo em latim. Como tal, considerando a existência de uma ordem natural dos termos na frase, espera-se uma relativa padronização desses termos constituintes quanto à colocação na frase.

Entretanto, os termos constituintes não apresentam uma colocação padronizada nas estruturas oracionais com infinitivo, que traduzimos como objeto direto ou sujeito (conforme a função que exerce em relação ao verbo da proposição principal) em forma de uma estrutura oracional, correspondente a uma oração subordinada substantiva (objetiva direta ou subjetiva, respectivamente).

Dos 48 casos de estrutura com infinitivo (19, como complemento em infinitivo – sem sujeito próprio –, 13, como complemento oracional – com sujeito próprio –, 09, como sujeito em infinitivo – sem sujeito próprio – e 07, como sujeito oracional – com sujeito próprio), em apenas 06 casos a forma de infinitivo ocupa a última posição na estrutura oracional que compõe. Em 02 delas, a estrutura é composta de apenas dois termos: em (95), o infinitivo e o seu complementação circunstancial “*hic*”, e em (96) o infinitivo (parte da locução verbal “*posse reuerti*”) e o sujeito em acusativo “*Tiberim*” da referida locução verbal.

(97) “(...); *hinc apicem rapax / Fortuna cum stridore acuto / sustulit, hic posuisse gaudet.*” (XXXIV, v. 14-6) – “O destino arrebatador tem tirado a tiara dali (de uma cabeça) com seu ruído agudo e se compraz em ter colocado aqui (em outra cabeça).”

(98) “(...) *Quis neget arduis / pronos relabi posse riuos / montibus et Tiberim reuerti, / (...)*” (XXIX, v. 10-2) – “Quem negará poderem os rios que descem voltar para o cimo dos montes e o Tibre refluir.”

Em relação aos outros termos da estrutura oracional de que o infinitivo participa, observamos que a “ordem natural” deixa de ser sentida e que nenhuma padronização pode ser estabelecida, pois a única regularidade que se pode sentir é a “falta de regularidade na colocação dos termos”, como se pode observar nesses 02, dos outros 04 exemplos em que o infinitivo está como último termo da estrutura oracional:

(99) “*Neglegis inmeritis nocituram / postmodo te natis fraudem committere?*” (XXVIII, v. 30-2) – “Negligencias cometeres tu um erro que depois irá prejudicar teus filhos, que não merecem?”

(100) “*Maecenas atavis edite regibus, / o et praesidium et dulce decus meum, / sunt quos curriculo puluerem Olympicum / collegisse iuuat (...)*” (I, v. 1-4) – “Ó Mecenas, nascido de antepassados reais, meu sustentáculo e minha doce glória, há aqueles aos quais agrada terem juntado a poeira olímpica ao carro;(...)”

Como se pode constatar nesses exemplos acima e em muitos outros, constantes do Anexo 1, e já o fizemos em 4.2 com a descrição dos exemplos (01), (02) e (03), fica abalada a tese de que há uma ordem natural em latim, em que o termo nominativo inicia a oração e o verbo a encerra, e que, entre eles, é comum serem colocados o dativo, o acusativo e o ablativo, nesta ordem, como afirma Garcia (*Op. cit.*, p. 20).

Numa simples análise sintática de uma dessas estruturas, revelar-se-ia a quebra da possível ordem natural do latim. Tomemos o exemplo (99), como elemento de análise. A proposição principal é “*Neglegis*”, que é uma flexão verbal transitiva e tem como complemento o restante da frase (“*inmeritis nocituram postmodo te natis fraudem committere*”), cujo núcleo é o infinitivo “*committere*”, que tem como sujeito acusativo “*te*” e complemento acusativo “*nocituram fraudem*”. A forma verbo-nominal de particípio futuro ativo “*nocituram*”, em acusativo singular feminino, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*fraudem*”, para o qual serve de adjunto adnominal, com seu complemento em dativo “*inmeritis natis*” e complementação circunstancial “*postmodo*”.

Observe que as palavras do grupo sintático “*inmeritis nocituram postmodo natis fraudem*”, que funciona como complemento do infinitivo “*committere*”, foram distribuídas de maneira peculiar, diferente daquela que caracterizaria uma ordem natural. Ocorre um hipérbato entre “*inmeritis nocituram postmodo natis*” (“que depois irá prejudicar teus filhos, que não

merecem”) e “*fraudem*” (“um erro”), se considerarmos a colocação do particípio (função atributiva) posterior ao núcleo substantivo a que se refere. Também se verifica um quiasmo (“*inmeritis nocituram / postmodo te natis fraudem*”), causado pela disjunção dos grupos sintáticos “*inmeritis natis*” e “*nocituram fraudem*”.

Aliás, essa quebra da ordem natural faz surgir estruturas de variáveis estilísticas, que podem ter sido exigidas pela métrica ou por uma intenção discursiva do poeta. Em ambos os casos, devem-se considerar a complexidade estrutural e o efeito estilístico, que dela decorre.

Além desses 48 exemplos, em que o infinitivo desempenha as funções de complemento verbal ou de sujeito, registramos mais 27, cuja forma de infinitivo desempenha outras funções sintáticas. Desses, em 04 exemplos (02, como complemento de adjetivo; 01, como complemento circunstancial; e 01, como parte de locução verbal), o infinitivo ocupa a última posição na estrutura oracional de que participa. Em 01 delas, no exemplo (101), o sujeito, em acusativo, “*Sybarin*”, que compõe com o infinitivo a estrutura oracional, foi colocado antes da estrutura oracional a que se liga “*cur properes*”.

(101) “*Lydia, dic, per omnis / te deos oro, Sybarin cur properes amando / perdere.*” (VIII, v. 1-3) – “Ó Lidia, diz-me, por todos os deuses eu te rogo, por que te apressas em perverter Sibaris, amando-o.”

A única estrutura composta apenas de o infinitivo e o seu sujeito em acusativo se verifica no exemplo (98), acima, em que o infinitivo participa de uma locução verbal (“*posse reuertí*”), além de funcionar como complemento oracional de “*neget*” em paralelismo com “*arduis pronos relabi posse riuos montibus*”.

A distribuição variada dos elementos das estruturas frasais de suas odes, sobretudo quanto à disposição do infinitivo e dos termos com que se relaciona, também se verifica no uso das outras formas verbo-nominais e dos termos com que compõem uma estrutura oracional.

4.3.2 – Colocação do supino e dos termos com que se relaciona

Por ser um substantivo verbal, o supino pode funcionar como complemento de certos adjetivos, em forma ou de dativo (emprego mais raro) ou de ablativo, ou como complementação circunstancial de finalidade para verbos de movimento, sempre em forma de acusativo (acusativo de direção), completando a declinação do infinitivo, conforme já demonstramos em 2.2.

Não obstante o seu emprego menos freqüente, o supino concorre com o gerúndio na declinação do infinitivo. Já observamos que neste mister o gerúndio tem mais importância do que o supino, porquanto se empregava uma forma de gerúndio precedida da preposição “*ad*” no lugar da forma de supino.

Certamente, tal situação justifica o fato de termos encontrado somente um caso de estrutura com a forma de supino.

(102) “*Vidimus flauom Tiberim retortis / litore Etrusco uiolenter undis / ire deiectum monumenta regis / templaque Vestae, / (...)*” (II, v. 13-6) – “Vimos o amarelado Tibre, com suas águas repelidas violentamente do litoral da Etrúria, ir destruir os monumentos reais e os templos de Vesta.

Nesse exemplo, podemos perceber que a forma de supino não ocupa a última posição na estrutura oracional de que participa, mas se coloca imediatamente após núcleo verbal “*ire*”, a que serve de complementação circunstancial, juntamente com o seu complemento acusativo composto – os grupos sintáticos “*monumenta regis*” e “*templa Vestae*”, que o sucede imediatamente. Em latim, a estrutura oracional “*deiectum monumenta regis templaque Vestae*” constitui uma oração subordinada reduzida; em português, tem-se uma locução verbal transitivo (“ir destruir os monumentos reais e os templos de Vesta”).

Parece-nos que Horácio preferia empregar o próprio infinitivo ao supino, pois foram registradas 11 estruturas com o emprego de uma forma de infinitivo, como complemento da significação de um adjetivo, em lugar do supino, como já observamos em 2.2.

4.3.3 – Colocação do gerúndio e dos termos com que se relaciona

Por ser um substantivo verbal, a forma de gerúndio pode funcionar como adjunto adnominal, sempre em forma de genitivo, como complemento de interesse, sempre em forma de dativo, e como adjunto adverbial, em forma de acusativo preposicionado ou ablativo, completando a declinação do infinitivo, conforme já demonstramos em 2.3.

Encontramos, em todo o *Liber Primus*, apenas 02 estruturas com o gerúndio: numa, como complemento determinativo ou adjunto adnominal, e noutra, como complemento circunstancial.

(103) “*cui dabit partis scelus expiandi / Iuppiter? (...)*” (II, v. 29) – “A quem Júpiter dará o papel de expiar o crime?”

(104) “*Lydia, dic, per omnis / te deos oro, Sybarin cur properes amando / perdere.*” (VIII, v. 1-3) – “Ó Lidia, diz-me, por todos os deuses eu te rogo, por que te apressas em perverter Sibaris, amando-o.”

Em (103), a forma de gerúndio em genitivo explicativo “*expiandi*” se faz acompanhar de seu complemento em acusativo singular neutro “*scelus*”, funcionando como complemento determinativo do acusativo plural feminino arcaico “*partis*”. Em (104), a forma de gerúndio em ablativo “*amando*”, sem complemento, funciona como complementação circunstancial de “*Sybarin cur propere perdere*” (“por que te apressas em perverter Sibaris”), exprimindo uma circunstância de tempo concomitante.

Como se pode observar, em nenhum dos dois exemplos a forma verbo-nominal de gerúndio ocupa a última posição na estrutura oracional. E como praticamente não se fazem acompanhar de outros termos (somente em (103) o gerúndio apresenta um complemento em acusativo “*scelus*” que o antecede), não temos dados para qualquer elucubração sobre a colocação de termos a ele relacionados.

4.3.4 – Colocação do particípio e dos termos com que se relaciona

Como demonstramos em 2.4, o particípio é um adjetivo verbal.

Como verbo, pode manter a sua regência e apresentar, por conseguinte, complementos e complementações circunstanciais. Como nome, por ser um adjetivo verbal de 1.^a classe apresenta uma forma para cada um dos três gêneros, concordando com o gênero do núcleo substantivo a que se refere e com o qual concorda também em caso e em número.

Portanto, em parte, o particípio se comporta como um adjetivo, que é um termo periférico (determinante) em relação ao termo nuclear (determinado). Em 1.2.2, pudemos observar que essa relação (determinante–determinado) constitui um dos grupos sintáticos, de que trata Marouzeau (*Op. cit.*).

Pudemos observar também que o adjetivo precede o substantivo na maioria das vezes, e que em caso de o adjetivo apresentar valor de uma determinação atributiva, como é comumente o caso dos particípios, ou servir para classificar uma categoria, normalmente sucede o substantivo, como demonstramos nos exemplos (14) e (15).

Marouzeau (*Op. cit.*, § 34, p. 12) ressalta que o posicionamento do particípio, que normalmente funciona como determinante de um núcleo substantivo, em relação ao seu núcleo depende de sua natureza verbo-nominal. Devido à noção verbal, o particípio tendia a um

valor limitativo, particularizante, o que o caracteriza como sendo da categoria dos discriminativos.

Como adjetivo discriminativo, o particípio normalmente é colocado após o seu núcleo. Porém, pode assumir o valor qualificativo e preceder o seu núcleo substantivo, ou valores afetivos com pejoração ou valoração e ser empregado como qualificativo anteposto ao seu núcleo.

Nas odes analisadas, muitas outras arrumações foram observadas. Nelas, a interposição de um ou mais elementos entre o determinante e o determinado, deslocamentos diversos, criando disjunções, e conseqüentes fenômenos sintáticos, ocorreram efetivamente.

(105) “*Multos castra iuuant et lituo tubae / permixtus sonitus bellaque matribus / detestata. (...)*” (I, v. 23-5) – “A muitos agradam os acampamentos e o som da trombeta, confundido com o (do) clarim, e as guerras detestadas pelas mães.”

Nesse exemplo acima, podemos observar que as duas formas de particípio passado “*permixtus*” e “*detestada*” apresentam empregos distintos, embora sejam do tipo discriminativo. A forma “*detestada*” é mais propriamente um adjetivo particípio, de valor semântico limitativo.

O particípio passado “*permixtus*”, em nominativo singular masculino, com seu complemento em dativo singular masculino “*lituo*”, concorda com “*sonitus*” para o qual serve de predicativo. Poder-se-ia também traduzir a estrutura de particípio como oração subordinada adjetiva (“que é confundido com o do clarim”), em que figure uma locução verbal de voz passiva. O adjetivo particípio passado “*detestada*”, em nominativo plural neutro, com seu complemento em ablativo plural feminino “*matribus*”, concorda com “*bella*” e lhe serve de adjunto adnominal, que até poderia ser traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que são detestadas pelas mães”), em que figure uma locução verbal de voz passiva.

Também se pode verificar que “*permixtus*”, com um valor limitativo, antecede o núcleo substantivo “*sonitus*” a que se refere, e que o grupo sintático “*bella detestata*” foi separado (disjunção).

Entretanto, tais fenômenos sintáticos não chegam a causar qualquer problema para o entendimento da estrutura, como o que se verifica na seguinte passagem, na qual a separação do particípio presente “*latentis*” de seu núcleo “*puellae*” é um dos fatores que dificultam a sua análise:

(105) “*nunc et latentis proditor intumo / gratus puellae risus ab angulo / pignusque dereptum lacertis / aut digito male pertinaci.*” (IX, v. 21-4) – “(...); como também (são de novo

procurados) o agradável riso, (proveniente) de um recanto íntimo, revelador da amada escondida, e a garantia arrancada dos braços ou do dedo mal obstinado.”

De certo, a dificuldade se efetiva mais propriamente pelo fato de terem ocorrido inversões de outros grupos sintáticos: “*intumo angulo*”, “*gratus risus*” e do deslocamento de “*proditor*”, aposto de “*gratus risus*”, mas a disjunção do grupo sintático “*latentis puellae*” é relevante.

Assim como se verificou um adjetivo particípio em (105), muitas formas de particípio presente e passado, num processo de cristalização na língua, constituem verdadeiras formas adjetivas.

No *Liber Primus*, foram encontrados muitos exemplos com o emprego de uma forma de adjetivo particípio: 18 ocorrências de particípio presente e 32, de particípio passado, funcionando como um simples adjunto adnominal, como em:

(107) “(...) *O utinam noua / incude diffingas retusum in / Massagetas Arabasque ferrum!*” (XXXV, v. 38-40) – “Oxalá tu refaças, com tua nova bigorna, o ferro embotado contra os massagetas e os árabes!”

O adjetivo particípio passado “*retusum*”, em acusativo singular neutro, concorda com o núcleo substantivo “*ferrum*”, servindo-lhe de adjunto adnominal. Convém observar a disjunção em “*retusum ferrum*”, causada pela interposição da estrutura “*in Massagetas Arabasque*”.

O particípio presente e o passado também podem ser empregados em estruturas de ablativo absoluto, que funciona como uma espécie de adjunto adverbial.

Na estrutura de ablativo absoluto, o particípio toma a forma de ablativo, concordando também em gênero e número com o termo substantivo, que corresponde ao sujeito da oração desenvolvida correspondente, o qual passa para o ablativo.

Porém, nas odes analisadas, a posição de um em relação ao outro nada tem de regular: o particípio ora antecede, ora sucede o termo substantivo com que compõe a estrutura em ablativo absoluto, e, entre eles, normalmente colocam-se outros termos, como no seguinte exemplo, em que a forma de particípio presente “*bacchante*”, em ablativo singular masculino, com as complementações “*magis*” e “*sub interlunia*”, concorda com “*Thracio uento*”, cujos termos sofreram uma disjunção:

(106) “*Inuicem moechos anus arrogantis / flebis in solo leuis angiporto / Thracio bacchante magis sub inter- / lunia uento*” (XXV, v. 9-12) – “No entanto, envelhecida, tu, fútil, de-

plorarás os homens devassos numa viela solitária, enquanto o vento da Trácia mais se agita sob o interlúnio.”

Por fim, convém ressaltar que em muitos casos constatamos que a forma de participio ocupou a posição inicial da estrutura oracional de que participa, como em:

(108) “(...) / *semotique prius tarda necessitas / leti corripuit gradum.*” (III, v. 30-4) – “(...) e a necessidade natural, outrora lenta, apressou o passo da morte afastada.”

Nessa estrutura também podemos observar a disjunção do adjetivo participio passado “*semoti*”, em genitivo singular neutro, que, anteposto, concorda com “*leti*”, para o qual serve de adjunto adnominal.

4.3.5 – Colocação do gerundivo e dos termos com que se relaciona

O gerundivo, como descrevemos em 2.5, é um adjetivo em “-ndus”, que, entre outras funções, pode ser empregado como participio futuro na voz passiva.

Como adjetivo verbal de 1.^a classe, triforme, apresenta uma forma para cada um dos três gêneros em concordância com o do seu núcleo substantivo. Como verbo, mantém sua regência e pode apresentar complemento e de complementações circunstanciais.

Logo, o gerundivo também é um termo periférico (determinante) em relação a um termo nuclear (determinado), com o qual constitui um dos grupos sintáticos.

A colocação do gerundivo na estrutura oracional se dá de maneiras diversas.

Nas odes analisadas, encontramos apenas 09 estruturas com o uso do gerundivo: 05 com emprego de oração subordinada reduzida; 02, como um simples adjunto adnominal; e 02, como parte da locução verbal com “*esse*”.

(109) “*Serues iturum Caesarem in ultimos / orbis Britannos et iuuenum recens / examen Eois timendum / partibus Oceanoque rubro.*” (XXXV, v. 29-32) – “Que tu protejas César, que vai partir contra os últimos do mundo, os britanos, e o novo grupamento de jovens, que deverá ser temido pelas regiões orientais e pelo Mar Vermelho.”

(110) “*Proeliis audax, neque te silebo, / Liber, et saeuus inimica uirgo / beluis, nec te, metuende certa / Phoebe sagitta.*” (XII, v. 21-4) – “Ó audaz nas lutas, eu nem te silenciarei, ó Líber, e nem a, ó ti virgem inimiga dos animais ferozes, e nem a ti, ó Febo temível por sua seta certa.”

(111) “*Nunc est bibendum, (...)*” (XXXVII, v. 1) – “Agora deve-se beber, (...)”

Nos exemplos acima, podem-se verificar três diferentes empregos do gerundivo: em (109), a forma de gerundivo “*timendum*”, em acusativo singular neutro, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*examen*”, para o qual, com uma complementação circunstancial composta em ablativo “*Eois partibus*” e “*Oceano rubro*”, serve de adjunto adnominal, traduzido como oração subordinada adjetiva desenvolvida; em (110), a forma gerundivo “*metuende*”, em vocativo singular masculino, concorda como um simples adjetivo com “*Phoebe*”, para o qual funciona como adjunto adnominal; e em (111), o gerundivo “*bibendum*”, em nominativo singular neutro, acompanhado da flexão verbal auxiliar “*est*”, compõe uma expressão perifrástica de obrigação.

Nesses exemplos, pode-se observar que foram distintas as arrumações com a forma de gerundivo. No primeiro, o gerundivo é precedido pelo seu núcleo substantivo “*examen*”; no segundo, o gerundivo é que precede o núcleo substantivo “*Phoebe*”.

Observam-se, ainda, nas odes analisadas, fenômenos sintáticos, causados pelas disjunções dos termos com que o gerundivo se relaciona.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura acurada das trinta e oito odes horácianas, que compõem o *Liber Primus* – **corpus** de nosso trabalho –, possibilitou a identificação e a coleta, em excertos, das formas verbo-nominais – matéria-prima para o desenvolvimento de nosso estudo.

Feitas algumas considerações acerca da natureza dos tipos de estruturas sintáticas latinas – sobretudo quanto à descrição da ordem das palavras na estrutura oracional da língua latina sob a orientação de estudiosos especializados nos fatos gramaticais do latim – e sobre os nomes verbais latinos: infinitivo, supino, gerúndio, particípio e gerundivo, além de um pouco de teorização estilística, na primeira parte, a título de uma fundamentação teórica, passamos a análise dos dados, que estão registrados nos Anexos 1 e 2.

Para o estudo da morfossintaxe do nome verbal latino, fez-se imprescindível exame, em contexto mais amplo, a estrutura sintática de que ele participa. Valorizamos, pois, a relação que se estabelece entre a forma verbo-nominal e outros termos, considerando as estruturas de base, sob a concepção da existência de uma ordem natural

É que sendo o latim uma língua de declinações e, em conseqüência disso, não sendo obrigatória a ordem dos termos na frase, de certo, a definição de uma padronização quanto à estruturação frasal se torna difícil. Contudo, podemos conceber uma ordem natural da língua em si, principalmente na prosa, em que se iniciava a frase com o termo nominativo (sujeito) e se finalizava com o verbo, como o fizeram Marouzeau, Ernout et Thomas e Garcia.

Corroborados por Marouzeau (*Op. cit.*) constatamos que há uma relativa liberdade na ordem das palavras nas estruturas frasais do latim, e que essa liberdade está sempre condicionada a um dos diversos fatores (de uso, de sentido, de estilo, de ritmo), em que certas leis ou tendências podem ser observadas.

Esse caráter de liberdade relativa, especialmente em relação ao uso das formas verbo-nominais utilizadas por Horácio nas odes do seu *Liber Primus*, pôde ser constatado neste trabalho.

O comportamento sintático das formas verbo-nominais nas odes analisadas é característico. Tal comportamento revela um uso diferente do considerado gramatical, se concebermos a existência de uma ordem natural da língua latina, e nos possibilitou reconhecê-lo como um uso estilístico. As ordens de termos que se relacionam com formas verbo-nominais são diversas, como se pôde observar no desenvolvimento desse trabalho, principalmente nos itens 1.2, 4.2 e 4.3.

Também fizemos algumas considerações sobre a natureza da linguagem horaciana, descrevemos uma série de aspectos morfossintáticos e semânticos do material que serviu para o exame e analisamos as diversas disposições das formas verbo-nominais e dos termos com que se relacionam nas odes do *Liber Primus*.

Embora não seja a nossa pretensão esgotar o tema, concluímos que há uma relativa liberdade de colocação dos termos, em expressões do nome verbal, na poesia e que, nela, o resultado de natureza comunicativa quase sempre sugere interpretações variadas, que caracterizam um uso estilístico.

Certo da complexidade do tema e da necessidade de uma análise mais aprofundada não só da linguagem de Horácio nas suas diversas obras como também da linguagem nas obras de outros autores latinos, julgamos ser o presente trabalho uma contribuição para os interessados no assunto, sobre o qual muito ainda há para se pesquisar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Latina: curso único e completo*. 24. ed., São Paulo: Saraiva, 1992.

AZEVEDO, Fernando de. *Pequeno Dicionário Latim-Português*. 5. ed., São Paulo: Nacional, 1954.

AZEREDO, José Carlos. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

BACH, Emmon. *Teoria sintática*. Trad. de Marilda Winkler Averbug e Paulo Henrique Brito. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, título original: "Syntactic Theory", 1974.

BANVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. 3. ed., Campinas: Pontes, 1991.

_____. *Problemas de lingüística geral II*. Trad. de Eduardo Guimarães et alii. Campinas: Pontes, 1989.

BEARZOTI FILHO, Paulo. *Sintaxe de colocação: teoria e prática*. 2. ed., São Paulo: Atual, 1990.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

_____. *Lições de Português pela análise sintática*. 13. ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 1983.

BISOL, Marcel. *Syntaxe Latine*. Paris: Librairie Vuibert, 1984.

BOCCHETTA, Vittore. *Horacio em Villegas y en Fray Luis de León*. Madrid: Editorial Gredos, 1970.

BRITO, Gilda S. de. *Lições de Latim*. 6. ed., Rio de Janeiro: [s.n.], 1982.

BÜHLER, Karl. *Sprachtheorie*. Iena: [s.n.], 1934.

CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. *Problemas de lingüística descritiva*. 14. ed., Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *Princípios de Lingüística Geral*. 7. ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1989.

_____. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 12. ed., Petrópolis: Vozes 1985.

_____. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3. ed., Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

CARNEIRO, Francisco da Silva e SILVA, Amós Coelho. *Estrutura do Latim*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1980.

COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e lingüística geral*. Trad. de Agostinho Dias Carneiro. 2. ed., Rio de Janeiro: Presença, 1987.

_____. *Lições de lingüística geral*. Trad. de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980, título original: "Lezioni di Linguistica Generale", [1980?]

CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e coordenação: Confrontos e contrastes*. 5. ed., São Paulo: Ática, 1999.

_____. *Morfossintaxe*. 7. ed., São Paulo: Ática, 1998.

CART, A. et al. *Gramática Latina*. Tradução e adaptação de Maria Evangelina Villa Nova Soeiro. São Paulo: EDUSP, 1986.

- CLIMENT, Mariano Bassols de. *Sintaxis Latina*. 4. Reimpresion, Madrid: 1973. v. I e II.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DISCINI, Norma. *O estilo nos textos*. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2004.
- ERNOUT. A. *Morphologie historique du latin*. Paris: C. Klincksieck, 1953.
- ERNOUT. A.; THOMAS, F. *Syntaxe latine*. 2. éd., 2. triage, Paris: C. Klincksieck, 1959 (Nouvelle Collection a l'Usage des Classes; 38).
- FARIA, Ernesto. *Gramática da língua latina*. 2. ed., Brasília: FAE, 1995.
- _____. *Dicionário escolar latino-português*. 3. ed., Brasília: MEC, 1962.
- FRAENKEL, Eduard. *Horace: Criticism and interpretation*. Great Britain: University Press, Oxford, 1980.
- GARCIA, Janete Melasso. *Introdução à teoria e prática do latim*. 2. ed., Brasília: Editora da UnB, 2000.
- GUIRAUD, Pierre. *A Estilística*. Tradução de Miguel Maillat. São Paulo: Editora Mestre Jou, [19--].
- HENRIQUES, Cláudio Cezar. *Sintaxe Portuguesa: para a linguagem culta contemporânea*. 2. ed., Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 2003.
- HERCULANO DE CARVALHO, José G. *Estudos lingüísticos*. 2. ed., Coimbra: Coimbra, 1984. v. 1, 2 e 3.
- _____. *Teoria da Linguagem: Natureza do Fenômeno Lingüístico e a Análise das Línguas*. Tomo I, 3. tiragem, emendada, Coimbra: Atlântida, 1973.
- _____. *Estudos lingüísticos*. Coimbra: Atlântica, 1969. v. 2.
- ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. São Paulo: Ática, 1992.
- HORACIO. *Odes: versão portuguesa*. Braga: Cruz e Cia Ltda, 1942.
- _____. *Odas y epodos*. Traducción em verso. Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Madrid: Instituto Antonio de Nobrega, 1951.
- _____. *Ars Poetica: Epistula ad Pisones*. In: TRINGALI, Dante. *A Arte Poética de Horácio*. São Paulo: Musa, 1993.p. 13-25.
- JURET, A. C. *Système de la Syntaxe Latine*. 2. ed., Paris: Les Belles Lettres, 1933.
- KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. 2. ed., São Paulo: Ática, 1986.
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da Lingüística Contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- LYONS, John. *Lingua(gem) e Lingüística: uma introdução*. Trad. de Marilda W. Averbug e Clarisse S. de Souza. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, título original: "Language and Linguistic", 1981.
- MARMORALE, Enzo. *História da Literatura Latina*. Vol. I. Tradução de João Bartholomeu Jr. Lisboa: Cor, 1974.
- MAROUZEAU, J. *L'Ordre des mots en latin*. Paris: Les Belles Lettres, 1953.
- _____. *L'Ordre des mots dans la phrase latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1949.
- _____. *Traité de stylistique latine*. 10. ed., Paris: Les Belles Lettres, 1946.

- _____. *Introduction au latin*. Paris: Les Belles Lettres, 1941.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- MILLÁN, José Maria Restrepo. *Horacio*. Bogotá: Imprensa Nacional, 1937.
- MONTEIRO, José Lemos. *A Estilística: Manual de análise e criação do estilo literário*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- NETO, Serafim da Silva. *História do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.
- NOBREGA, Vandick L. da. *A presença do Latim*. Vol. 3. Rio de Janeiro: INEP MEC, 1962.
- PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. 3. ed., Tradução de S. J. Manoel Losa. Lisboa: Caloustes, 1983.
- PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. 4. ed., São Paulo: Ática, 2001.
- _____. *Princípios de lingüística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola, 2006.
- PONTES, Eunice Souza Lima. *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.
- RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova Gramática da Língua Portuguesa*. 16. ed., Rio de Janeiro: Metáfora, 2006.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 36. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. Trad. de Antônio Chelini et alii. São Paulo: Cultrix, 1969, título original: “Cours de Linguistique Générale”, [19--].
- SILVA, Amós Coelho da; MONTAGNER, Aírto Ceolin. *Dicionário Latino-Português*. 2. ed., Rio de Janeiro: Amós Coelho da Silva e Aírto Ceolin Montagner, 2007.
- SILVEIRA, Sousa da. *Lições de Português*. 10. ed., Rio de Janeiro: Presença, 1988.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário português-latino*. 2. ed., Porto: Domingos Barreira Editor, [19--].
- TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- _____. *Estruturalismo e poética*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- TRINGALI, Dante. *A Arte Poética de Horácio*. São Paulo: Musa, 1993.
- VIDOS, Benedek Elemér. *Manual de Lingüística Românica*. Trad. de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996, título original: “Manual de Lingüística Românica”,.
- VILLENEUVE, F. *Odes e épodos. Horacio*. Paris: Societé D’édition “Les Belles Lettres”, 1946.
- WILLIANS, Edwin Bucher. *Do latim ao português*. Trad. de Antônio Houaiss, 5. ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

Anexo 1

Emprego das Formas Verbo-nominais nas Odes Horácianas do Liber Primus

1. Infinitivo

Forma de Infinitivo como Complemento Verbal (sem sujeito próprio) – Complemento em Forma de Infinitivo

Nesta seção, estão relacionados os exemplos em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de infinitivo, sem um sujeito próprio (físico ou subentendido, diferente do da oração principal), numa estrutura que funciona como complemento em forma de infinitivo de um verbo transitivo. A estrutura com o infinitivo, que traduzimos como complemento direto em forma de uma estrutura oracional, corresponde a uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

01. “*Est qui nec ueteris pocula Massici / nec partem solido demere de die / spernit, nunc uiridi membra sub arbuto stratus, nunc ad aquae lene caput sacrae.*” (I, v. 19-22) – “Há aquele que não despreza nem os copos do velho Mássico nem tirar uma parte do dia inteiro, ora prostrado com as pernas sob o arbusto verde, ora junto a uma fonte serena de água sagrada.”

O infinitivo presente ativo “*demere*” é o núcleo da estrutura (“*nec partem solido demere de die*”) que, em paralelismo com a estrutura “*nec ueteris pocula Massici*”, exerce a função de complemento verbal do transitivo “*spernit*”.

02. “(...), *si neque tibias / Euterpe cohibet nec Polyhymnia / Lesboum refugit tendere barbiton.*” (I, v. 32-4) – “(...), se nem Euterpe proíbe as flautas nem Polímnia recusa afinar a lira de Lesbos.”

O infinitivo presente ativo “*tendere*”, com seu complemento em acusativo singular neutro (em “-on”, por ser um helenismo: nomes gregos que entraram para o vocabulário latino, adaptados à fonética e morfologia da língua latina, mas que não seguiam as regras sistematicamente. Daí, ocorreram distintas soluções morfofonéticas até mesmo para um mesmo caso), exerce a função de complemento verbal do transitivo “*refugit*”.

03. “*siue mutata iuuenem, figura / ales in terris imitaris, almae / filius Maiaae, patiens uocari / Caesaris ultor.*” (II, v. 41-4) – “Ou (que venhas) tu, que te deixas seres evocado como vingador de César, se, com a fisionomia mudada, imitas nas terras um jovem, ó alado filho da criadora Maia.”

A forma de infinitivo presente passivo “*uocari*”, com uma complementação predicativa “*Caesaris ultor*”, funciona como complemento verbal da forma transitiva de particípio presente “*patiens*”.

04. “(...), / quo non arbiter Hadriae / maior, tollere seu ponere uolt freta.” (III, v. 15-6) – “(...), do qual nenhum maior dominador do Adriático quer ora levantar, ora acalmar os mares.”

As formas de infinitivo presente ativo (com o complemento em acusativo plural neutro “*freta*”, que serve às duas formas de infinitivo) funcionam como complemento verbal composto do transitivo “*uolt*”, segundo Ernout et Thomas (Cf. § 328). Em português, ocorre uma locução verbal modal, em que a tradução de “*uolt*” funciona como verbo auxiliar.

05. “Nos, Agrippa, neque haec dicere nec grauem / Pelidae stomachum (...)/ conamur, tenues grandia, (...)” (VI, v. 5-9) – “Nós, Agripe, fracos, não tentamos celebrar estas grandiosidades nem a rigorosa cólera do filho de Peleu, (...)”.

O infinitivo presente ativo “*dicere*”, com seu complemento acusativo composto “*haec grandia*” e “*grauem stomachum*”, funciona como complemento verbal do depoente transitivo “*conamur*”, que foi traduzido como parte da locução verbal (“*tentamos celebrar*”).

06. “(...), dum pudor / inbellisque lyrae Musa potens uetat / laudes egregii Caesaris et tuas / culpa deterere ingeni.” (VI, v. 9-12) – “(...), quando a timidez e a musa soberana de minha lira imprópria para a guerra se opõem a diminuir, por falta de gênio, as glórias do egrégio César e as tuas.”.

A forma verbo-nominal de infinitivo presente ativo “*deterere*”, com seu complemento composto em acusativo “*laudes*” e “*tuas*”, funciona como complemento verbal do transitivo “*uetat*”.

07. “(...), sic tu sapiens finire memento / tristitiam uitaeque labores / molli, Plance, mero, seu te fulgentia signis / castra tenent seu densa tenebit / Tiburis umbra tui.” (VII, v. 16-20) – “(...), assim tu, sensato, ó Planco, lembra-te de acabar com a tristeza e os sofrimentos da vida com um agradável vinho puro, quer te seduzam os acampamentos, que cintilam com as insígnias, quer te deva seduzir a densa sombra da tua Tibur.”.

O infinitivo presente ativo “*finire*”, com seu complemento composto em acusativo “*tristitiam*” e “*labores*” e sua complementação circunstancial em ablativo “*molli mero*”, funciona como complemento verbal da flexão transitiva de imperativo futuro “*memento*”.

08. “*Quid sit futurum cras, fuge quaerere, et / quem fors dierum cumque dabit, lucro / adpone* (...)” (IX, v. 13-5) – “Evita procurar em vão o que há de ser amanhã, e qualquer dos dias que a sorte (te) conceder, junta ao lucro!”.

A forma de infinitivo presente ativo “*quaerere*” funciona como complemento verbal do transitivo “*fuge*”. A estrutura “*Quid sit futurum cras*”, na tradução, funciona como um complemento do infinitivo “*quaerere*”, que é transitivo.

09. “(...). *Nunc ego mitibus / mutare quaero tristia, (...)*” (XVI, v. 25-6) – “Agora, eu desejo transformar as adversidades em alegrias, (...)”.

A forma de infinitivo presente ativo “*mutare*”, acompanhada de seu complemento em acusativo plural neutro “*tristia*” e de outro em dativo plural neutro “*mitibus*” (substantivação do adjetivo “*mitis*, -e), funciona como complemento verbal do transitivo “*quaero*”. Alguns autores

concebem locução verbal a estrutura “*mutare quaero*” (Em português, “desejo transformar” constitui uma locução verbal).

10. “(...) / *tandem desine matrem / tempestiua sequi uiro.*” (XXIII, v. 12-4) – “(...) enfim, (já) madura para um homem, evita seguir a tua mãe.”.

A forma de infinitivo presente “*sequi*” (depoente), com seu complemento em acusativo singular feminino “*matrem*”, funciona como complemento verbal da flexão transitiva de imperativo “*desine*”.

11. “*At tu, nauta, uagae ne parce malignus harenae / ossibus et capiti inhumato / particulam dare: (...)*” (XXVIII, v. 23-5) – “Tu, porém, marinheiro, avarento, não te contenhas em lançar uma pequena parcela de areia errante sobre os (meus) ossos e (minha) cabeça insepulta.”.

A forma de infinitivo presente ativo “*dare*” completa a flexão transitiva de imperativo “*parce*”. Com seu complemento “*uagae harenae particulam*” e complemento composto em dativo “*ossibus*” e “*capiti inhumato*” funciona como complemento verbal.

12. “(...) / *cum tu coemptos undique nobilis / libros Panaeti Socraticam et domum / mutare loricis Hiberis, / pollicitus meliora, tendis?*” (XXIX, v. 13-6) – “(...), já que tu, que prometeras coisas melhores, visas a trocar pelas trincheiras ibéricas a família socrática e os livros do ilustre Panécio, comprados por todas as partes?”.

A forma de infinitivo presente ativo “*mutare*”, com seu complemento composto “*coemptos undique nobilis libros Panaeti*” e “*Socraticam domum*” e complementação circunstancial em ablativo “*loricis Hiberis*”, funciona como complemento verbal do transitivo “*tendis*”.

13. “*Fruī paratis et ualido mihi, / Latoe, dones, at, precor, integra / cum mente, nec turpem senectam / degere nec cithara carentem.*” (XXXI, v. 17-20) – “Eu (te) suplico, ó filho de Latona, que tu (me) concedas gozar das coisas adquiridas, vigoroso (de mim) e com o juízo íntegro, e não passar uma velhice desonrosa nem carente da cítara.”.

O primeiro infinitivo presente “*frui*” (depoente), com seu complemento em ablativo “*paratis*” (substantivação), funciona como parte do complemento verbal composto do transitivo “*dones*”. O outro infinitivo presente ativo “*degere*”, com seu complemento composto “*turpem senectam*” e “*cithara carentem*”, funciona como a outra parte do complemento verbal de “*dones*”.

14. “(...) / *nunc retrorsum / uela dare atque iterare cursus / cogor relictos: (...)*” (XXXIV, v. 3-5) – “(...); agora sou obrigado a navegar para trás e a recomeçar os cursos abandonados.”.

O infinitivo presente ativo “*dare*”, com seu complemento em acusativo “*uela*” e complementação circunstancial “*retrorsum*”, funciona como parte do complemento verbal de “*cogor*”. O outro infinitivo presente ativo “*iterare*”, com seu complemento em acusativo “*cursus relictos*”, funciona como parte do complemento verbal composto de “*cogor*”.

15. “*Valet ima summis / mutare et insignem attenuat deus, / obscura promens; (...)*” (XXXIV, v. 12-4) – “Deus, fazendo aparecer a escuridão, enfraquece o ilustre e pode transformar as coisas inferiores em superiores.”.

A forma de infinitivo presente “mutare”, com seu complemento acusativo “ima” (substantivação) e complementação em ablativo “summis”, serve de complemento verbal do transitivo “valet”. Há autores que preferem conceber uma locução verbal “valet mutare” (como o é em português: “pode transformar”).

16. “(...); *hinc apicem rapax / Fortuna cum stridore acuto / sustulit, hic posuisse gaudet.*” (XXXIV, v. 14-6) – “O destino arrebatador tem tirado a tiara dali (de uma cabeça) com seu ruído agudo e se compraz em ter colocado aqui (em outra cabeça).

O infinitivo perfeito ativo “posuisse”, com a complementação circunstancial “hic”, funciona como complemento verbal do transitivo “gaudet”.

17. “(...). *Quae generosius / perire quaerens nec muliebriter / expauit ense (...)*” (XXXVII, v. 20-1) – “Ela, desejosa de morrer mais dignamente, nem temeu, à maneira das mulheres, a espada (...)”.

O infinitivo presente ativo “perire”, que é um verbo intransitivo, funciona como complemento verbal do particípio presente “quaerens”, em nominativo singular feminino, concordando com pronome sujeito “quae”, para o qual serve de predicativo.

18. “*ausa et iacentem uisere regiam / uoltu sereno, fortis et asperas / tractare serpentes, ut atrum / corpore conbiberet uenenum, / (...)*” (XXXVII, v. 23-5) – “ousou não só contemplar o seu castelo abandonado com o rosto sereno, como também, corajosa, pegar as agudas serpentes para absorver no corpo o veneno atroz.”.

Ocorre um paralelismo entre o infinitivo presente ativo “uisere”, com seu complemento em acusativo “iacentem regiam” e complementação em ablativo “uoltu sereno” e o infinitivo presente ativo “tractare”, com seu complemento em acusativo “asperas serpentes”. Ambas as estruturas de infinitivo funcionam como complemento verbal do semi-depoente transitivo “ausa (est)”, em que se observa a omissão do verbo auxiliar.

19. “(...), / *mitte sectari, rosa quo locorum / sera moretur.*” (XXXVIII, v. 3-4) – “(...); deixe de procurar em qual dos lugares vive a rosa que tarda.”

O infinitivo presente ativo “sectari”, que tem como complemento a oração subordinada substantiva “rosa quo locorum sera moretur”, com o verbo no subjuntivo e sem conjunção subordinativa, numa interrogação indireta, funciona como complemento verbal da flexão verbal transitiva em imperativo “mitte”.

Forma de Infinitivo como Complemento Verbal (com sujeito próprio) – Complemento Oracional

Nesta seção, estão relacionados os exemplos em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de infinitivo, com um sujeito próprio (físico, normalmente em acusativo, ou subentendido, diferente do da oração dita principal), numa estrutura que funciona como complemento oracional de um verbo transitivo. A estrutura oracional, que traduzimos como comple-

mento direto em forma de uma estrutura oracional, corresponde a uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

01. “*Vidimus flauom Tiberim retortis / litore Etrusco uiolenter undis / ire deiectum monumenta regis / templaque Vestae, / (...)*” (II, v. 13-6) – “Vimos o amarelado Tibre, com suas águas repelidas violentamente do litoral da Etrúria, ir destruir os monumentos reais e os templos de Vesta.”.

A forma de infinitivo presente ativo “*ire*”, com seu sujeito em acusativo singular masculino helênico “*flauom Tiberim*”, e a complementação circunstancial, formada pela forma de supino “*deiectum*”, em acusativo de fim (com seu complemento em acusativo composto “*monumenta regis templaque Vestae*”), forma uma oração subordinada substantiva que serve de complemento oracional do verbo transitivo “*uidimus*”.

02. “*Audiet ciuis acuisse ferrum, / (...) rara iuuentus.*” (II. V. 21 e 24) – “A juventude rara (...) ouvirá dizer terem os cidadãos aguçado o ferro.”.

O infinitivo passado ativo “*acuisse*”, com seu sujeito em acusativo plural masculino “*ciuis*” e seu complemento acusativo singular neutro “*ferrum*”, funciona como complemento oracional do verbo transitivo “*audiet*”.

03. “*(...); hic magnos potius triumphos, / hic ames dici pater atque princeps, / (...)*” (II, v. 49-50) – “Antes ames aqui os grandes triunfos, ames aqui seres considerado pai e imperador; (...)”.

O infinitivo presente passivo “*dici*”, com seu sujeito subentendido, constitui uma oração subordinada substantiva complemento oracional do verbo transitivo “*ames*”.

04. “*(...)/ neu sinas Medos equitare inultos / te duce, Caesar.*” (II, v. 51-2) – “(...); e nem consintas, sendo tu o chefe, ó César, galoparem os medos impunes.”.

A forma de infinitivo presente ativo “*equitare*”, com seu sujeito acusativo plural masculino “*Medos*” e o predicativo do sujeito “*inultos*”, formam uma oração subordinada substantiva complemento oracional do verbo transitivo “*sinas*”.

05. “*(...) neque / per nostrum patimur scelus / iracunda Iouem ponere fulmina.*” (III, v. 39-41) – “(...) e nem permitimos, por nosso crime, que Júpiter ponha de lado os (seus) raios furiosos.”.

Observa-se uma forma de infinitivo presente ativo (“*ponere*”), com seu sujeito em acusativo “*Iouem*” e seu complemento acusativo plural neutro “*iracunda fulmina*”, funciona como complemento oracional do verbo deponente transitivo “*patimur*”.

06. “*(...). O beate Sesti, / uitae summa brevis spem nos uetat inchoare longam.*” (IV, v. 14-5) – “Ó afortunado Séstio, a breve totalidade da vida impede-nos de conceber uma longa esperança.”.

A forma de infinitivo presente ativo “*inchoare*”, com seu sujeito em acusativo “*nos*” e seu complemento acusativo singular feminino “*longam spem*”, funciona como complemento oracional do verbo transitivo “*uetat*”.

07. “(...) *Me tabula sacer / uotiua paries indicat uuida / suspendisse potenti / uestimenta maris deo.*” (V, v. 13-6) – “Uma parede sagrada, num quadro votivo, indica ter eu consagrado vestimentas úmidas ao poderoso deus do mar.”

A forma verbo-nominal de infinitivo perfeito ativo “*suspendisse*”, com seu sujeito em acusativo “*me*”, numa posição enfática (distante e praticamente fora dos limites da oração subordinada de infinitivo, em que exerce a função de sujeito), seu complemento em acusativo “*uuida uestimenta*” e sua complementação em dativo “*deo*”, funciona como complemento oracional de “*indicat*”. Aqui também se pode observar um quiasmo, que se estabelece com os sintagmas “*tabula sacer*” e “*uotiua paries*” – na primeira estrutura o adjetivo sucede ao núcleo substantivo; na segunda, o adjetivo precede o substantivo.

08. “*Mater saeua Cupidinum / Thebanaeque iubet me Semelae puer / et lasciuia Licentia / finitibus animum reddere amoribus.*” (XIX, v. 1-4) – “A mãe cruel dos desejos (Vênus), o filho da tebana Sêmele (Baco) e a liberdade lasciva (Paixão) me obriga(m) a entregar minha alma a amores que chegaram ao fim.”

A forma de infinitivo presente ativo “*reddere*”, com seu sujeito em acusativo “*me*”, seu complemento acusativo “*animum*” e sua complementação em dativo “*finitibus amoribus*”, funciona como complemento oracional da flexão verbal “*iubet*”.

09. “*In me tota ruens Venus / Cyprum deseruit, nec patitur Scythas / aut uersis animosum equis / Parthum dicere nec quae nihil attinent.*” (XIX, v. 9-12) – “Vênus, lançando-se toda para mim, abandonou Chipre, e não (me) permite celebrar as citas ou o parto impetuoso em seus cavalos arrebatados, nem aquelas coisas que a nada se referem.”

A forma de infinitivo presente ativo “*dicere*”, com seu sujeito subentendido e com complemento composto em acusativo “*animosum Parthum*”, “*Scythas*” e “*quae*” funciona como complemento direto oracional da flexão verbal “*patitur*”.

10. “*nequicquam thalamo grauis / hastas et calami spicula Cnosii / uitabis strepitumque et celerem sequi / Aiacem (...)*” (XV, v. 16-9) – “Inutilmente, tu evitarás do leito nupcial tanto as lanças pesadas, as pontas da seta de Gnoxa e o grito da multidão, como também (evitarás) seguir-te o rápido Ájax.”

Temos uma forma verbo-nominal de infinitivo presente “*sequi*” de um verbo deponente (“*sequor*”). A forma, que é transitiva com complemento acusativo “*te*” subentendido, apresenta um acusativo-sujeito (“*celerem Aiacem*”) e funciona como complemento oracional de “*uitabis*”. Convém observar o paralelismo estabelecido entre os sintagmas que compõem o complemento de “*uitabis*” (verbo transitivo) pela correlação “*et... et*”.

11. “*Voltis seueri me quoque sumere / partem Faslerni? (...)*” (XXVII, v. 9-10) – “Quereis que eu também tome uma porção do amargo (vinho) falerno?”

O infinitivo presente ativo “*sumere*”, com seu sujeito em acusativo “*me*” e seu complemento “*seueri quoque partem Falerni*”, funciona como complemento oracional da flexão verbal “*voltis*”.

12. “*Neglegis inmeritis nocituram / postmodo te natis fraudem committere? (...)*” (XXVIII, v. 30-1) – “Negligências cometeres tu um erro que depois irá prejudicar teus filhos, que não merecem?”.

A forma verbo-nominal de infinitivo presente “*committere*”, com seu sujeito em acusativo “*te*” e complemento em acusativo “*nocituram fraudem*”, funciona como complemento oracional da flexão verbal transitiva “*neglegis*”.

13. “(...) *Quis neget arduis / pronos relabi posse riuos / montibus et Tiberim reuerti, / (...)*” (XXIX, v. 10-2) – “Quem negará poderem os rios que descem voltar para o cimo dos montes e o Tibre refluir.”.

O primeiro infinitivo presente “*relabi*” (depoente), com seu sujeito acusativo “*pronos riuos*”, em locução verbal com o auxiliar “*posse*”, que também é uma forma de infinitivo presente ativo, funciona como complemento oracional da flexão verbal transitiva “*neget*”; o outro infinitivo presente passivo “*reuerti*”, em locução verbal com o subentendido auxiliar “*posse*”, com seu sujeito acusativo “*Tiberim*”, também funciona como complemento oracional da flexão verbal transitiva “*neget*”.

Forma de Infinitivo como Sujeito (sem sujeito próprio) – Sujeito em forma de Infinitivo

Estão relacionados, nesta seção, os exemplos em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de infinitivo, sem um sujeito próprio (físico ou subentendido, diferente do da oração principal), numa estrutura que funciona como sujeito em forma de infinitivo de um verbo de uma outra oração (Oração Principal). A estrutura com o infinitivo, que traduzimos como sujeito em forma de uma estrutura oracional, corresponde a uma oração subordinada substantiva subjetiva.

01. “*Nunc decet aut uiridi nitidum caput impedire myrto / aut flore, terrae quem ferunt solutae; nunc et in umbrosis Fauno decet immolare lucis, / (...)*” (IV, v. 9-11) – “Agora convém cingir a cabeça brilhante com mirta verde ou com flor, a qual as terras livres (da neve) produzem, e agora convém fazer um sacrifício a Fauno, nos bosques sombrios.”.

As duas formas verbo-nominais de infinitivo: “*impedire*”, com o seu complemento em acusativo singular neutro “*nitidum caput*” e a complementação circunstancial em ablativo singular neutro “*uiridi myrto*” e “*immolare*”, com seu complemento em dativo singular masculino “*Fauno*” e a complementação circunstancial em ablativo plural masculino “*umbrosis lucis*”, funcionam como sujeito do verbo unipessoal “*decet*”.

02. “(...) / *sunt (alii) quibus unum opus est intactae Palladis urbem / carmine perpetuo celebrare et / undique decerptam fronti praeponere oliuam.*” (VII, v. 5-6) – “Há outros que só

necessitam (ou “Há outros aos quais é necessário”) celebrar em verso contínuo a cidade da pura Palas e preferir na frente a oliveira, colhida de todas as partes.”.

As duas formas de infinitivo presente ativo compõem o sujeito composto da expressão unipessoal “*opus est*”: “*celebrare*”, com seu complemento em acusativo “*urbem*” e sua complementação circunstancial em ablativo “*carmine perpetuo*”, e “*praeponere*”, com seu complemento em acusativo “*oliuam*” e sua complementação circunstancial em ablativo “*fronti*”.

03. “*Tu ne quaesieris (scire nefas) quem mihi, quem tibi / finem di dederint, Leuconoe, (...)*” (XI, v. 1-2) – “Que tu não procures saber (– é sacrilégio saber(es)) que fim, a mim e a ti, ó Leucônia, os deuses terão reservado (...)”.

A forma verbo-nominal “*scire*” é um infinitivo presente ativo intransitivo. O substantivo “*nefas*” (*ne* + *fas*) é neutro e indeclinável e é o predicativo de uma oração, cujo verbo cópula, que tem como sujeito “*scire*”, está subentendido (“*scire nefas est*”).

04. “(...). *Vt melius quicquid erit pati!*” (XI, v. 3) – “Quão melhor (é) suportar o que vier!”.

A forma verbo-nominal “*pati*” é um infinitivo presente do verbo depoente “*patior*”, que apresenta a estrutura “*quicquid erit*” como complemento, já que é transitivo. A estrutura “*pati quicquid erit*”, funciona como sujeito da oração “*Vt (est) melius*”, cujo verbo “*est*” está subentendido.

05. “(...). */ durum: sed leuius fit patientia / quicquid corrigere est nefas.*” (XXIV, v. 19-20) – “(É) duro: mas torna-se mais suave com a paciência tudo aquilo que é sacrilégio corrigir(mos).”.

A forma de infinitivo presente ativo “*corrigere*”, com seu complemento “*quicquid est nefas*”, funciona como sujeito de “*fit*”, que tem como predicativo o adjetivo singular neutro “*leuius*”.

06. “*Natis in usum laetitiae scyphis / pugnare Thracum est; (...)*” (XXVII, v. 1-2) – “É próprio dos trácios lutar com os copos, destinados à prática da alegria.”.

A forma de infinitivo presente ativo “*pugnare*”, com uma complementação circunstancial “*natis in usum laetitiae scyphis*”, funciona como sujeito da flexão verbal “*est*”, em estrutura própria ao latim (“*est*” + genitivo).

07. “*Sic uisum Veneri, cui placet imparis / formas atque animos sub iuga aenea / saeue mittere cum ioco.*” (XXXIII, v. 10-2) – “Assim pareceu a Vênus, a quem agrada deixar passar sob os jugos inflexíveis as almas e as formas diferentes com um jogo cruel.”.

A forma verbo-nominal de infinitivo presente ativo “*mittere*”, com seu complemento composto em acusativo “*imparis formas*” e “*animos*” e complementações circunstanciais “*sub iuga aenea*” (em acusativo) e “*saeue cum ioco*” (em ablativo), funciona como sujeito do verbo unipessoal “*placet*”. Convém observar que, na tradução do verbo “*mittere*” (da expressão “*mittere sub iuga*”), o seu complemento é, em português, o sujeito (“deixar as almas e as formas diferentes passarem sob os jugos inflexíveis”).

08. “(...), *nunc Saliaribus / ornare puluinar deorum / tempus erat dapibus, sodales.*” (XXXVII, v. 2-4) – “Companheiros, (...); então era tempo de guarnecer o leito dos deuses com iguarias sálias.”.

A forma de infinitivo presente ativo “*ornare*”, com seu complemento em acusativo “*puluinar*” e complementação em ablativo “*Saliaribus dapibus*”, funciona como sujeito da expressão “*tempus erat*”.

09. “*Antehac nefas depromere Caecubum / cellis auitis, (...)*” (XXXVII, v. 5-6) – “Até então, é sacrilégio tirar o vinho de Cécubo dos celeiros dos nossos antepassados, (...).”.

A forma de infinitivo presente ativo “*depromere*”, com um complemento em acusativo “*Caecubum*” e uma complementação em ablativo “*cellis*”, é o sujeito de um verbo subentendido (“*est*”) da expressão “*nefas est*”.

Forma de Infinitivo como Sujeito (com sujeito próprio) – Sujeito Oracional

Estão relacionados, nesta seção, os exemplos em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de infinitivo com um sujeito próprio (físico, normalmente em acusativo, ou subentendido, diferente do da oração principal) numa estrutura que funciona como sujeito oracional do verbo de uma outra oração (Oração Principal). A estrutura oracional, que traduzimos como sujeito em forma de uma estrutura oracional, corresponde a uma oração subordinada substantiva subjetiva.

01. “*Maecenas atavis edite regibus, / o et praesidium et dulce decus meum, / sunt quos curriculo puluerem Olympicum / collegisse iuuat (...)*” (I, v. 1-4) – “Ó Mecenas, nascido de antepassados reais, meu sustentáculo e minha doce glória, há aqueles aos quais agrada terem juntado a poeira olímpica ao carro;(...)”.

A forma de infinitivo perfeito ativo “*collegisse*”, com seu sujeito subentendido e com seus complementos em dativo “*curriculo*” e em acusativo “*Olympicum puluerem*”, funciona como sujeito do verbo transitivo unipessoal “*iuuat*”.

02. “*(...) Teucer Salamina patremque / cum fugeret, tamem uda Lyaeo / tempora populea fertur uinxisse corona, / sic tristis affatus amicos: / (...)*” (VII, v. 20-3) – “Quando Teucro fugia do pai em Salamina, diz-se, porém, ter ele ornado a cabeça, molhada em vinho, com uma coroa de choupo, falou assim aos tristes amigos.”.

O infinitivo perfeito ativo “*uinxisse*”, com seu sujeito subentendido e com um complemento em acusativo “*uda tempora*” e uma complementação circunstancial em ablativo “*populea corona*”, funciona como sujeito da flexão verbal passiva “*fertur*” (em terceira pessoa do singular do presente do indicativo em voz passiva, exprimindo indeterminação). Ernout et Thomas (§ 327) descreve esse emprego pessoal da forma passiva.

03. “*Vrgent inpauidi te Salaminus / Teucer, te Sthenelus sciens / pugnae, siue opus est impe-
ritare equis, / non auriga piger; Merionen quoque / nosces. (...)*” (XV, v. 23-7) – “Impávidos,
ameaçam-te Salamino Teucro e Estênelo, hábil em guerra, ou ágil cocheiro, se é necessário
comandar os cavalos; conhecerás também Meriona.”.

A forma “*impe-ritare*”, que é um infinitivo presente ativo transitivo, com seu sujeito subentendido e com o seu complemento dativo “*equis*”, funciona como sujeito da expressão unipessoal “*opus est*” (“é necessário”).

04. “*Fertur Prometheus (...)/ (...) et insani leonis / uim stomacho apposuisse nostro.*” (XVI, v. 13-6) – “Diz-se Prometeu, (...), e ter posto no nosso estômago a força de um leão enfurecido.”.

O infinitivo perfeito ativo “*apposuisse*”, que é transitivo e apresenta-se com seu complemento em acusativo singular feminino “*uim leonis insani*” e uma complementação em dativo singular masculino “*nostro stomacho*”, funciona como sujeito do verbo em forma passiva “*fertur*” (em terceira pessoa do singular do presente do indicativo em voz passiva, exprimindo indeterminação). Convém observar que o sintagma nominal “*Prometheus*”, que exerce a função de sujeito em nominativo singular masculino da forma de infinitivo “*apposuisse*”, faz com que a forma verbal passiva tome a forma de terceira pessoa do singular, como se lhe servisse de sujeito. Como já foi observado, Ernout (§ 327) descreve esse emprego pessoal da forma passiva, usada de preferência por Cícero e César.

05. “*(...); hunc fidibus nouis, / hunc Lesbio sacrare plectro / teque tuasque decet sorores.*” (XXVI, v. 10-2) – “Convém a ti e às tuas irmãs consagrá-lo com novas liras e com o plectro (varinha de marfim) de Lesbos.”.

A forma de infinitivo presente ativo “*sacrare*”, com seu sujeito composto em acusativo “*te*” e “*tuas sorores*” e complemento acusativo “*hunc*” e acompanhada de uma complementação circunstancial composta em ablativo “*fidibus nouis*” e “*Lesbio plectro*”, funciona como sujeito da forma verbal unipessoal “*decet*”.

06. “*(...) nec quicquam tibi prodest / aérias temptasse domos animoque rotundum / percurrisse polum morituro.*” (XXVIII, v. 4-6) – “(...) e nem serve para nada a ti, que hás de morrer, teres alcançado as moradas elevadas com a tua inteligência e teres percorrido a abóbada celeste.”

As duas formas de infinitivo perfeito ativo “*temptasse*” (com seu complemento em acusativo “*aérias domos*” e complementação em ablativo “*animo*”) e “*percurrisse*” (com seu complemento em acusativo “*rotundum polum*”), que estão em paralelismo e com o sujeito (“*te*”, em acusativo) subentendido, funcionam como sujeito composto da flexão verbal “*prodest*”.

07. “*Et ture et fidibus iuuat / placare et uituli sanguine debito / custodes Numidae deos, / (...)*” (XXXVI, v. 1-3) – “Agrada(-me) satisfazer tanto com incenso quanto com as cordas da lira e com o prometido sangue de um novilho, os deuses, protetores de Númida.”.

A forma de infinitivo presente ativo “*placare*”, com seu sujeito subentendido e com o complemento “*custodes Numidae deos*” e a complementação circunstancial composto “*ture*”, “*fidibus*” e “*uituli sanguine debito*”, funciona como sujeito da flexão verbal unipessoal “*iuuat*”.

Forma de Infinitivo como Complemento de Adjetivo

Nesta seção, estão relacionados os exemplos em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de infinitivo numa estrutura que funciona como complemento em infinitivo de um adjetivo. A estrutura com o infinitivo, que traduzimos como complemento nominal em forma de uma estrutura oracional, corresponde a uma oração subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo.

01. “(...); *mox reficit rates / quassas, indocilis pauperiem pati.*” (I, v. 17-8) – “Depois, incapaz de suportar a pobreza, refaz as naus avariadas”.

O infinitivo presente ativo “*pati*” (depoente) é transitivo e, acompanhado de seu complemento acusativo “*pauperiem*”, funciona como complemento do adjetivo “*indocilis*”.

02. “(...) *nec grauem/ Pelidae stomachum cedere nescii, / (...)*” (VI, v. 5-9) – “(...), nem (tentamos celebrar) a rigorosa cólera do filho de Peleu, incapaz de ceder (...)”.

O infinitivo presente ativo “*cedere*” funciona como complemento do particípio adjetivo “*nescii*”, em genitivo singular masculino, concordando com o núcleo substantivo “*Pelidae*”. A estrutura “*cedere nescii*” (“incapaz de ceder”), que foi traduzida como uma oração subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo, também poderia ser traduzida como um simples adjetivo (“inflexível”). Também se poderia traduzi-la como oração subordinada adjetiva (“que não sabe ceder”).

Forma de Infinitivo em lugar de supino como Complemento de Adjetivo

Nesta seção, estão relacionados os exemplos em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de infinitivo em lugar de supino, numa estrutura que funciona como complemento em infinitivo de um adjetivo. A estrutura com o infinitivo, que traduzimos como complemento nominal em forma de uma estrutura oracional, corresponde a uma oração subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo.

01. “*Audax omnia perpeti / gens humana ruit per uetitum nefas.*” (III, v. 26-7) – “Audaz em suportar todas as coisas, a raça humana precipita-se por sacrilégio proibido.”.

O infinitivo presente “*perpeti*” (depoente), com seu complemento em acusativo plural neutro “*omnia*”, funciona como complementação circunstancial do adjetivo “*audax*”, que é o núcleo do predicativo circunstancial de “*gens humana*”.

02. “*te canam, magni Iouis et deorum / nuntium curuaeque lyrae parentem, / callidum quicquid placuit iocosos / condere furto.*” (X, v. 5-8) – “Contarei a ti, mensageiro do grande Júpiter e dos deuses e criador da lira côncava, (a ti) astuto em guardar com um jocoso ardil tudo quanto (te) aprouve.”.

O infinitivo presente ativo “*condere*”, com a complementação em ablativo “*iocosus furto*” e o complemento oracional “*quicquid placuit*”, funciona como complemento do adjetivo “*callidum*”.

03. “(...), / *blandum et auritas fidibus canoris / ducere quercus.*” (XII, v. 11-2) – “(...), atraente em conduzir os carvalhos atentos às (suas) harmoniosas liras.”.

A forma de infinitivo presente ativo “*ducere*”, com seu complemento “*auritas fidibus canoris quercus*”, funciona como complemento do adjetivo “*blandum*”.

04. “*Dicam et Alciden puerosque Ledaee, / hunc equis, illum superare pugnis nobilem; (...)*” (XII, v. 25-6) – “Celebrarei também o descendente de Alceu e os filhos de Leda: este notável em vencer com os cavalos; o outro, com os punhos.”.

O infinitivo presente ativo “*superare*”, com sua complementação circunstancial em ablativo plural masculino “*pugnis*” e ablativo plural masculino “*equis*”, funciona como complemento (parte do aposto distributivo) do adjetivo “*nobilem*”.

05. “(...): *Mala ducis aui domum / quam multo repetet Graecia milite, / coniurata tuas rumpere nuptias / et regnum Priami uetus.*” (XV, v. 5-8) – “Com mau agouro, tu conduzes para casa aquela a quem, com exército numeroso, reclamará a Grécia, conjurada para romper tuas núpcias e o velho reino de Príamo.”.

A forma de infinitivo presente ativo “*rumpere*”, que expressa finalidade, é transitiva e apresenta um complemento composto de dois sintagmas nominais “*tuas nuptias et regnum Priami uetus*” e funciona como complemento do adjetivo participípio “*coniurata*”.

06. “(...), *urit grata proteuitas / et uoltus nimium lubricus aspici.*” (XIX, v. 7-8) – “(...); inflama-me a audácia agradável e o rosto muito perigoso de se olhar.”.

A forma de infinitivo presente passivo “*aspici*”, funciona como complemento do adjetivo “*lubricus*”, que serve de adjunto adnominal do núcleo substantivo “*uoltus*”.

07. “*num uanae redeat sanguis imagini, / quam uirga semel horrida, / non lenis precibus fata recludere, / nigro compulerit Mercurius gregi?*” (XXIV, v. 15-8) – “A vida não voltará à sombra vã, que, uma vez com seu horrível caduceu, inflexível em desvendar os destinos por causa das preces, Mercúrio tenha reunido ao negro bando?”.

A forma de infinitivo presente ativo “*recludere*”, acompanhado de seu complemento acusativo neutro plural “*fata*”, completa o adjetivo “*lenis*”.

08. “*puer quis ex aula capillis / ad cyathum statuetur unctis, / doctus sagittas tendere Sericas / arcu paterno? (...)*” (XXIX, v. 7-10) – “Que menino da corte se colocará de pé, com os cabelos perfumados, para (o manuseio de) o ciato, (sendo) instruído em lançar flechas de Seres com o arco paterno?”.

A forma de infinitivo presente “*tendere*”, com seu complemento em acusativo “*sagittas Sericas*” e complementação circunstancial em ablativo “*arcu paterno*”, funciona como complemento oracional com valor de finalidade do adjetivo participípio “*doctus*”.

09. “*O diua, gratum quae regis Antium, / praesens uel imo tollere de gradu / mortale corpus uel superbos / uertere funeribus triumphos, / (...)*” (XXXV, v. 1-4) – “Ó deusa, (tu) que guias o agradável Âncio, capaz ou de elevar do mais baixo degrau o corpo de um mortal, ou de transformar em funerais os notáveis triunfos.”

A forma de infinitivo presente ativo “*tollere*”, com seu complemento acusativo “*mortale corpus*” e uma complementação circunstancial em ablativo “*imo de gradu*”, funciona como parte do complemento do adjetivo “*praesens*”. O outro infinitivo presente ativo “*uertere*”, com seu complemento acusativo “*uperbos triumphos*” e uma complementação circunstancial em ablativo “*funeribus*”, também funciona como complemento do adjetivo “*praesens*”.

10. “*(...), diffugiunt cadis / cum faece siccatis amici, / ferre iugum pariter dolosi.*” (XXXV, v. 26-8) – “Depois de esgotados os barris com borra (de vinho) desaparecem os amigos, ao mesmo tempo enganadores em suportar o jugo.”

A forma de infinitivo present ativo “*ferre*”, com o seu complemento em acusativo “*iugum*”, funciona como complemento do adjetivo “*dolosi*”.

11. “*(...), quidlibet impotens / sperare fortunaque dulci / ebria. (...)*” (XXXVII, v. 10-2) – “(...), incapaz de esperar qualquer coisa e embriagada com a doce sorte.”

O infinitivo presente ativo “*sperare*”, com seu complemento em acusativo singular neutro “*quidlibet*”, funciona como complemento do adjetivo “*impotens*”.

Forma de Infinitivo como Complementação Circunstancial

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de infinitivo numa estrutura que funciona como complementação circunstancial de uma forma verbal. A estrutura com o infinitivo, que traduzimos como complementação circunstancial em forma de uma estrutura oracional, corresponde a uma oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo.

01. “*hunc, si mobilium turba Quiritium / certat tergeminis tollere honoribus.*” (I, v. 7-8) – “Este, se a tuba dos inconstantes romanos se esforça para exaltá-lo com honras supremas.”

A forma de infinitivo presente ativo “*tollere*”, que é intransitiva, com sua complementação em ablativo “*tergeminis honoribus*”, funciona como complementação do verbo intransitivo “*certat*”, que se constrói com infinitivo, indicando finalidade.

02. “*(...). Ecce furit te reperire atrox / Tydides melior patre, / (...)*” (XV, v. 27-8) – “Eis que está doido para te encontrar de novo o atroz Tidida, melhor que o pai, (...)”.

O infinitivo presente ativo “*reperire*”, que é transitivo e apresenta como complemento o pronome em acusativo singular masculino “*te*”, funciona como complementação com valor de finalidade para a forma verbal “*furit*”, que se constrói com infinitivo.

03. “*Fertur Prometheus addere principi / limo coactus particulam undique / desectam (...)*” (XVI, v. 13-5) – “Diz-se Prometeu ter sido forçado a acrescentar ao limo primitivo uma parcela arrancada de todos os lados, (...)”.

O infinitivo presente ativo “*addere*”, que se apresenta com seu complemento em acusativo singular feminino “*particulam*” (acompanhado do predicativo “*desectam undique*”) e uma complementação em dativo singular masculino “*limo principi*”, funciona como complementação com valor de finalidade do participio passado “*coactus*” (parte do infinitivo passado passivo “*coactus esse*”), que se constrói com infinitivo.

Forma de Infinitivo em lugar de Gerúndio como Complementação Circunstancial

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de infinitivo em lugar de gerúndio, numa estrutura que funciona como complementação circunstancial de uma forma verbal. A estrutura com o infinitivo, que traduzimos como complementação circunstancial em forma de uma estrutura oracional, corresponde a uma oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo.

01. “*(...) / omne cum Proteus pecus egit altos / uisere montis, / (...)*” (II, v. 7-8) – “(...), quando Proteu obrigou todo o seu bando a visitar o alto dos montes; (...)”.

A forma de infinitivo presente ativo “*uisere*”, com seu complemento em acusativo plural arcaico masculino “*altos montis*”, serve de complementação circunstancial de finalidade de “*egit*”.

02. “*Lydia, dic, per omnis / te deos oro, Sybarin cur properes amando / perdere.*” (VIII, v. 1-3) – “Ó Lídia, diz-me, por todos os deuses eu te rogo, por que te apressas em perverter Sibarís, amando-o.”.

A forma verbo-nominal de infinitivo presente ativo “*perdere*”, funciona como complementação circunstancial com valor de finalidade da flexão verbal intransitiva “*properes*”.

03. “*Quem uirum aut heroa lyra uel acri / tibia sumis celebrare, Clio?*” (XII, v. 1-2) – “Que homem ou herói tu, ó Clio, escolhes para celebrar com a lira ou com a flauta aguda?”.

A forma verbo-nominal de infinitivo presente ativo “*celebrare*” funciona como complementação circunstancial de finalidade.

04. “*Atqui non ego te, tigris ut aspera / Gaetulusue leo, frangere persequor: / (...)*” (XXIII, v. 10-2) – “Na verdade, eu não te persigo para abater-te, como um tigre selvagem ou um leão da Getúlia: (...)”.

A forma de infinitivo presente ativo “*frangere*”, funciona como complementação circunstancial de finalidade da flexão verbal “*persequor*”.

05. “*Musis amicus tristitiam et metus / tradam proteruis in mare Creticum / portare uentis, (...)*” (XXVI, v. 1-3) – “Eu, favorito das Musas, entregarei a tristeza e os medos aos violentos ventos, para eles (os) levarem para o mar de Creta.”.

A forma verbo-nominal de infinitivo presente ativo “*portare*”, com uma complementação em acusativo “*in mare Creticum*” funciona como complementação circunstancial com valor de finalidade da flexão verbal “*tradam*”.

Forma de Infinitivo em Locução Verbal

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de infinitivo numa estrutura em que compõe, com um verbo auxiliar, uma locução verbal.

01. “*(...)/ antemnaeque gemant ac sine funibus / uix durare carinae / possint imperiosius / aequor? (...)*” (XIV, v. 3-8) – “(...) e como as antenas gemem e, sem as amarras, dificilmente as carinas podem suportar o poderoso alto mar?”.

A forma verbo-nominal “*durare*” é um infinitivo presente, parte de uma locução verbal (“*possint durare*”), e, por ser transitiva, apresenta-se com um complemento (“*imperiosius aequor*”). Convém observar o posicionamento dos verbos: o auxiliar (“*possint*” aparece após “*durare*” e entre eles aparece o nominativo-sujeito “*carinae*”

02. “*(...)/ cum tibi flagrans amor et libido, / quae solet matres furiare equorum, / saeuiet circa iecur ulcerosum / non sine questu, (...)*” (XXV, v.13-6) – “(...), quando a ti o ardente amor e a libido, que costuma enfurecer as mães dos cavalos, maltratarão em torno de teu fígado ferido de amor não sem lamentação (...)”.

A forma de infinitivo presente ativo “*furiare*”, com seu complemento “*matres equorum*”, compõe a locução verbal com a flexão verbal “*solet*”.

03. “*Quae saga, quis te soluere Thessalis / magnus uenenis, quis poterit deus?*” (XXVII, v. 25-6) – “Que feiticeira, que feiticeiro poderá livrar-te com os feitiços tessalos, que grande deus?”.

O infinitivo presente ativo “*soluere*”, com seu complemento em acusativo “*te*” e complementação circunstancial em ablativo “*Thessalis uenenis*”, compõe com a flexão verbal “*poterit*” a locução verbal.

04. “*(...) Quis neget arduis / pronos relabi posse riuos / montibus (...)*” (XXIX, v. 10-2) – “Quem negará poderem os rios que descem voltar para o cimo dos montes (...)”.

A forma verbo-nominal de infinitivo “*relabi*”, que funcionam como complemento oracional de “*neget*”, compõe a locuções verbal com o auxiliar “*posse*”, que também é uma forma de infinitivo presente ativo.

05. “(...) *Quis neget arduis / pronos relabi posse riuos / montibus et Tiberim reueri, / (...)*” (XXIX, v. 10-2) – “Quem negará poderem os rios que descem voltar para o cimo dos montes e o Tibre refluir.”.

A forma verbo-nominal de infinitivo “*reueri*”, que funcionam como complemento oracional de “*neget*”, compõe a locuções verbal com o auxiliar “*posse*” (subentendido).

Forma de Infinitivo como Complemento de Substantivo

Relaciona-se nesta seção o único exemplo em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de infinitivo numa estrutura que funciona como complemento em infinitivo (sem sujeito próprio) de um substantivo. A estrutura com o infinitivo, que traduzimos como complementação circunstancial em forma de uma estrutura oracional, corresponde a uma oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo.

01. “*Gaudentem patrios findere sarculo / agros Attalicis condicionibus / nunquam demoueat, (...)*” (I, v. 11-3) – “Que nunca afastes, em condições de Átalo, quem se alegra em abrir os campos pátrios com a enxada, (...)”.

A forma verbo-nominal em infinitivo presente ativo “*findere*”, é transitiva e, juntamente com seu complemento acusativo “*patrios agros*” e sua complementação em ablativo “*sarculo*”, funciona como complemento em infinitivo de “*gaudentem*”, que é uma forma de particípio presente substantivada, a qual foi traduzida como oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta (“quem se alegra em abrir os campos pátrios com a enxada”) a “*demoueat*”.

Forma Verbo-Nominal de Infinitivo – 75 Ocorrências									
Compl. Verbal		Sujeito		Outras Funções					
S/Suj.	C/Suj.	S/Suj.	C/Suj.	C/Sup.	C.Adj.	C/Ger.	Circ.	L.Verb.	C. Subst
19	13	09	07	11	02	05	03	05	01

2. Particípio Presente

Forma de Particípio Presente como Adjunto Adnominal – Oração Subordinada Reduzida – Traduzida como Oração Subordinada Adjetiva Desenvolvida

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de particípio presente, numa estrutura que funciona como adjunto adnominal em forma de oração subordinada reduzida. A estrutura com o particípio presente, que traduzimos

como adjunto adnominal em forma de uma estrutura oracional, por predominar o aspecto verbal, corresponde a uma oração subordinada adjetiva desenvolvida.

01. “*Luctantem Icaris fluctibus Africum / mercator metuens otium et oppidi / laudat rura sui.*” (I, v. 15-7) – “O mercador, que teme o África, que luta contra a agitação do mar de Ícaro, louva o ócio e os campos de sua cidade.”.

A forma verbo-nominal de particípio presente “*luctantem*” – do verbo deponente intransitivo “*luctor*” –, em acusativo singular masculino, com uma complementação em ablativo “*Icaris fluctibus*”, concorda como um adjetivo com “*Africum*”, para o qual serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa.

02. “(...) / *Iliae dum se nimium querenti / iactat ultorem, (...)*” (II, v. 17-18) – “(...) enquanto se mostra vingador à Ília, que se queixa excessivamente, (...)”.

A forma de particípio presente “*querenti*”, em dativo singular feminino, com uma complementação adverbial “*nimium*”, concordando como um adjetivo com “*Iliae*”, para o qual funciona como adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa. Convém observar que se pode conceber uma ação momentânea expressa pelo particípio, cuja tradução poderia ser em forma de gerúndio (“(...) à Ília, queixando-se excessivamente”).

03. “*Quem uocet diuum populus ruentis / imperi rebus? (...)*” (II, v. 25-6) – “Qual dos deuses o povo deve evocar para os interesses do império, que declina?”.

A forma verbo-nominal de particípio presente “*ruentis*”, em genitivo singular neutro, concorda como um adjetivo com “*imperi*”, ao qual serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa.

04. “(...) *prece qua fatigent / uirgines sanctae minus audientem / carmina Vestam?*” (II, v. 26-8) – “Com que súplica as virgens sagradas devem importunar a Vesta, que pouco se importa com versos?”.

A forma verbo-nominal de particípio presente “*audientem*”, em acusativo singular feminino, acompanhado de seu complemento acusativo plural neutro “*carmina*” e complementação adverbial “*minus*”, concorda como um adjetivo com “*Vestam*” (complemento do verbo transitivo “*fatigent*”), ao qual serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa.

05. “(...), *nec timuit praecipitem Africum / decertantem Aquilonibus (...)*” (III, v. 12-3) – “(...) e nem temeu o impetuoso África, que luta contra os Aquilões.”.

Aqui, o particípio presente “*decertantem*”, em acusativo singular masculino, concordando como um adjetivo com “*Africum*”, com sua complementação circunstancial em ablativo plural masculino “*Aquilonibus*”, funciona como adjunto adnominal, traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa.

06. “(...) / *nec tam Larisae percussit campus opimae / quam domus Albunae resonantis / (...)*” (VII, v. 9-11) – “(...) nem o campo da fértil Larissa tem impressionado tanto quanto a gruta de Albúnea, que ressoa (...)”.

A forma verbo-nominal de particípio presente “*resonantis*”, em genitivo singular feminino, concorda como um adjetivo com o núcleo substantivo “*Albunae*”, para o qual serve de adjunto adnominal, traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa.

07. “(...) *seu te fulgentia signis / castra tenent seu densa tenebit / Tiburis umbra tui.*” (VII, v. 16-20) – “(...), quer te devam seduzir os acampamentos, que cintilam com as insígnias, quer te seduzirá a densa sombra da tua Tibur.”.

O particípio presente “*fulgentia*”, em nominativo plural neutro, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*castra*”, para o qual, com uma complementação circunstancial em ablativo “*signis*”, serve de adjunto adnominal, traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa.

08. “(...) *nec iam sustineant onus / siluae laborantes geluque / flumina constiterint acuto?*” IX, v. 2-4) – “(...) e já não sustentam o peso (da neve) as florestas, que cedem, e os rios pararam com o gelo penetrante?”.

A forma verbo-nominal de particípio presente “*laborantes*”, em nominativo plural feminino, concordando como adjetivo com “*siluae*”, para o qual funciona como adjunto adnominal, traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa. Convém ressaltar a interessante disjunção de “*gelu acuto*” com a intercalação de “*flumina constiterint*”.

09. “(...) / *donec uirenti canities abest / morosa. (...)*” (IX, v. 17-8) – “(...), enquanto a velhice desagradável está longe (de ti), que estás na mocidade.”.

A forma verbo-nominal de particípio presente “*uirenti*”, em ablativo singular masculino, concorda como um adjetivo com uma estrutura em ablativo “*a te*” subentendida, já que a forma verbal transitiva “*abest*” se constrói com ablativo com a preposição “*ab*”, funciona como adjunto adnominal, traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa.

10. “*unde uocalem temere insecutae / Orphea siluae / arte materna rapidos morantem / fluminum lapsus celerisque uentos, / blandum et auritas fidibus canoris / ducere quercus.*” (XII, v. 7-12) – “De onde as florestas seguiram, às cegas, o harmonioso Orfeu, que detém, por arte materna, as rápidas correntes dos rios e os céleres ventos; atraente em conduzir os carvalhos atentos às (suas) harmoniosas liras.”.

Aqui, a forma de particípio presente “*morantem*” (com seu complemento composto em acusativo “*fluminum lapsus celerisque uentos*” e a complementação circunstancial “*arte materna*”), em acusativo singular masculino, concorda como adjetivo com “*Orphea*”, para o qual funciona como adjunto adnominal, traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa.

11. “*Ille seu Parthos Latio imminentis / egerit iusto domitos triumpho / siue subiectos Orientis orae / Seras et Indos / te minor laetum reget aequus orbem.*” (XII, v.51-5) – “Ele, quer tenha expulsado os partos, que ameaçam o Lácio, dominados com um triunfo justo, quer (tenha ex-

pulsado) os seres e os indus, que estão abaixo da região oriental, abaixo de ti, imparcial, governará o próspero orbe.”.

A forma de particípio presente “*imminentis*” (com seu complemento em dativo singular masculino “*Latio*”), em acusativo plural masculino, concorda como adjetivo com “*Parthos*”, do qual é um adjunto adnominal, traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa.

12. “(...), *umor et in genas / furtim labitur, arguens / quam lentis penitus macerer ignibus.*” (XIII, v. 6-8) – “e escorre furtivamente pelas pálpebras uma lágrima, que demonstra quão profundamente eu sou consumido pelas chamas lentas.”.

O particípio presente “*arguens*”, em nominativo singular masculino, que foi traduzido como uma oração subordinada adjetiva explicativa, concorda com “*umor*”, ao qual se refere como um adjetivo e para o qual funciona como adjunto adnominal. Observa-se que a forma verbo-nominal é transitiva e se completa com a oração “*quam lentis penitus macerer ignibus*” (com verbo no presente passivo do subjuntivo e sem conjunção). Convém observar também a disjunção entre a forma verbo-nominal e o núcleo substantivo a que se refere (“*umor arguens*”).

13. “*hic in reducta ualle Caniculae / uitabis aestus et fide Teia / dices laborantis in uno / Penelopen uitramque Circen.*” (XVII, v. 17-20) – “Aqui, num vale afastado, evitarás os ardores da Canícula e com a lira de Teos celebrarás Penélope e a brilhante Circe, que se inclinam por um único (homem).”.

A forma de particípio presente “*laborantis*”, em acusativo plural feminino, como adjetivo concorda com os núcleos substantivos “*Penelopen*” e “*Circen*”, para os quais serve de adjunto adnominal, que, juntamente com a complementação em ablativo “*in uno*”, foi traduzido como uma oração subordinada adjetiva explicativa.

14. “(...) *nec metues proteruum / suspecta Cyrum, ne male dispari / incontinentis iniciat manus / et scindat haerentem coronam / crinibus inmeritamque uestem.*” (XVII, v. 24-8) – “(...) nm tu, desconfiada, temerás o violento Ciro, (não temerás) que ele lance injustamente a ti, desigual (em força), as mãos voluptuosas / e rasgue a tua coroa, que está unida aos cabelos, e o vestido, que não merece.”.

A forma de particípio presente “*haerentem*”, em acusativo singular feminino, como adjetivo concorda com o núcleo substantivo “*coronam*”, para o qual funciona, com a complementação em ablativo “*crinibus*”, como adjunto adnominal, traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa.

15. “(...), *quae subsequitur caecus amor sui / et tollens uacuum plus nimio gloria uerticem / arcanique fides prodiga, perlucidior uitro.*” (XVIII, v. 14-6) – “(...), os quais segue(m) o cego amor próprio e a vaidade, que ergue a cabeça vazia ao máximo, e a lealdade pródiga do segredo, mais transparente que o vidro.”.

A forma de particípio presente “*tollens*”, em nominativo singular feminino, concorda como um adjetivo com o núcleo substantivo “*gloria*”, para o qual funciona, acompanhado de seu complemento em acusativo “*uacuum uerticem*” e uma complementação circunstancial “*plus*

nimio”, como adjunto adnominal, que foi traduzido como uma oração subordinada adjetiva explicativa.

16. “*Vrit me Glycerae nitor / splendentis Pario marmore purius, (...)*” (XIX, v. 5-6) – “Inflama-me a beleza de Glícera, que brilha mais puramente que o mármore de Paros; (...)”.

A forma de particípio presente “*splendentis*”, em genitivo singular feminino, concorda como um adjetivo com o núcleo substantivo “*Glycerae*”, para o qual, acompanhado da complementação comparativa “*Pario marmore purius*”, serve de adjunto adnominal, traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa.

17. “*pone sub curru nimium propinqui / solis in terra domibus negata: / dulce ridentem Lalage amabo, / dulce loquentem.*” (XXII, v. 21-4) – “Coloca-me sob um arado de sol demasiadamente próximo, numa terra imprópria a habitações; amarei Lalage, que fala e ri docemente.”.

As formas de particípio presente “*ridentem*” e “*loquentem*”, em acusativo singular feminino, com uma complementação adverbial “*dulce*”, concordam como adjetivos com o núcleo substantivo “*Lalagen*”, para o qual funcionam como adjuntos adnominais, que foram traduzidos como orações subordinadas adjetivas explicativas.

18. “*Vitas inuleo me similis, Chloe, / quaerenti pauidam montibus auis / matrem non sine uano / aurarum et siluae metu.*” (XXIII, v. 1-4) – “Tu me evitas, Cloe, semelhante a um filhote de corça, que procura a apavorada mãe pelas montanhas inacessíveis, não sem medo vão do ar e da mata.”.

O particípio presente “*quaerenti*” destes versos, em dativo singular masculino, concorda como um adjetivo com o núcleo substantivo “*inuleo*” (“*hinnuleo*”), para o qual, acompanhado de seu complemento em acusativo “*pauidam matrem*” e uma complementação em ablativo “*montibus auis*” e uma complementação circunstancial “*non sine uano metu aurarum et siluae*”, funciona como adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa.

19. “*Te maris et terrae numeroque caerentis harenae / mensorem cohibent, Archyta, / pulueris exigui prope latum parua Matinum / (...)*” (XXVIII, v. 1-3) – “Ó Arquitas, a ti, mensurador do mar e da terra e do deserto que não tem medida, pequenos benefícios de um pouco de pó detêm-te próximo ao vasto Matino (...)”.

O particípio presente “*caerentis*”, em genitivo singular feminino, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*harenae*”, para o qual, acompanhado de seu complemento em ablativo “*numero*”, serve de adjunto adnominal, traduzido como oração subordinada adjetiva restritiva.

20. “*O Vênus Regina Cnidi Paphique, / sperne dilectam Cypron et uocantis / ture te multo Glycerae decoram / tranfer in aedem.*” (XXX, v. 1-4) – “Ó Venus, rainha de Cnido e de Pafos, afasta-te de tua amada Chipre e transfere-te para o teu rico templo de Glícera, que te invoca com muito incenso.”.

O particípio presente “*uocantis*”, em genitivo singular feminino, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*Glyceræ*” e, com seu complemento em acusativo “*te*” e uma complementação em ablativo “*ture multo*”, serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa. Pode-se perceber um tipo de disjunção interessante entre “*uocantis*” e “*Glyceræ*”, em virtude da antecipação do particípio, que se faz acompanhar de seu complemento e sua complementação.

21. “(...), *diues et aureis / mercator exsiccet culillis / uina Syra reparata merce, / dis carus ipsis, quippe ter et quater / anno reuisens aequor Atlanticum / inpune: (...)*” (XXXI, v. 10-2) – “(...) e que, dos copos da cor do ouro, os vinhos trocados por mercadoria da Síria, beba o rico mercador, que, caro aos próprios deuses, sem dúvida três ou quatro vezes por ano visita o mar Atlântico impunemente.”

A forma de particípio presente “*reuisens*”, em nominativo singular masculino, concorda com “*mercator*”, para o qual, com seu complemento em acusativo “*aequor Atlanticum*” e complementação adverbial “*inpune*”, serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa.

22. “(...) / *Liberum et Musas Veneremque et illi / semper haerentem puerum canebat et Lycum nigris oculis nigroque / crine decorum.*” (XXXII, v. 9-12) – “(...), celebrava Líber e as Musas, Vênus e o menino (Cupido), que a ela sempre se liga, e Licos, belo pelos seus cabelos e olhos negros.”

A forma de particípio presente “*haerentem*” deste trecho, em acusativo singular masculino, concorda como um adjetivo com o núcleo substantivo “*puerum*”, para o qual, com seu complemento em dativo “*illi*” e complementação adverbial “*semper*”, serve de adjunto adnominal, traduzido como uma oração subordinada adjetiva explicativa.

23. “(...), *o laborum / dulce lenimen, mihi cumque salue / rite uocanti.*” (XXXII, v.14-6) – “ó doce alívio das minhas fadigas, em qualquer circunstância, valha a mim, que te invoca convenientemente.”

A forma de particípio presente “*uocanti*”, em dativo singular masculino, com uma complementação adverbial “*rite*”, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*mihi*”, servindo-lhe de adjunto adnominal, traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa.

24. “(...), / *mentemque lymphatam Mareotico / redegit in ueros timores / Caesar, ab Italia uolantem / remis adurgens, (...)*” (XXXVII, v. 14-6) – “(...), e seu espírito enlouquecido pelo vinho da Mereótida César, perseguindo a remos a ela, que sai veloz da Itália, submeteu a verdadeiros temores.”

A forma verbo-nominal de particípio presente “*uolantem*”, em acusativo singular feminino, com uma complementação em ablativo “*ab Italia*” e concordando como adjetivo com um núcleo subentendido (“*regina*”, anteriormente citada), serve-lhe de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa. Também se pode conceber uma substantivação de tal particípio, funcionando como complemento acusativo do particípio “*adurgens*”, cuja tradução seria uma oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta (“quem sai veloz da Itália”) ou uma estrutura nominal (“fugitiva da Itália”).

25. “(...): *neque te ministrum / dedecet myrtus neque me sub arta / uite bibentem.*” (XXXVIII, v. 6-8) – “(...) e a murta nem fica mal a ti, que (me) serves, nem a mim, que bebo sob uma acanhada videira.”

A forma verbo-nominal de particípio presente “*bibentem*”, em acusativo singular masculino, com uma complementação em ablativo “*sub arta uite*”, concordando como adjetivo com o complemento acusativo da flexão verbal “*dedecet*”, o pronome “*me*”, para o qual funciona como um adjunto adnominal, traduzido por uma oração subordinada adjetiva explicativa.

Forma de Particípio Presente como Adjunto Adnominal – Oração Subordinada Reduzida – Traduzida como Adjunto Adnominal em forma de Adjetivo

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de particípio presente, numa estrutura que funciona como adjunto adnominal em forma de oração subordinada reduzida. A estrutura com o particípio presente, por predominar o aspecto nominal, foi traduzida como adjunto adnominal como se fosse um simples adjetivo.

01. “(...) / *siue tu mauis, Erycina ridens, / (...)*” (II, v. 33) – “(...), ou (vem) tu, se preferes, ó risonha Ericina.”

O particípio presente “*ridens*”, em nominativo singular feminino, concorda como um simples adjetivo com “*Erycina*”, do qual é um adjunto adnominal.

02. “*Quem mortis timuit gradum / qui siccis oculis monstra natantia, / (...) uidit (...)?*” (III, v. 17-9) – “Que gênero de morte temeu quem viu, a olhos firmes, os monstros marinhos?”

O particípio presente “*natantia*”, em acusativo plural neutro, concorda como um simples adjetivo com “*monstra*”, para o qual funciona como adjunto adnominal, que poderia ser traduzido como uma oração subordinada adjetiva (“que nadam”).

03. “(...) / *laeta quod pubes hedera uirenti / gaudeat pulla magis atque myrto / aridas frondes hiemis sodali / dedicet Euro.*” (XXV, v. 17-20) – “(...), porque a juventude alegre gosta da hera vigorosa e da murta mais escura e consagrará as folhas secas ao Euro, companheiro do inverno.”

O particípio presente “*uirenti*” deste trecho, em ablativo singular feminino, concorda como um adjetivo com o núcleo substantivo “*hedera*”, servindo-lhe de adjunto adnominal, que também poderia ser traduzido como uma oração subordinada adjetiva (“que floresce ou é vigorosa”).

04. “*cus deorum cultor et infrequens, insanientis dum sapientiae / consultus erro, (...)*” (XXIV, v. 1-2) – “Eu, pouco assíduo e moderado adorador dos deuses, quando versado em uma insana sabedoria, ando sem destino.”

O particípio presente “*insanientis*”, em genitivo singular feminino, concorda como um simples adjetivo com o núcleo substantivo “*sapientiae*”, servindo-lhe de adjunto adnominal.

05. “(...), / *iniurioso ne pede proruas / stantem columnam, (...)*” (XXXV, v.14-5) – “(...), que tu não destruas com teu pé injusto a coluna firme (...)”.

O particípio presente “*stantem*” deste trecho, em acusativo singular feminino, concorda como um adjetivo com o núcleo substantivo “*columnam*”, servindo-lhe de adjunto adnominal, que foi traduzido como um simples adjetivo, mas que poderia ser traduzido como uma oração subordinada adjetiva (“que está firme”).

06. “*ausa et iacentem uisere regiam / uoltu sereno, fortis et asperas / tractare serpentes, ut atrum / corpore conbiberet uenenum, / (...)*” (XXXVII, v. 23-5) – “ousou não só contemplar o seu castelo abandonado com o rosto sereno, como também, corajosa, pegar as agudas serpentes para absorver no corpo o veneno atroz.”.

O particípio presente “*iacentem*”, em acusativo singular feminino, concorda como um simples adjetivo com “*regiam*”, para o qual serve de adjunto adnominal.

Forma de Particípio Presente como Adjunto Adnominal – Oração Subordinada Reduzida – Traduzida como Oração Subordinada Adjetiva Reduzida de Gerúndio

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma verbominal de particípio presente, numa estrutura que funciona como adjunto adnominal em forma de oração subordinada reduzida. A estrutura com o particípio presente, que traduzimos como adjunto adnominal em forma de uma estrutura oracional, corresponde a uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio, por expressar uma ação momentânea.

01. “(...), *uae, meum / feruens difficili bile tumet iecur.*” (XIII, v. 3-4) – “(...), ai! Meu fígado (= íntimo; coração), ardendo de penoso mau humor, fica intumescido.”

O particípio presente “*feruens*”, em nominativo singular neutro, com sua complementação em ablativo “*difficili bile*”, concorda como um adjetivo com “*iecur*”, funcionando como adjunto adnominal na estrutura “*meum iecur feruens difficili bile*”. Optou-se pela tradução em forma de uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio, embora seja possível a tradução em forma de adjetivo (“ardente”) ou em forma de oração subordinada adjetiva (“que arde”). Nesta estrutura, ocorre uma interessante disjunção de “*meum iecur*”.

02. “*In me tota ruens Venus / Cyprum deseruit, (...)*” (XIX, v. 9-10) – “Vênus, lançando-se toda para mim, abandonou Chipre, (...)”.

A forma de particípio presente “*ruens*”, em nominativo singular feminino, acompanhado de uma complementação em acusativo “*in me*”, concorda como um adjetivo com o núcleo substantivo “*Venus*”, para o qual serve de adjunto adnominal, traduzido como oração subordinada em gerúndio, mas que poderia ser traduzida de forma desenvolvida (“que se lança toda para mim”).

03. “*Ipsum me melior cum peteret Venus, / grata detinuit compede Myrtale / libertina, fretis acrior Hadriae / curuantis Calabros sinus.*” (XXXIII, v. 13-6) – “Quando Vênus, que é mais

forte, procurou a mim mesmo, a agradável Mirtale, uma liberta, mais violenta que as ondas do Mar Adriático, dobrando as enseadas da Calábria, me prendeu com algema (numa paixão).”.

A forma de particípio presente “*curuantis*”, em ablativo plural neutro, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*fretis*”, para o qual, com seu complemento em acusativo “*Calabros sinus*”, serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada em gerúndio. Também poderia ser traduzido como uma oração subordinada adjetiva explicativa (“que dobra as enseadas da Calábria”).

04. “(...) *namque Diespiter / igni corusco nubila diuidens / plerumque, per purum tonantis / egit equos uolucrumque currum, / (...)*” (XXXIV, v. 5-8) – “De fato, Júpiter, separando as nuvens com o seu raio cintilante na maioria das vezes, pelo céu conduziu os cavalos trovejantes e o carro veloz.”.

A forma de particípio presente “*diuidens*”, em nominativo singular masculino, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*Diespiter*”, para o qual, com seu complemento em acusativo “*nubila*” e uma complementação em ablativo “*igni corusco*” e uma complementação adverbial “*plerum*”, serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada em gerúndio, mas que poderia ser traduzida em forma desenvolvida. (“que separa as nuvens com o seu raio cintilante na maioria das vezes”).

05. “*Valet ima summis / mutare et insignem attenuat deus, / obscura promens; (...)*” (XXXIV, v. 12-4) – “Deus, fazendo aparecer a escuridão, enfraquece o ilustre e pode transformar as coisas inferiores em superiores.”.

A forma de particípio presente “*promens*”, em nominativo singular masculino, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*deus*”, para o qual, com seu complemento em acusativo “*obscura*”, serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada em gerúndio, mas que poderia ser traduzido em forma desenvolvida (“que faz aparecer a escuridão”).

Forma de Particípio Presente como Adjunto Adnominal – Traduzido como Adjunto Adnominal em forma de Adjetivo

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma de adjetivo particípio presente, numa estrutura que funciona como adjunto adnominal. A estrutura com o adjetivo particípio presente foi traduzida como adjunto adnominal em forma de adjetivo, por predominar o aspecto nominal.

01. “(...) *Pater, et rubente / dextera sacras iaculatus arces / terruit urbem, (...)*” (II, v. 2-4) – E o Pai, que atingiu as cidadelas sagradas com a sua avermelhada mão direita, aterrorizou a cidade, (...)”.

O adjetivo particípio presente “*rubente*”, em ablativo singular feminino, concorda com o núcleo substantivo “*dextera*”, para o qual serve de adjunto adnominal, como um simples adjetivo.

02. “(...) *tandem uenias precamur, / nube candentis umeros amictus, / augur Apollo, / (...)*” (II, v. 30-32) – “Enfim, suplicamos-te, ó profeta Apolo, que venhas, envolvido de uma nuvem com os teus brilhantes ombros, (...)”.

O adjetivo particípio presente “*candentis*”, em acusativo de relação (com um subentendido “tu”) plural masculino, concorda com “*umeros*”, para o qual serve de adjunto adnominal, que também poderia ser traduzido como uma oração subordinada adjetiva (“que brilham”).

03. “(...), *dum grauis Cyclopum / Vulcanus ardens uisit afficinas.*” (IV, v. 7-8) – “(...), enquanto o ardente Vulcano visita as oficinas laboriosas dos ciclopes.”.

O adjetivo particípio presente “*ardens*”, em nominativo singular masculino, concorda com “*Vulcanus*”, para o qual funciona como adjunto adnominal.

04. “*me nec tam patiens Lacedaemon / nec tam Larisae percussit campus opimae / quam (...)*” (VII, v. 9-11) – “A mim, nem a paciente Lacedemônia nem o campo da fértil Larissa tem impressionado tanto quanto (...)”.

O adjetivo particípio presente “*patiens*”, em nominativo singular feminino, concorda com o núcleo substantivo “*Lacedaemon*”, para a qual serve de adjunto adnominal.

05. “(...) / *nunc et latentis proditor intumo / gratus puellae risus ab angulo / pignusque deraptum lacertis / aut digito male pertinaci.*” (IX, v. 21-4) – “(...); como também (são de novo procurados) o agradável riso, (proveniente) de um recanto íntimo, revelador da amada escondida, e a garantia arrancada dos braços ou do dedo mal obstinado.”.

O adjetivo particípio presente “*latentis*”, em genitivo singular feminino, concorda com “*puellae*” e lhe serve de adjunto adnominal, que também poderia ser traduzido como uma oração subordinada adjetiva (“que está escondida” ou “que se esconde”).

06. “*Vrgent inpauidi te Salaminus / Teucer, te Sthenelus sciens / pugnae, siue opus est imperitare equis, / non auriga piger; (...)*” (XV, v. 23-7) – “Impávidos, ameçam-te Salamino Teucro e Estênelo, hábil em guerra, ou ágil cocheiro, se é necessário comandar os cavalos; (...)”.

O adjetivo particípio presente “*sciens*”, em nominativo masculino singular, concorda com “*Sthenelus*”, funciona como seu adjunto adnominal e rege o genitivo singular feminino “*pugnae*”, que lhe serve de complemento.

07. “*Inpune tutum per nemus arbutos / quaerunt latentis et thyma (...)*” (XVII, v. 5-6) – Impunemente, (as fêmeas) procuram pelo bosque seguro os arbustos ocultos e os tomilhos.”.

O adjetivo particípio presente “*latentis*”, em acusativo plural masculino, concorda com “*arbutos*” e lhe serve de adjunto adnominal restritivo. Convém observar a disjunção causada pela interposição do verbo “*quaerunt*” entre o núcleo substantivo “*arbutos*” e o adjetivo “*latentis*”.

08. “(...) *deuia / olentis uxores mariti*” (XVII, v. 5-7) – “(...) as fêmeas, separadas de (seu) fedorento marido, (...)”.

O adjetivo particípio presente “*olentis*”, em genitivo singular masculino, concorda com “*mariti*” e lhe serve de adjunto adnominal. Convém observar a disjunção causada pela interposição do substantivo “*uxores*” entre o adjetivo particípio “*olentis*” e o núcleo substantivo “*mariti*”.

09. “*Inuicem moechos anus arrogantis / flebis in solo leuis angiportu / (...)*” (XXV, v. 9-10) – “No entanto, envelhecida, tu, fútil, deplorarás os homens devassos numa solitária viela, (...)”.

O adjetivo particípio presente “*arrogantis*”, em acusativo plural masculino, concorda com o núcleo substantivo “*moechos*”, para o qual serve de adjunto adnominal.

10. “*(...) / cum tibi flagrans amor et libido, / quae solet matres furiare equorum, / saeuiet circa iecur ulcerosum / non sine questu, (...)*” (XXV, v.13-6) – “(...), quando a ti o ardente amor e a libido, que costuma enfurecer as mães dos cavalos, maltratarão em torno de teu fígado ferido de amor não sem lamentação (...)”.

O adjetivo particípio presente “*flagrans*”, em nominativo singular masculino, concorda com o núcleo substantivo “*amor*”, servindo-lhe de adjunto adnominal.

Forma de Particípio Presente como Predicativo – Traduzido como Predicativo do Sujeito

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma de adjetivo particípio presente, numa estrutura que funciona como predicativo. A estrutura com o adjetivo particípio presente foi traduzida como predicativo do sujeito, por predominar o aspecto nominal.

01. “*(...), sic tu sapiens finire memento / tristitiam uitaeque labores / molli, Plance, mero, (...)*” (VII, v. 16-18) – “(...), assim tu, sensato, ó Planco, lembra-te de acabar com a tristeza e os sofrimentos da vida com um agradável vinho puro, (...)”.

O adjetivo particípio presente “*sapiens*”, em nominativo singular masculino, concorda com “*tu*” e lhe serve de predicativo do sujeito. Também poderia ser traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que é prudente ou sensato”). Convém observar que a forma “*sapiens*” também é um substantivo (“homem sábio ou prudente” “o sábio”) e como tal poderia ser traduzido como aposto de “*tu*”.

02. “*(...), cur apricum / oderit Campum, patiens pulueris atque solis*” (VIII, v. 3-4) – “(diz-me) por que ele, resistente ao pó e ao sol, odeia o ensolarado campo (de Marte)”.

O adjetivo particípio presente “*patiens*”, com seu complemento composto em genitivo “*pulueris*” e “*solis*”, concorda com o subentendido sujeito de terceira pessoa (de “*oderit*”), para o qual funciona como um predicativo do sujeito, mas que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que resiste”).

03. “*(...), siue puer furens / impressit memorem dente labris notam.*” (XIII, v. 11-2) – “(...) ou se o rapaz, enlouquecido de amor, imprimiu com o dente sobre os lábios uma marca que faz lembrar.”

O adjetivo particípio presente “*furens*”, em nominativo singular masculino, concorda com “*puer*”, servindo-lhe de predicativo do sujeito, mas que poderia ter sido traduzido como uma oração subordinada adjetiva explicativa (“que a deseja ardentemente” ou “que está louco de amor”) ou em forma de infinitivo (“por estar enlouquecido de amor”, expressando uma circunstância com valor causal).

04. “(...) *Quae generosius / perire quaerens nec muliebriter / expauit ense* (...)” (XXXVII, v. 20-1) – “Ela, desejosa de morrer mais dignamente, nem temeu, à maneira das mulheres, a espada (...)”.

O adjetivo particípio presente “*quaerens*”, em nominativo singular feminino, com o complemento verbal de infinitivo “*perire*” e complementação adverbial “*generosius*”, concorda com pronome sujeito “*quae*”, para o qual serve de predicativo do sujeito. Tal estrutura poderia ser traduzida como oração subordinada adjetiva explicativa (“que deseja morrer mais dignamente”) ou, mais fiel ao tempo do particípio, como uma oração subordinada em infinitivo ou em gerúndio (“por desejar ou desejando morrer mais dignamente”).

Forma de Particípio Presente como Adjunto Adnominal – Traduzido como Adjunto Adnominal em forma de Oração Subordinada Adjetiva Desenvolvida

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma de adjetivo particípio presente, numa estrutura que funciona como adjunto adnominal. A estrutura com o adjetivo particípio presente, que foi traduzida como adjunto adnominal em forma de uma estrutura oracional, por predominar o aspecto verbal, corresponde a uma oração subordinada adjetiva desenvolvida.

01. “(...) *Africum / mercator metuens otium et oppidi / laudat rura sui*.” (I, v. 15-7) – “O mercador, que teme o África, (...), louva o ócio e os campos de sua cidade.”.

O adjetivo particípio presente “*metuens*”, em nominativo singular masculino, concorda com “*mercator*” e lhe serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa. Convém ressaltar que o adjetivo “*metuens*” normalmente se constrói com genitivo; aqui, apresenta-se com complemento em acusativo “*Africum*”.

02. “*siue mutata iuuenem, figura / ales in terris imitaris, almae / filius Maiae, patiens uocari / Caesaris ultor*.” (II, v. 41-4) – “Ou (que venhas) tu, que te deixas ser evocado como vingador de César, se, com a fisionomia mudada, imitas nas terras um jovem, ó alado filho da criadora Maia.”.

O adjetivo particípio presente “*patiens*”, em nominativo singular masculino, com um complemento verbal a forma de infinitivo “*uocari Caesaris ultor*”, concorda com um “*tu*” (subentendido) e lhe serve de adjunto adnominal, traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa.

03. “*Permitte diuis cetera, qui simul / strauere uentos aequore feruido / deproeliantis, (...)*” (IX, v. 9-11) – “Quanto ao resto, entrega aos deuses que, neste momento, acalmaram os ventos que combatem no mar violento.”.

O adjetivo particípio presente do desusado verbo “*deproelior*” – em acusativo plural masculino, com uma complementação em ablativo “*aequore feruido*” –, concordando com “*uentos*”, para o qual funciona como adjunto adnominal, traduzido como oração subordinada adjetiva restritiva.

04. “(...) / *utcumque dulci, Tyndari, fistula / ualles et Vsticae cubantis / leuia personuere saxa.*” (XVII, v. 10-2) – “(...) todas as vezes em que os vales e as lisas rochas da colina de Ustica, que está doente, ó filha de Tindareu, ressoaram com a doce flauta.”

O adjetivo particípio presente “*cubantis*”, em genitivo singular feminino, concorda com o núcleo substantivo “*Vsticae*”, servindo-lhe de adjunto adnominal, que foi traduzido como uma oração subordinada adjetiva explicativa.

Forma de Particípio Presente como Predicativo – Oração Subordinada Reduzida – Traduzida como Predicativo Circunstancial

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de particípio presente, numa estrutura que funciona como predicativo. A estrutura com o particípio presente, que traduzimos como predicativo circunstancial em forma de uma estrutura oracional, corresponde a uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio, por expressar uma circunstância.

01. “*Dissolue frigus ligna super foco / large reponens (...)*” (IX, v. 5-6) – “Diminue (tu) o frio, repondo abundantemente lenha no fogo!”

A forma verbo-nominal de particípio presente “*reponens*”, em nominativo singular masculino, concordando como adjetivo com um “tu” (subentendido na forma verbal de imperativo “*dissolue*”), para o qual funciona como predicativo circunstancial modal. Daí, a tradução em forma de oração subordinada em gerúndio.

02. “(...), *quas neque Noricus / derret ensis nec mare naufragum / nec saeuus ignis nec tremendo / Iuppiter ipse ruens tumultu.*” (XVI, v. 9-12) – “(...), as quais nem a espada do Norico afasta, nem o mar terrível, nem o violento fogo, nem o próprio Júpiter, lançando-se como uma terrível tempestade.”

A forma de particípio presente “*ruens*”, em nominativo singular masculino, com sua complementação modal “*tumultu tremendo*”, concorda como um adjetivo com Iuppiter, para o qual funciona como um predicativo circunstancial, cuja melhor tradução se faz em forma de oração reduzida de gerúndio com valor circunstancial de tempo.

03. “(...) *quid orat, de patera nouum / fundens liquorem? (...)*” (XXXI, v. 2-3) – “O que suplica (ele), derramando da patera o vinho novo?”

A forma de particípio presente “*fundens*”, em nominativo singular masculino, concordando como adjetivo com um subentendido “*is*” (refente a “*uates*”), para o qual, com o seu complemento em acusativo “*nouum liquorem*” e complementação circunstancial em ablativo “*de patera*” serve de predicativo circunstancial, que foi traduzido como oração subordinada em

gerúndio com valor temporal, mas que poderia ser traduzido como uma oração subordinada adjetiva explicativa (“que derrama da patera o vinho novo?”).

04. “*Te semper anteit serua Necessitas, / clauos trabalis et cuneos manu / gestans aena (...)*” (XXXV, v. 17-9) – “A tua serva Necessidade, portando na sua inexorável mão as travas e as cunhas, sempre te precede.”

A forma de particípio presente “*gestans*”, em nominativo singular feminino, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*Necessitas*”, para o qual, com seu complemento composto em acusativo “*clauos trabalis*” e “*cuneos*” e uma complementação circunstancial em ablativo “*manu aena*”, serve de predicativo circunstancial com valor modal, que foi traduzido como oração subordinada em gerúndio, mas que poderia ser traduzido como uma oração subordinada adjetiva explicativa (“que porta na sua inexorável mão as travas e as cunhas”). Também poderia exercer a função de adjunto adverbial de “precede” se o susceder (“A tua serva Necessidade sempre te precede, portando na sua inexorável mão as travas e as cunhas.”).

05. “*(...), / mentemque lymphatam Mareotico / redegit in ueros timores / Caesar, ab Italia uolantem / remis adurgens, (...)*” (XXXVII, v. 14-6) – “(...), e seu espírito enlouquecido pelo vinho da Mereótida César, perseguindo a remos a ela, que sai veloz da Itália, submeteu a verdadeiros temores.”

A forma de particípio presente ativo “*adurgens*”, em nominativo singular masculino, com uma complementação em ablativo “*remis*”, concorda com “*Caesar*”, servindo-lhe de predicativo circunstancial, que foi traduzido como oração subordinada em gerúndio. Tal estrutura também poderia ser traduzida como oração subordinada adjetiva explicativa (“que persegue a remos a ela”) ou como subordinada adverbial em gerúndio, se colocada após a estrutura “submeteu a verdadeiros temores”.

06. “*deliberata morte ferocior: / saeuis Liburnis scilicet inuidens / priuata deduci superbo, / non humilis mulier, triumpho.*” (XXXVII, v. 26-9) – “(Foi) mais forte pela morte deliberada: a nada humilde mulher, não concedendo indubitavelmente aos cruéis liburnos ser conduzida, em soberbo triunfo, como cidadã comum.”

A forma verbo-nominal de particípio presente “*inuidens*”, em nominativo singular feminino, concorda como um adjetivo com “*mulier*”, servindo-lhe de predicativo circunstancial, que foi traduzido como oração subordinada em gerúndio. Tal particípio tem como complementação adverbial “*scilicet*”, como complemento dativo a estrutura “*saeuis Liburnis*” e como complemento de infinitivo “*priuata deduci superbo triumpho*”, com valor casual, também poderia ser traduzido como oração subordinada em infinitivo (“por não conceder indubitavelmente aos cruéis liburnos ser conduzida, em soberbo triunfo, como cidadã comum”) ou subordinada adjetiva (“que não concede indubitavelmente aos cruéis liburnos ser conduzida, em soberbo triunfo, como cidadã comum”).

Forma de Particípio Presente em Estrutura de Ablativo Absoluto

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de particípio presente, numa estrutura de ablativo absoluto que funciona como adjun-

to adverbial. A estrutura com o particípio presente foi traduzida como adjunto adverbial, normalmente em forma de oração subordinada adverbial.

01. “(...), *uagus et sinistra / labitur ripa Ioue non probante u- / xorius amnis.*” (II, v. 18-20) – “(...) e, indeciso, escoá-se na margem esquerda, não aprovando Júpiter, o rio que é um marido carinhoso.”.

O particípio presente “*probante*”, em ablativo singular masculino, concorda com “*Ioue*”, com o qual forma uma estrutura de Ablativo Absoluto, que foi traduzida como uma estrutura circunstancial com valor concessivo. Convém ressaltar que tal estrutura de Ablativo Absoluto poderia ser traduzida como uma oração subordinada adverbial desenvolvida (“sem que Júpiter aprovasse”).

02. “*Regulum et Scauros animaeque magnae / prodigum Paulum superante Poeno / gratus insigni referam Camena / Fabriciumque.*” (XII, v. 36-9) – “Celebrarei, com prazer em insigne poesia, Régulo e os Escauros, Paulo, pródigo da sua grande vida, sendo vencedor o Cartaginês, e Fabrício.”.

A forma de particípio presente “*superante*”, em ablativo singular masculino, concorda com “*Poeno*”, com o qual forma uma estrutura de Ablativo Absoluto, que foi traduzida como uma oração subordinada adverbial reduzida de gerúndio (“sendo vencedor o Cartaginês”).

03. “*Me tuo longas pereunte noctes, Lydia, dormis?*” (XXV, v. 7-8) – “Eu, morrendo de amor longas noites; tu, Lídia, dormes?”

O particípio presente “*pereunte*”, em ablativo singular masculino, com uma complementação em acusativo (“*longas noctes*”) concorda com “*me*”, com o qual forma uma estrutura de Ablativo Absoluto, que foi traduzida como uma oração subordinada adverbial reduzida de gerúndio, mas que poderia ser desenvolvida (“enquanto eu morro de amor longas noites”).

04. “*Inuicem moechos anus arrogantis / flebis in solo leuis angiporto / Thracio bacchante magis sub inter- / lunia uento*” (XXV, v. 9-12) – “No entanto, envelhecida, tu, fútil, deplorarás os homens devassos numa viela solitária, enquanto o vento da Trácia mais se agita sob o interlúnio.”.

A forma de particípio presente “*bacchante*”, em ablativo singular masculino, com as complementações “*magis*” e “*sub interlunia*”, concorda com “*Thracio uento*”, com o qual forma uma estrutura de Ablativo Absoluto, que foi traduzida como uma oração subordinada adverbial temporal.

Forma de Particípio Presente Substantivado como Complemento Verbal

Nesta seção, estão relacionados os exemplos em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de particípio presente substantivada, numa estrutura em que funciona como complemento verbal. A estrutura com a substantivação do particípio presente, que traduzimos

como complemento direto em forma de uma estrutura oracional, corresponde a uma oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta (sem conectivo).

01. “*Gaudentem patrios findere sarculo / agros Attalicis condicionibus / nunquam demouneas, (...)*” (I, v. 11-3) – “Que nunca afastes, em condições de Átalo, quem se alegra em abrir os campos pátrios com a enxada, (...)”.

O particípio presente “*gaudentem*”, em acusativo singular masculino, foi substantivado e, acompanhado de sua complementação em infinitivo (“*patrios findere sarculo agros*”), funciona como complemento de “*demouneas*”, que foi traduzido como oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta.

02. “*Non, si me satis audias, / speres perpetuum dulcia barbare / laedentem oscula, (...)*” (XI-II, v. 13-4) – “Se me ouvires bem, não esperarás para sempre quem fere de modo bárbaro os doces lábios, (...)”.

A forma de particípio presente “*laedentem*”, em acusativo singular masculino, foi substantivada e, com seu complemento em acusativo (“*dulcia oscula*”) e complementação adverbial (“*barbare*”), exerce a função de complemento de “*speres*”, que foi traduzido como oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Convém observar a disjunção de “*dulcia oscula*”.

03. “*(...) neu populus frequens / ad arma cessantis, ad arma / concitet imperiumque frangat.*” (XXXV, v.15-7) – “(...) e que o povo numeroso não excite às armas quem descansa, às armas e arruine o império.”.

A forma de particípio “*cessantis*”, em acusativo plural masculino (substantivado), funciona como complemento acusativo da flexão verbal transitiva “*concitet*”, que foi traduzido como oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta.

Forma Verbo-Nominal de Particípio Presente: 66 Ocorrências						
Adjunto Adnominal				Outros Empregos		
O. Adj.	A. Adn.	Gerúnd.	Predic.	Pred. Circ.	Abl. Abs.	C. Verb.
29	15	05	04	06	04	03
Adjetivo Particípio Presente: 18 Ocorrências						
Adjunto Adnominal		Predicativo		O. Adjet.		
10		04		04		

3. Participípio Passado

Forma de Participípio Passado como Adjunto Adnominal – Traduzido como Adjunto Adnominal em forma de Adjetivo

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma de adjetivo participípio passado, numa estrutura que funciona como adjunto adnominal. A estrutura com o adjetivo participípio passado foi traduzida como adjunto adnominal em forma de adjetivo, por predominar o aspecto nominal.

01. “(...); *mox reficit rates / quassas, indocilis pauperiem pati.*” (I, v. 17-8) – “Depois, incapaz de suportar a pobreza, refaz as naus avariadas.”.

O adjetivo participípio passado “*quassas*”, em acusativo plural feminino, concorda com o núcleo substantivo “*rates*”, para o qual serve de adjunto adnominal, que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva (“que foram avariadas”).

02. “*Multos castra iuuant et lituo tubae / permixtus sonitus bellaque matribus / detestata.* (...)” (I, v. 23-5) – “A muitos agradam os acampamentos e o som da trombeta, confundido com o (do) clarim, e as guerras detestadas pelas mães.”.

O adjetivo participípio passado “*detestada*”, em nominativo plural neutro, com seu complemento em ablativo plural feminino “*matribus*”, concorda com “*bella*” e lhe serve de adjunto adnominal, que também poderia ser traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que são detestadas pelas mães”), em que figure uma locução verbal de voz passiva.

03. “*Me doctarum hederæ præmia frontium / dis miscent superis, (...)*” (v. 29-30) – “As heras, prêmios dos rostos sábios, me unem aos deuses superiores; (...)”.

O adjetivo participípio passado “*doctarum*”, em genitivo plural feminino, concorda com o núcleo substantivo “*frontium*” e lhe serve de adjunto adnominal. Convém observar a disjunção, causada pela intercalação de “*hederæ*” e do núcleo apositivo “*præmia*”.

04. “(...), / *piscium et summa genus hæsit ulmo, / nota quæ sedes fuerat columbis, / (...)*” (II, v. 9-10) – “(...); espécie de peixes ficou (presa) no cume do olmeiro, o qual fora morada conhecida dos pombos, (...)”.

O adjetivo participípio passado “*nota*”, em nominativo singular feminino, rege o dativo plural feminino “*columbis*”, que é seu complemento, e concorda com o núcleo substantivo “*sedes*”, ao qual serve de adjunto adnominal. Convém observar a disjunção, causada pela intercalação do pronome relativo “*quæ*” no sintagma “*nota sedes*”.

05. “(...), / *semotique prius tarda necessitas / leti corripuit gradum.*” (III, v. 30-4) – “(...) e a necessidade natural, outrora lenta, apressou o passo da morte afastada.”.

O adjetivo participípio passado “*semoti*”, em genitivo singular neutro, concorda com o núcleo substantivo “*leti*”, para o qual serve de adjunto adnominal, que também poderia ser traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que estava afastada”).

06. “*Quis Martem tunica tectum Adamantina / digne scripserit? (...)*” (VI, v. 13-4) – “Quem cantará dignamente Marte, vestido com uma túnica dura como o diamante?”.

O adjetivo de particípio passado “*tectum*”, em acusativo singular masculino, com seu complemento em ablativo “*tunica Adamantina*”, concorda com o núcleo substantivo “*Martem*”, servindo-lhe de adjunto adnominal, que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que está vestido com uma túnica dura como o diamante”).

07. “*(...), saepe disco / saepe trans finem iaculo nobilis expedito?*” (VIII, v. 10-1) – “(ele que é) famoso muitas vezes com o disco muitas vezes com o dardo livre para além do alvo?”.

O adjetivo particípio passado “*expedito*”, em ablativo singular neutro, com uma complementação em acusativo “*trans finem*”, concorda com o núcleo substantivo “*iaculo*”, ao qual serve de adjunto adnominal. Convém observar a disjunção em “*trans finem iaculo expedito*”, causada pela interposição de “*nobilis*”.

08. “*(...) / quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare / Tyrhenum, (...)*” (XI, v. 5-6) – “(...), o qual agora quebra o mar Tirreno contra as rochas opostas.”.

O adjetivo particípio passado “*oppositis*”, em ablativo plural masculino, concorda com o núcleo substantivo “*pumicibus*”, para o qual funciona como um adjunto adnominal, que poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva (“que lhe são opostas”). Aqui, a disjunção em “*oppositis pumicibus*” foi causada pela interposição da flexão verbal.

09. “*(...) / defluit saxis agitatus umor, / (...)*” (XII, v. 28) – “(...), a água agitada escorre do rochedo, (...)”.

O adjetivo particípio passado “*agitatus*”, em nominativo singular masculino, concordando com o núcleo substantivo “*umor*”, para o qual é um adjunto adnominal.

10. “*Crescit occulto uelut arbor aeuo / fama Marcelli; (...)*” (XII, v. 44) – “Cresce, com o passar imperceptível do tempo, como uma árvore, a fama de Marcelo.”.

O adjetivo particípio passado “*occulto*”, em ablativo singular neutro, concorda com o núcleo substantivo “*aeuo*”, para o qual é um adjunto adnominal. Convém observar a disjunção em “*occulto aeuo*”, causada pela interposição de “*uelut arbor*”.

11. “*(...) Nunc et Campus et areae / lenesque sub noctem sussuri / composita repetantur hora, / (...)*” (IX, v.18-20) – “Assim, não só o Campo de Marte como as praças e os doces sussurros, durante a noite, são de novo procurados na hora combinada.”.

O adjetivo particípio passado “*composita*”, em ablativo singular feminino, concordando com o núcleo substantivo “*hora*”, funciona como adjunto adnominal, que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva (“que foi combinada”).

12. “*Felices ter et amplius / quos inrupta tenet copula (...)*” (XIII, v. 16-7) – “Felizes muitas vezes e por muito tempo, a união indissolúvel os mantém (...)”.

O adjetivo particípio passado; “*inrupta*”, em nominativo singular feminino, concordando com o núcleo substantivo “*copula*”, para o qual funciona como adjunto adnominal. Convém observar a disjunção em “*inrupta copula*”, causada pela interposição da flexão verbal.

13. “(...) *nec malis / diuolsus querimoniis / suprema citius soluet amor die.*” (XIII, v. 17-9) – “(...) e nem o amor destruído pelas lamentações infelizes se acabará mais depressa do que o último dia.”

O adjetivo particípio passado “*diuolsus*”, em nominativo singular masculino, com uma complementação em ablativo “*querimoniis malis*”, concorda com o núcleo substantivo “*amor*”, para o qual serve de adjunto adnominal, que também poderia ser traduzido como oração subordinada adjetiva (“que fora destruído pelas lamentações infelizes”), em que figure uma locução verbal de voz passiva. Convém observar a disjunção em “*diuolsus amor*”, causada pela interposição de outros termos.

14. “*hic in reducta ualle Caniculae / uitabis aestus et fide Teia / dices laborantis in uno / Penelopen uitramque Circen.*” (XVII, v. 17-20) – “Aqui, num vale afastado, evitarás os ardores da Canícula (grande calor atmosférico) e com a lira de Teos celebrarás Penélope e a brilhante Circe, que se inclinam por um único (homem).”

O adjetivo particípio passado “*reducta*”, em ablativo singular feminino, concorda com o núcleo substantivo “*ualle*”, para o qual serve de adjunto adnominal.

15. “*Vile potabis modicis Sabinum / cantharis, Graeca quod ego ipse testa / conditum leui, (...)*” (XX, v. 1-5) – “Beberás em taças modestas do barato (vinho) Sabino, que eu próprio untei, conservado em uma vasilha grega, (...)”.

O adjetivo particípio passado “*conditum*”, em acusativo singular neutro, acompanhado da complementação em ablativo “*Graeca testa*”, concorda com o núcleo substantivo “*Sabinum*”, para o qual funciona como um adjunto adnominal, que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que foi conservado em uma vasilha grega”).

16. “(...) *intonsum, puri, dicite Cynthia / Latonamque supremo / dilectam penitus Ioui; (...)*” (XXI, v. 3-5) – “(...) ó rapazes, celebrai Cíntio (Apolo), que não corta o cabelo, e Latona, (que é) extremamente amada pelo supremo Júpiter.”

O adjetivo particípio passado “*dilectam*”, em acusativo singular feminino, acompanhado da complementação adverbial “*penitus*” e do seu complemento em dativo “*supremo Ioui*”, concorda com o núcleo substantivo “*Latonam*”, para o qual serve de adjunto adnominal, que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que é extremamente amada pelo supremo Júpiter”). Convém observar o quiasmo entre as disjunções em “*Latonam dilectam penitus*” e “*supremo Ioui*”.

17. “*Parcius iunctas quantiunt fenestras / iactibus crebris iuuenes proterui (...)*” (XXV, v. 1-2) – “Mais raramente, os jovens ousados abalam as tuas janelas fechadas com movimentos insistentes.”

O adjetivo particípio passado “*iunctas*”, em acusativo plural feminino, concorda com o núcleo substantivo “*fenestras*”, servindo-lhe de adjunto adnominal.

18. “*Natis in usum laetitiae scyphis / pugnare Thracum est; (...)*” (XXVII, v. 1-2) – “É próprio dos trácios lutar com os copos, destinados à prática da alegria.”

O adjetivo particípio passado “*natis*”, em ablativo plural masculino, acompanhado da complementação “*in usum laetitiae*”, concorda com o núcleo substantivo “*scyphis*”, para o qual serve de adjunto adnominal. Também poderia ser traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que são destinados à prática da alegria.”), em que figura uma locução verbal de voz passiva.

19. “(...); *impium / lenite clamorem, sodals, / et cubito remanete presso.*” (XXVII, v. 6-8) – “Abrandai o ímpio grito (de guerra), ó companheiros, e permaneci com o cotovelo relaxado.”.

O adjetivo particípio passado “*presso*”, em ablativo singular masculino, concorda com o núcleo substantivo “*cubito*”, para o qual funciona como um adjunto adnominal.

20. “(...) *Quicquid habes, age, / depone tutis auribus. (...)*” (XXVII, v. 20-21) – “Coragem! Deposita tudo que tens nestes ouvidos seguros.”.

O adjetivo particípio passado “*tutis*”, em ablativo plural feminino, concorda com o núcleo substantivo “*auribus*”, servindo-lhe de adjunto adnominal, que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que são seguros”).

21. “*puer quis ex aula capillis / ad cyathum statuetur unctis, / (...)*” (XXIX, v. 7-10) – “Que menino da corte se colocará de pé, com os cabelos perfumados, para (o manuseio de) o ciato, (...)”.

O adjetivo particípio passado “*unctis*”, em ablativo plural masculino, concorda com o núcleo substantivo “*capillis*”, servindo-lhe de adjunto adnominal.

22. “*O Vênus Regina Cnidi Paphique, / sperne dilectam Cypron et uocantis / ture te multo Glycerae decoram / tranfer in aedem.*” (XXX, v. 1-4) – “Ó Venus, rainha de Cnido e de Pafos, afasta-te de tua amada Chipre e transfere-te para o teu rico templo de Glícera, que te invoca com muito incenso.”.

O adjetivo particípio passado “*dilectam*”, em acusativo singular feminino, concorda com o núcleo substantivo “*Cypron*”, servindo-lhe de adjunto adnominal.

23. “*Feruidus tecum puer et solutis / Gratiae zonis properentque Nymphae / et parum comis sine te Iuventas / Mercuriusque.*” (XXX, v. 5-8) – “Que se apressem contigo o impetuoso menino (Cupido) e as Graças de cintos soltos, e as ninfas e a juventude pouco generosa sem ti, e Mercúrio.”.

O adjetivo particípio passado “*solutis*” destes versos, em ablativo de qualidade plural feminino, concorda com o núcleo substantivo “*zonis*”, funcionando como adjunto adnominal.

24. “(...), *age, dic Latinum, / barbite, carmen, / Lesbio primum modulate ciui, / (...)*” (XXXII, v. 3-5) – “Vai; canta um verso latino (...), ó alaúde, tocado pela primeira vez por um cidadão de Lesbos (Alceu), (...)”.

O adjetivo particípio passado “*modulate*”, em vocativo singular masculino, com uma complementação adverbial “*primum*” e uma complementação em ablativo “*Lesbio ciui*”, concorda

com o núcleo substantivo “*barbite*”, para o qual serve de adjunto adnominal, que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que foi tocado pela primeira vez por um cidadão de Lesbos”), em que figure uma locução verbal de voz passiva, mas que poderia ser traduzido como forma nominal.

25. “(...) / *quo Styx et inuisi horrida Taenari / sedes Atlanteusque finis / concutitur.*” (XXXIV, v. 10-2) – “(...), com o qual (são abalados) o Estige e a horrenda morada do odioso Tênaros e o limite de Atlas.”

O adjetivo particípio passado “*inuisi*”, em genitivo singular masculino, concorda com “*Taenari*”, servindo-lhe de adjunto adnominal. Convém observar o quiasmo entre as disjunções “*inuisi Taenari*” e “*horrida sedes*”.

26. “(...) *O utinam noua / incude diffingas retusum in / Massagetas Arabasque ferrum!*” (XXXV, v. 38-40) – “Oxalá tu refaças, com tua nova bigorna, o ferro embotado contra os massagetas e os árabes!”

O adjetivo particípio passado “*retusum*”, em acusativo singular neutro, concorda com o núcleo substantivo “*ferrum*”, servindo-lhe de adjunto adnominal. Convém observar a disjunção em “*retusum ferrum*”, causada pela interposição da estrutura “*in Massagetas Arabasque*”.

27. “*Cressa ne careat pulchra dies nota / neu promptae modus amphorae / neu morem in Salium sit requies pedum / (...)*” (XXXVI, v. 10-1) – “Que este belo dia não careça da marca cretense; que não haja limite das ânforas retiradas (das adegas) nem descanso dos nossos pés à moda dos Sálios (...)”

O adjetivo particípio passado “*promptae*”, em genitivo plural feminino, concorda com o núcleo substantivo “*amphorae*”, servindo-lhe de adjunto adnominal, que poderia ser traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que foram retiradas das adegas”).

Forma de Particípio Passado como Predicativo – Traduzido como Predicativo do Sujeito

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma de adjetivo particípio passado, numa estrutura que funciona como predicativo. A estrutura com o adjetivo particípio passado foi traduzida como predicativo do sujeito, por predominar o aspecto nominal.

01. “*iunctaeque Nymphis Gratiae decentes / alterno terram quatiunt pede, dum (...)*” (IV, v. 6-7) – “(...) e as Graças formosas unidas às Ninfas sacodem a terra com o pé alternado, enquanto (...)”

O adjetivo particípio passado “*iunctae*”, em nominativo plural feminino, com seu complemento “*Nymphis*”, concorda com o núcleo substantivo “*Gratiae*”, para o qual serve de predicativo. A estrutura de particípio também poderia ser traduzida como oração subordinada adjetiva explicativa (“que estão unidas às Ninfas”).

02. “(...): *‘Mala ducis aui domum / quam multo repetet Graecia milite, / coniurata tuas rumpere nuptias / et regnum Priami uetus.’*” (XV, v. 5-8) – “(...): ‘Com mau agouro, tu conduzes para casa aquela a quem, com exército numeroso, reclamará a Grécia, conjurada para romper tuas núpcias e o velho reino de Príamo.’”.

O adjetivo particípio passado “*coniurata*”, em nominativo singular feminino, com seu complemento infinitivo “*tuas rumpere nuptias et regnum Priami uetus*”, concorda com o núcleo substantivo “*Graecia*”, para o qual serve de predicativo. A estrutura de particípio também poderia ser traduzida como oração subordinada adjetiva explicativa (“que foi conjurada para romper tuas núpcias e o velho reino de Príamo”).

03. “(...) *nec metues proteruum / suspecta Cyrum, ne male dispari / incontinentis iniciat manus / et scindat haerentem coronam / crinibus inmeritamque uestem.*” (XVII, v. 24-8) – “(...) nem tu, desconfiada, temerás o violento Ciro, (não temerás) que ele lance injustamente a ti, desigual (em força), as mãos voluptuosas / e rasgue a tua coroa, (que está) unida aos cabelos, e o vestido, que não merece.”.

O adjetivo particípio passado “*suspecta*”, em nominativo singular feminino, concorda com um “*tu*” subentendido, referente a “*Tyndari*” (“ó filha de Tidaréu”, vocativo singular feminino, anteriormente citado), e funciona como um predicativo do sujeito. Também poderia ser traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que é desconfiada”).

04. “*puer quis ex aula capillis / ad cyathum statuetur unctis, / doctus sagittas tendere Sericas / arcu paterno? (...)*” (XXIX, v. 7-10) – “Que menino da corte, instruído em lançar flechas de Seres com o arco paterno, se colocará de pé, com os cabelos perfumados, para (o manuseio de) o ciato?”

O adjetivo particípio passado “*doctus*”, em nominativo singular masculino, com seu complemento infinitivo “*sagittas tendere Sericas arcu paterno*”, concorda com o núcleo substantivo “*puer*”, para o qual serve de predicativo do sujeito. Também poderia ser traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que é instruído em lançar flechas de Seres com o arco paterno”).

05. “*Parcus deorum cultor et infrequens, / insanientis dum sapientiae / consultus erro, (...)*” (XXXIV, v. 1-3) – “Pouco assíduo e moderado adorador dos deuses, eu, versado em uma insana sabedoria, ando sem destino.”

O adjetivo particípio passado “*consultus*”, em nominativo singular masculino, com seu complemento em genitivo “*insanientis sapientiae*”, concorda como adjetivo com subentendido “*ego*” (de “*erro*”), para o qual serve de predicativo do sujeito. Também poderia ser traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que sou versado em uma insana sabedoria”).

Forma de Particípio Passado como Adjunto Adnominal – Oração Subordinada Reduzida – Traduzida como Adjunto Adnominal em forma de Adjetivo

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma verbal-nominal de particípio passado, numa estrutura que funciona como adjunto adnominal em for-

ma de oração subordinada reduzida. A estrutura com o particípio passado, por predominar o aspecto nominal, foi traduzida como adjunto adnominal como se fosse um simples adjetivo.

01. “*Maecenas atavis edite regibus, / o et praesidium et dulce decus meum, / sunt quos curriculo puluerem Olympicum / collegisse iuuat (...)*” (I, v. 1-4) – “Ó Mecenas, nascido (descendente) de antepassados reais, meu sustentáculo e minha doce glória, há aqueles aos quais agrada ter juntado a poeira olímpica ao carro.”

A forma de particípio passado “*edite*”, com sua complementação em ablativo (“*atavis regibus*”), em vocativo singular masculino, concorda como um simples adjetivo com “*Maecenas*”, para o qual funciona como adjunto adnominal, que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que nascera de antepassados reais”).

02. “*heu nimis longo satiate ludo, / (...)*” (II, v. 37) – “Ó tu, farto de jogos demasiado longos, (...)”.

A forma verbo-nominal de particípio passado “*satiare*”, em vocativo singular masculino, concordando com um “*tu*” (subentendido), junto à interjeição “*heu*” (“ó tu” ou “ai, tu”), funciona como adjunto adnominal, que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que estás farto de jogos demasiadamente longos”). Há quem conceba uma substantivação de “*satiare*”, que funciona como núcleo do vocativo.

03. “*post ignem aetheria domo / subductum macies et noua februm / terris incubuit cohors / (...)*” (III, v. 30-4) – “Depois do fogo roubado da casa etérea, a magreza e a nova multidão das febres assolou/assolaram as terras, (...)”.

A forma verbo-nominal de particípio passado “*subductum*” (com sua complementação circunstancial de separação em ablativo “*aetheria domo*”), em acusativo singular masculino, concorda como um adjetivo com “*ignem*”, para o qual funciona como adjunto adnominal. Também se poderia traduzir a estrutura de particípio como oração subordinada adjetiva (“que foi roubado da casa etérea”), em que figure uma locução verbal de voz passiva.

04. “*(...) heu quotiens fidem / mutatosque deos flebit (...)*” (V, v. 5-6) – “Ah! Ele muitas vezes reclamará a tua proteção e deuses modificados (...)”.

O particípio passado “*mutatos*” concorda, como um simples adjetivo, com o núcleo substantivo “*deos*”, em acusativo plural masculino, ao qual serve de adjunto adnominal.

05. “*Nos conuiuia, nos proelia uirginum / sectis in iuuenes unguibus acrium / cantamus, (...)*” (VI, v. 17-9) – “Nós cantamos os banquetes, (nós cantamos) as disputas das virgens impetuosas contra os rapazes com suas unhas cortadas.”.

O particípio passado “*sectis*”, em ablativo de qualidade plural masculino, concordando, como um simples adjetivo, com “*unguibus*”, serve-lhe de adjunto adnominal. Também poderia ser traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que foram cortadas”). Convém observar a complexidade da estrutura “*sectis in iuuenes unguibus*” e a disjunção que causa em “*proelia uirginum acrium*”.

06. “*Te, boues olim nisi reddidisses / per dolum amotas, puerum minaci / uoce dum terret, uiduus pharetra / risit Apollo.*” (X, v. 9-12) – “Separado de (sua) aljava, Apollo riu-se quando

com a voz ameaçadora aterrorizou-te, menino, se não (lhe) tivesses restituído numa certa ocasião os bois roubados por dolo.”.

O particípio passado “*amotas*” destes versos, em acusativo plural feminino, com a complementação circunstancial “*per dolum*”, concorda como adjetivo com “*boues*” e lhe serve de adjunto adnominal, que poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva (“que foram roubados por dolo”), em que figure uma locução verbal de voz passiva.

07. “(...) / *interfusa nitentis / uites aequora Cycladas.*” (XIV, v. 19-20) – “Que tu evites os mares espalhados entre as Cíclades brilhantes.”.

A forma de particípio passado “*interfusa*”, em acusativo plural neutro, com seu complemento acusativo “*nitentis Cycladas*”, concordando como um adjetivo com “*aequora*”, para o qual funciona como um adjunto adnominal, que também poderia ser traduzido como oração subordinada adjetiva (“que estão espalhados entre as Cíclades brilhantes”). Convém observar o quiasmo entre as disjunções em “*interfusa aequora*” e em “*nitentis Cycladas*”.

08. “Ac (...) / *Centaurea monet cum Lapithis rixa super mero / debellata, (...)*” (XVIII, v. 7-9) – “E contudo, a vitoriosa luta dos Centaurus contra os lápitas por causa do vinho puro, adverte (...)”.

O particípio passado “*debellata*”, em nominativo singular feminino, concorda como um simples adjetivo com “*rixam*”, para o qual serve de adjunto adnominal. Convém ressaltar a complexidade dessa estrutura em que ocorre a disjunção em “*rixam debellata*”.

09. “(...) *nec patitur Scythas / aut uersis animosum equis / Parthum dicere nec quae nihil attinent.*” (XIX, v. 10-12) – “(...) e não (me) permite celebrar as citas ou o parto impetuoso em seus cavalos arrebatados, nem aquelas coisas que a nada se referem.”.

O particípio passado “*uersis*”, em ablativo plural masculino, concorda como um adjetivo com “*equis*”, servindo-lhe de adjunto adnominal, que poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva (“que foram arrebatados”). Convém observar o quiasmo entre as disjunções em “*uersis equis*” e “*animosum Parthum*”.

10. “*pone sub curru nimium propinqui / solis in terra domibus negata: / dulce ridentem Lalage amabo, / dulce loquentem.*” (XXII, v. 21-4) – “Coloca-me sob um arado de sol demasiadamente próximo, numa terra imprópria a habitações; amarei Lalage, que fala e ri docemente.”.

A forma de particípio passado “*negata*”, em ablativo singular feminino, acompanhada do seu complemento em dativo “*domibus*”, concorda como um simples adjetivo com “*terra*”, para o qual funciona como adjunto adnominal.

11. “(...) / *mixta senum ac iuuenum densentur funera, nullum / saeua caput Proserpina fugit.*” (XXVIII, v. 19-20) – “Condensam-se mistos funerais de velhos e jovens, a ninguém evita a cruel Prosérpina.”.

A forma de particípio passado “*mixta*” destes versos, em nominativo plural neutro, concorda como um simples adjetivo com “*funera*”, servindo-lhe de adjunto adnominal.

12. “(...) *fors et / debita iura uicesque superbae / te maneant ipsum: (...)*” (XXVIII, v. 31-3) – “Que também estejam reservados a ti mesmo uma sorte e uma justiça devida e um destino desdenhoso!”.

A forma verbo-nominal de particípio passado “*debita*”, em nominativo plural neutro, concorda como um simples adjetivo com “*iura*”, servindo-lhe de adjunto adnominal, que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que lhe é devida”).

13. “*Idci, beatis nunc Arabum inuides / gazis et acrem militiam paras / non ante deuictis Sabaeae / regibus horribilique Medo / nectis catenas?*” (XXIX, v. 1-5) – “Ó Ício, invejas agora os tesouros opulentos dos árabes e preparas uma violenta operação militar contra os reis da Sabéia, nunca antes vencidos, reservas cadeias para o terrível parto?”.

O particípio passado “*deuictis*”, em ablativo plural masculino, com as complementações adverbiais “*non*” e “*ante*”, concorda como um adjetivo com “*regibus*”, servindo-lhe de adjunto adnominal, que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“os quais nunca foram vencidos antes”).

14. “*Quid dedicatum poscit Apollinem / vates? (...)*” (XXXI, v. 1-2) – “O que o vate solicita ao consagrado Apolo?”.

A forma de particípio passado “*dedicatum*”, em acusativo singular masculino, concorda como um simples adjetivo com “*Apollinem*”, para o qual serve de adjunto adnominal.

15. “(...) *diues et aureis / mercator exsiccet culillis / uina Syra reparata merce, / (...)*” (XXXI, v. 10-1) – “(...) e que o rico mercador beba dos copos da cor do ouro os vinhos trocados por mercadoria da Síria, (...)”.

A forma de particípio passado “*reparata*”, em acusativo plural neutro, com a complementação em ablativo “*Syra merce*”, concorda como adjetivo com “*uina*”, para o qual serve de adjunto adnominal, que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que são trocados por mercadoria da Síria”). Convém observar o quiasmo causado pela disjunção dos sintagmas da estrutura “*uina Syra reparata merce*”.

16. “(...) *nunc retrorsum / uela dare atque iterare cursus / cogor relictos: (...)*” (XXXIV, v. 3-5) – “(...); agora sou obrigado a navegar para trás e a recomeçar os cursos abandonados.”.

A forma de particípio passado “*relictos*”, em acusativo plural masculino, concorda como um adjetivo com “*cursus*”, servindo-lhe de adjunto adnominal, que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva (“que foram abandonados”).

17. “(...) *nec comitem abnegat, / utcumque mutata potentis / ueste domos inimica linquis.*” (XXXV, v. 22-4) – “(...) e nem recusam a companheira todas as vezes que tu, como inimiga, abandonas as casas dos poderosos sob uma vestimenta mudada.”.

A forma de particípio passado “*mutata*”, em ablativo singular feminino, concorda como um simples adjetivo com “*ueste*”, servindo-lhe de adjunto adnominal. Convém observar o quiasmo entre as disjunções “*mutata ueste*” e “*potentis domos*”.

18. “*Et ture et fidibus iuuat / placare et uituli sanguine debito / custodes Numidae deos, / (...)*” (XXXVI, v. 1-3) – “Agrada(-me) satisfazer tanto com incenso quanto com as cordas da lira e com o prometido sangue de um novilho, os deuses, protetores de Númida.”

A forma de particípio passado “*debito*”, em ablativo singular masculino, concorda como adjetivo com “*sanguine*”, servindo-lhe de adjunto adnominal, que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que fora prometido”).

19. “*(...), qui (...) / caris multa sodalibus, / nulli plura tamen diuidit oscula / quam dulci Laminæ, memor / actæ non alio rege pueritiæ / mutataeque simul togæ.*” (XXXVI, v. 4-9) – “(...), o qual distribui muitos ósculos aos estimados soldados, porém a ninguém, em maior quantidade do que ao seu querido Lâmia, lembrado da sua infância, vivida sob um mesmo rei, e da toga pretextada, (que fora) trocada (por eles) ao mesmo tempo.”

A forma de particípio passado “*mutata*”, em genitivo singular feminino, acompanhada de uma complementação circunstancial “*simul*”, concorda como um simples adjetivo com “*togæ*”, para o qual serve de adjunto adnominal, que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que fora trocada (por eles) ao mesmo tempo”). Convém observar o paralelismo das duas estruturas com essas formas verbo-nominais (“*actæ non alio rege pueritiæ*” e “*mutatae simul togæ*”, que compõem o complemento do adjetivo “*memor*”).

20. “*(...), qui (...) / caris multa sodalibus, / nulli plura tamen diuidit oscula / quam dulci Laminæ, memor / actæ non alio rege pueritiæ / (...)*” (XXXVI, v. 4-8) – “(...), o qual distribui muitos ósculos aos estimados soldados, porém a ninguém, em maior quantidade do que ao seu querido Lâmia, lembrado da sua infância, vivida sob um mesmo rei (...).”

A forma de particípio passado “*actæ*”, em genitivo singular feminino, com uma complementação em ablativo “*non alio rege*”, concorda como um simples adjetivo com “*pueritiæ*” e lhe serve de adjunto adnominal, que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que fora vivida sob um mesmo rei”).

21. “*(...), / mentemque lymphatam Mareotico / redegit in ueros timores / Caesar, ab Italia uolantem / remis adurgens, (...)*” (XXXVII, v. 14-6) – “(...), e seu espírito enlouquecido pelo vinho da Mereótida César submeteu a verdadeiros temores, perseguindo a remos a ela, que saiu veloz da Itália.”

A forma verbo-nominal de particípio passado “*lyphatam*”, em acusativo singular feminino, com sua complementação em ablativo “*Mareotico*”, concordando como um simples adjetivo com “*mentem*”, para o qual funciona como adjunto adnominal.

22. “*Persicos odi, puer, apparatus, / displicent nexae philyrae coronae, / (...)*” (XXXVIII, v. 1-2) – “Eu odeio, menino, os aparatos pérsicos; desagradam(-me) as coroas entrelaçadas com a tília.”

A forma verbo-nominal de particípio passado “*nexae*”, em nominativo plural feminino, com uma complementação em ablativo “*philyrae*”, concorda como um adjetivo com “*coronae*” e

lhe serve de adjunto adnominal, que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva (“que são entrelaçadas com a tília”).

Forma de Particípio Passado como Predicativo – Oração Subordinada Reduzida – Traduzida como Precativo Circunstancial

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de particípio passado, numa estrutura que funciona como predicativo. A estrutura com o particípio passado, que traduzimos como predicativo em forma de uma estrutura oracional, corresponde a uma oração subordinada reduzida de particípio, que normalmente expressa uma dada circunstância como se fosse uma subordinada adverbial.

01. “(...) *metaque feruidis euitata rotis palmaque nobilis / terrarum dominos euehit ad deos.*” (I, v. 5-6) – “(...); e a meta, evitada pelos carros violentos, e a nobre vitória eleva(m) a deuses os senhores das terras”.

O particípio passado “*euitata*”, em nominativo singular feminino, com o seu complemento em ablativo “*feruidis rotis*”, concorda como um adjetivo com “*meta*”, para o qual serve de predicativo. Poderia também ser traduzido como oração subordinada adjetiva (“que é evitada pelos carros violentos”), em que figure uma locução verbal de voz passiva. Convém observar o quiasmo entre as disjunções em “*meta euitata*” e “*feruidis rotis*”.

02. “*Est qui nec ueteris pocula Massici / nec partem solido demere de die / spernit, nunc uiridi membra sub arbuto stratus, nunc ad aquae lene caput sacrae.*” (I, v. 19-22) – “Há aquele que não despreza nem os copos do velho Mássico nem tirar uma parte do dia inteiro, ora prostrado com as pernas sob o arbusto verde, ora junto a uma fonte serena de água sagrada.”.

O particípio passado “*stratus*”, em nominativo singular masculino, concordando como um adjetivo com “*qui*”, para o qual (acompanhado de uma complementação em acusativo de especificação “*membra sub uiridi arbuto*”) funciona como predicativo em paralelismo com a complementação circunstancial. Convém observar disjunção causada pela interposição de “*lene caput*” no sintagma “*aquae sacrae*”.

03. “*Multos castra iuuant et lituo tubae / permixtus sonitus bellaque matribus / detestata.* (...)” (I, v. 23-5) – “A muitos agradam os acampamentos e o som da trombeta, confundido com o (do) clarim, e as guerras detestadas pelas mães.”.

O particípio passado “*permixtus*”, em nominativo singular masculino, com seu complemento em dativo singular masculino “*lituo*”, concorda com “*sonitus*” para o qual serve de predicativo. Poder-se-ia também traduzir a estrutura de particípio como oração subordinada adjetiva (“que é confundido com o do clarim”), em que figure uma locução verbal de voz passiva.

04. “(...) *tandem uenias precamur, nube candentis úmeros amictus, augur Apollo, / (...)*” (II, v. 30-32) – “Enfim, suplicamos-te, ó profeta Apolo, que venhas, envolvido de uma nuvem, com os teus radiantes ombros, (...)”.

A forma verbo-nominal de particípio passado “*amictus*” (com uma complementação em ablativo singular feminino “*nube*”), em nominativo singular masculino, concordando com um “*tu*” (subentendido), para o qual funciona como predicativo.

05. “*Quis multa gracilis te puer in rosa / perfusus liquidis urget odoribus / grato, Pyrrha, sub antro?*” (V, v. 1-3) – “Que pequeno menino, no meio de muitas rosa, banhado por líquidos perfumados, te aperta, ó Pirra, numa agradável gruta?”.

A forma de particípio passado “*perfusus*”, em nominativo singular masculino, com sua complementação em ablativo “*liquidis odoribus*”, concorda como um adjetivo com “*puer*” e lhe serve de predicativo. Também poderia ser considerado um adjunto adnominal e ser traduzido como uma oração subordinada adjetiva explicativa (“que fora banhado por líquidos perfumados”), em que figure uma locução verbal de voz passiva.

06. “(...) *Miseri, quibus / intemptata nites.*” (V, v. 12-3) – “Infelizes, (aqueles) contra os quais investido, tu brilhas.”.

A forma verbo-nominal de particípio passado “*intemptata*”, em nominativo singular feminino, com o seu complemento em dativo “*quibus*”, concorda com um “*tu*” (referente a “*Pyrrha*” e subentendido em “*nites*”), para o qual serve de predicativo. Também poderia ser traduzida como oração subordinada adverbial em gerúndio com valor temporal (“contra os quais investindo”).

07. “(...) / *sunt (alii) quibus unum opus est intactae Palladis urbem / carmine perpetuo celebrare et / undique decerptam fronti praeponere oliuam.*” (VII, v. 5-6) – “Há outros que só necessitam celebrar em verso contínuo a cidade da pura Palas e preferir na frente a oliveira, colhida de todas as partes.”.

A forma de particípio passado “*decerptam*”, em acusativo singular feminino, com uma complementação adverbial “*undique*”, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*oliuam*”, ao qual serve de predicativo, que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que fora colhida de todas as partes”), em que figure uma locução verbal de voz passiva. Convém observar a disjunção em “*undique decerptam oliuam*”, causada pela interposição de “*fronti*” e “*praeponere*”.

08. “*Ille seu Parthos Latio imminentis / egerit iusto domitos triumpho / siue subiectos Orientis orae / Seras et Indos, / te minor laetum reget aequus orbem.*” (XII, v. 51-5) – “Ele, quer tenha expulsado os partos, que ameaçam o Lácio, dominados com um triunfo justo, quer os seres e os indus, que estão abaixo da região oriental, abaixo de ti, imparcial, governará o próspero orbe.”.

A forma de particípio passado “*domitos*”, em acusativo plural masculino, com a complementação em ablativo “*iusto triumpho*”, concorda como um adjetivo com “*Parthos*” e lhe serve de predicativo, que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que foram dominados com um triunfo justo”), em que figure uma locução verbal de voz passiva.

09. “(...) / quem tu, ceruus uti uallis in altera / uisum parte lupum graminis inmemor, / sublimi fugies mollis anhelitu, (...)” (XV, v. 29-31) – “(...), de quem tu, enfraquecido pela respiração ofegante, fugirás, como o veado esquecido da grama (foge) do lobo, avistado na outra parte elevada do vale.”

A forma de particípio passado “*uisum*”, em acusativo singular masculino, com uma complementação circunstancial “*in altera parte sublimi uallis*”, concorda como um adjetivo com “*lupum*”, para o qual é um predicativo, numa estrutura sintática em forma de quiasmo com “*ceruus graminis inmemor*”. Poderia também ser traduzida com oração subordinada adjetiva explicativa (“que fora avistado na outra parte elevada do vale”), em que figure uma locução verbal de voz passiva.

10. “*Fertur Prometheus addere principi / limo coactus particulam undique / desectam (...)*” (XVI, v. 13-5) – “Diz-se Prometeu ter sido forçado a acrescentar ao limo primitivo uma parcela arrancada de todos os lados (...)”

A forma de particípio passado “*desectam*”, em acusativo singular feminino, com uma complementação adverbial “*undique*”, concorda como um adjetivo com “*particulam*”, para o qual serve de predicativo, mas que também poderia ser traduzida como uma oração subordinada adjetiva explicativa (“que fora arrancada de todos os lados”), em que figure uma locução verbal de voz passiva.

11. “*Hic bellum lacrimosum, hic miseram famem / pestemque a populo et principe Caesar in / Persas atque Britannos / uestra motus aget prece.*” (XXI, v. 13-16) – “Este (Apolo), movido pela vossa súplica, mandará do povo e do príncipe César para os persas e bretões a lamentável guerra. Ele (mandará) a miserável fome e a peste.”

A forma verbo-nominal de particípio passado “*motus*”, em nominativo singular masculino, acompanhado de uma complementação em ablativo “*uestra prece*”, concorda como um adjetivo com “*hic*”, para o qual serve de predicativo. Também poderia ser traduzido como uma oração subordinada adjetiva explicativa (“que é movido pela vossa súplica”), em que figure uma locução verbal de voz passiva.

12. “*Quid si Threicio blandius Orpheo / auditam moderere arboribus fidem?*” (XXIV, v. 13-4) – “Ainda que tu conduzas a lira, ouvida pelas árvores, mais docemente do que Orfeu da Trácia?”

A forma de particípio passado “*auditam*”, em acusativo singular feminino, com uma complementação em ablativo “*arboribus*”, concorda como um adjetivo com o núcleo substantivo “*fidem*”, para o qual serve de predicativo, que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que é ouvida pelas árvores”), em que figure uma locução verbal de voz passiva.

13. “*uix inligatum te triformi / Pegasus expedit Chimaera.*” (XXVII, v. 27-8) – “Pégaso mal desembaraçará a ti, (que estás) ligado a essa triforme Quimera.”

A forma verbo-nominal de particípio passado “*inligatum*”, em acusativo singular masculino, com a complementação em ablativo “*triforme Chimaera*”, concorda como um adjetivo com

“te” e *lhe* serve de predicativo, que também poderia ter sido traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa (“que estás ligado a essa Quimera”).

14. “*deliberata morte ferocior: / saeuis Liburnis scilicet inuidens / priuata deduci superbo, / non humilis mulier, triumpho.*” (XXXVII, v. 26-9) – “(Foi) mais forte pela morte deliberada: privada, a nada humilde mulher, que indubitavelmente não concedeu aos cruéis liburnos ser conduzida em soberbo triunfo.”

A forma verbo-nominal de particípio passado “*priuata*”, em nominativo singular feminino, concorda como um simples adjetivo com “*mulier*”, para o qual funciona como predicativo.

Forma de Particípio Passado como Adjunto Adnominal – Oração Subordinada Reduzida – Traduzida como Oração Subordinada Adjetiva Desenvolvida

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de particípio passado, numa estrutura que funciona como adjunto adnominal em forma de oração subordinada reduzida. A estrutura com o particípio passado, que traduzimos como adjunto adnominal em forma de uma estrutura oracional, corresponde a uma oração subordinada adjetiva desenvolvida.

01. “(...) *Pater, et rubente / dextera sacras iaculatus arces / terruit urbem, (...)*” (II, v. 2-4) – E o Pai, que atingiu as cidadelas sagradas com a sua avermelhada mão direita, aterrorizou a cidade, (...)”.

O particípio passado “*iaculatus*”, em nominativo singular masculino, com seu complemento em acusativo “*sacras arces*” e a complementação em ablativo “*rubente dextera*”, concorda com “*Pater*”, para o qual serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como uma oração subordinada adjetiva explicativa. Também poderia ser traduzido como oração subordinada em gerúndio (“atingindo as cidadelas sagradas com a sua avermelhada mão direita”), por expressar ação momentânea.

02. “(...) / *terrui gentis, graue ne redirent / saeculum Pyrrhae noua monstra questae, / omne cum Proteus pecus egit altos / uisere montis, / (...)*” (II, v. 5-8) – “(...) aterrorizou as nações para que não retornasse o duro século de Pirra, que se lamentava dos novos prodígios, quando Proteu obrigou todo o seu bando a visitar o alto dos montes; (...)”.

A forma de particípio passado “*questae*” (depoente), em genitivo singular feminino, com seu complemento em acusativo plural neutro “*noua monstra*”, concorda como um adjetivo com “*Pyrrhae*”, para o qual serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa.

03. “(*navis*), *quae tibi creditum / debes Vergilium; finibus Atticis / reddas incolumem precor / et serues animae dimidium meae.*” (III, v. 5-8) – “(Ó nau), que me debes Virgílio, que foi confiado a ti, eu te imploro que o restituas incólume aos territórios áticos e que protejas essa metade de minha alma!”.

O particípio passado “*creditum*”, em acusativo singular masculino, acompanhado do seu complemento dativo “*tibi*”, concorda com “*Vergilium*” e lhe serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa, em que figura uma locução verbal de voz passiva.

04. “*Expertus uacuum Daedalus aera / pennis non homini datis.*” (III, v. 35-6) – “Dédalo experimentou o ar livre com asas, que não foram dadas ao homem”.

O particípio passado “*dati*s”, em ablativo plural feminino, com seu complemento em dativo singular masculino “*homini*”, concorda como adjetivo com “*pennis*”, para o qual serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa, em que figura uma locução verbal de voz passiva.

05. “*O fortes peioraque passi / mecum saepe uiri, nunc uino pellite curas; / cras ingens iterabimus aequor.*” (VII, v. 29-31) – “Ó corajosos varões, (vós) que suportates comigo muitas vezes as piores coisas, agora lançai fora os cuidados com o vinho; amanhã percorreremos o imenso mar.”.

O particípio passado “*passi*” (depoente), em nominativo plural masculino, com seu complemento em acusativo “*peiora*” e sua complementação circunstancial em ablativo “*mecum*”, concorda com um subentendido “*uos*”, para o qual serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como uma oração subordinada adjetiva explicativa.

06. “*(...) / siue subiectos Orientis orae / Seras et Indos / te minor laetum reget aequus orbem.*” (XII, v.51-5) – “(...), quer (tenha expulsado) os seres e os indus, que estão abaixo da região oriental, abaixo de ti, imparcial, governará o próspero orbe.”.

O particípio passado “*subiectos*”, em acusativo plural masculino, com seu complemento em dativo “*Orientis orae*”, concorda como adjetivo com “*Seras et Indos*”, para os quais é um adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa

07. “*Mater saeua Cupidinum / Thebanaeque iubet me Semelae puer / et lasciuia Licentia / finitis animum reddere amoribus.*” (XIX, v. 1-4) – “A mãe cruel dos desejos (Vênus), o filho da tebana Sêmele (Baco) e a liberdade lasciva (Paixão) me obriga(m) a entregar minha alma a amores que se acabaram.”.

A forma de particípio passado “*finitis*”, em dativo plural masculino, concorda como um simples adjetivo com “*amoribus*”, servindo-lhe de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva.

08. “*Caecubum et prelo domitam Caleno / tu bibes uuam; (...)*” (XX, v. 9-10) – “Tu beberás o (vinho) Cecubo e a uva, que foi submetida ao lagar de Cales.”.

A forma de particípio passado “*domitam*”, em acusativo singular feminino, concorda como adjetivo com “*uuam*”, para o qual serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa, em que figura uma locução verbal de voz passiva. Observe-se o deslocamento do particípio que cria uma disjunção em “*prelo Caleno*”.

09. “uos laetam fluuiis et memorum coma, / (...)” (XXI, v. 5) – “Vós (celebrai), a que se alegra com os rios e com a folhagem dos bosques.”

A forma de particípio passado “*laetam*”, em acusativo singular feminino, acompanhada do complemento composto “*fluuiis*” e “*memorum coma*”, concorda com um núcleo subentendido (“*Dianam*” ou “*eam*”), para o qual serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva.

10. “*Occidit et Pelopis genitor, conuiuia deorum, / Tithonusque remotus in auras / (...)*” (XXVIII, v. 7-8) – “Do mesmo modo morreu o pai de Pélops, conviva dos deuses, e Titon, que foi arrebatado aos céus, (...)”.

A forma de particípio passado “*remotus*”, em nominativo singular masculino, com uma complementação em acusativo “*in auras*”, concorda como um adjetivo com “*Tithonus*”, para o qual serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa, em que figura uma locução verbal de voz passiva.

11. “(...) / et *Iouis arcanis Minos admissus* (...)” (XXVIII, v. 9) – “(...) e (morreu) Minos, que foi admitido nos segredos de Júpiter; e (...)”.

A forma de particípio passado “*admissus*”, em nominativo singular masculino, com seu complemento “*Iouis arcanis*”, concorda como adjetivo com “*Minos*”, para o qual serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa, em que figura uma locução verbal de voz passiva.

12. “(...) *habentque / Tartara Panthoiden iterum Orco / demissum, (...)*” (XXVIII, v. 9-11) – “(...) e os Tártaros possuem o filho de Panton (Pitágoras), que foi lançado ao Orco pela segunda vez, (...)”.

A forma de particípio passado “*demissum*”, em acusativo singular masculino, com seu complemento em dativo “*Orco*” e uma complementação adverbial “*iterum*”, concorda como adjetivo com “*Panthoiden*”, para o qual serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa, em que figura uma locução verbal de voz passiva.

13. “(...) *quamuis (...)* *Troiana (...)* / *tempora testatus nihil ultra/ neruos atque cutem morti concesserat atrae, / (...)*” (XXVIII, v. 11-3) – “(...) ainda que ele, que testemunhara os tempos troianos, tivesse concedido à cruel morte nada além de seus nervos e sua pele.”

A forma de particípio passado “*testatus*” (depoente), em nominativo singular masculino, com seu complemento em acusativo “*Troiana tempora*”, concorda como um adjetivo com um subentendido “*is*” (referente a “*Panthoiden*” do verso anterior), para o qual serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa.

14. “(...) / *cum tu coemptos undique nobilis / libros Panaeti Socraticam et domum / mutare loricis Hiberis, / (...)?*” (XXIX, v. 13-6) – “(...), já que tu, (...), visas a trocar pelas trincheiras ibéricas a família socrática e os livros do ilustre Panécio, que foram comprados por todas as partes?”

A forma de particípio passado “*coemptos*”, em acusativo plural masculino, com a complementação adverbial “*undique*”, concorda como um adjetivo com “*libros*” e lhe serve de adjun-

to adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa, em que figura uma locução verbal de voz passiva.

15. “(...) / *cum tu coemptos undique nobilis / libros Panaeti Socraticam et domum / mutare loricis Hiberis, / pollicitus meliora, tendis?*” (XXIX, v. 13-6) – “(...), já que tu, que prometeras coisas melhores, visas a trocar pelas trincheiras ibéricas a família socrática e os livros do ilustre Panécio, que foram comprados por todas as partes?”.

A forma de particípio passado “*pollicitus*” (depoente), em nominativo singular masculino, com seu complemento acusativo “*meliora*” (substantivação), concorda como um adjetivo com “*tu*” e funciona como um adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa.

16. “(...), *age, dic Latinum, / barbite, carmen, / Lesbio primum modulate ciui, / qui, ferox bello, tamen inter arma, / siue iactatam religarat udo / litore nauem, / (...)*” (XXXII, v. 3-8) – “Vai; canta um verso latino (...), ó alaúde, que foi tocado pela primeira vez por um cidadão de Lesbos (Alceu), que, feroz em guerra, ainda que entre as armas ou se amarrara a nau, que foi lançada ao porto úmido, (...)”.

A forma de particípio passado “*iactatam*”, em acusativo singular feminino, concorda como um simples adjetivo com “*nauem*”, servindo-lhe de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa, em que figura uma locução verbal de voz passiva.

17. “*te Spes et albo rara Fides colit / uelata panno (...)*” (XXXV, v. 21-2) – “A Esperança e a Boa Fé, que é velada por um pano branco, venera(m) a ti, (...)”.

A forma de particípio passado “*uelata*”, em nominativo singular feminino, acompanhada de uma complementação em ablativo “*albo panno*”, concorda como adjetivo com “*Fides*”, para o qual serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa, em que figura uma locução verbal de voz passiva.

Forma de Particípio Passado como Parte de Locução Verbal

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma verbominal de particípio passado numa estrutura em que compõe, com um verbo auxiliar elíptico, uma locução verbal.

01. “*Expertus uacuum Daedalus aera / pennis (...)*” (III, v. 35-6) – “Dédalo experimentou o ar livre com asas (...)”.

A forma de particípio passado “*expertus*”, em nominativo singular masculino, com o seu complemento em acusativo singular masculino “*uacuum aera*” e complementação em ablativo “*pennis*”, concordando como um adjetivo com “*Daedalus*”, é parte da locução verbal de perfeito do depoente “*experior*” (“*expertus est*”, que deve ser traduzida como se fosse ativa – “experimentou”), em que o auxiliar foi omitido.

02. “(...) *Teucer Salamina patremque / cum fugeret, tamem uda Lyaeo / tempora populea fertur uinxisse corona, / sic tristis affatus amicos.*” (VII, v. 20-3) – “Quando Teucro fugia do pai em Salamina, diz-se ter, porém, ornado a cabeça, molhada em vinho, com uma coroa de choupo, falou assim aos tristes amigos.”

O particípio passado “*affatus*”, em nominativo singular masculino, com sua complementação em acusativo “*tristis amicos*”, deve ser entendido como parte da flexão de perfeito do depoente arcaico e poético “*affor ou adfor*”, cuja flexão verbal auxiliar fora omitida (“*est*”). Daí, ter sido traduzida a estrutura de particípio como predicado da oração principal (“falou assim aos tristes amigos”).

03. “*unde uocalem temere insecutae / Orphea siluae / arte materna rapidos morantem / fluminum lapsus celerisque uentos, / (...)*” (XII, v. 7-11) – “De onde as florestas seguiram, às cegas, o harmonioso Orfeu, que detinha, por arte materna, as rápidas correntes dos rios e os céleres ventos.”

A forma de particípio passado “*insecutae*”, em nominativo plural feminino, concordando com “*siluae*”, é parte do perfeito do verbo depoente transitivo “*insequor*”, cujo auxiliar foi omitido (“*insecutae sunt*”, que deve ser traduzido como se fosse ativo “seguiram”).

04. “*Gentis humanae pater atque custos, / orte Saturno, tibi cura magni / Caesaris fatis data. (...)*” (XII, v. 47-9) – “Ó pai e guardião da raça humana, nascido de Saturno, a ti o cuidado do grande César foi confiado pelos destinos.”

A forma de particípio passado “*data*”, em nominativo singular feminino, concordando como um adjetivo com “*cura*”, é parte da locução verbal de perfeito passivo “*data est*”, cujo auxiliar foi omitido.

05. “*Fertur Prometheus addere principi / limo coactus particulam (...)*” (XVI, v. 13-4) – “Diz-se Prometeu ter sido forçado a acrescentar ao limo primitivo uma parcela (...)”

A forma de particípio passado “*coactus*”, em nominativo singular masculino, com seu complemento em infinitivo (“*addere principi limo particulam*”) e concordando com “*Prometheus*”, é parte da locução verbal de voz passiva (infinitivo passado, que tem o auxiliar “*esse*” omitido).

06. “(...), *datus in theatro / cum tibi plausus, / care Maecenas eques, (...)*” (XX, v. 3-5) – “(...), quando o aplauso foi dado a ti no teatro, ó estimado cavaleiro Mecenas.”

A forma de particípio passado “*datus*”, em nominativo plural masculino, concordando como um adjetivo com “*plausus*”, é parte de uma estrutura de voz passiva em que está subentendida uma flexão verbal auxiliar (“*est*”).

07. “*Sic uisum Veneri, cui placet imparis / formas atque animos sub iuga aenea / saeuo mittere cum ioco.*” (XXXIII, v. 10-2) – “Assim pareceu a Vênus, a quem agrada deixar passar sob os jugos inflexíveis as almas e as formas diferentes com um jogo cruel.”

A forma de particípio passado “*uisum*”, em nominativo singular neutro, forma com o seu complemento em dativo “*Veneris*” uma estrutura de voz passiva com omissão da flexão ver-

bal auxiliar (“*est*”). Segundo Faria, essa forma passiva de “*video*”, acompanhada de dativo de pessoa, é impessoal e exprime “parecer”.

08. “*ausa et iacentem uisere regiam / uoltu sereno, fortis et asperas / tractare serpentes, ut atrum / corpore conbiberet uenenum, / (...)*” (XXXVII, v. 23-5) – “ousou não só contemplar o seu castelo abandonado com o rosto sereno, como também, corajosa, pegar as agudas serpentes para absorver no corpo o veneno atroz.”

A forma de particípio passado “*ausa*”, em nominativo singular feminino, é parte de uma locução verbal de perfeito do semi-depoente “*audeo*”, em que se observa a omissão do verbo auxiliar (“*ausa est*”). A forma de particípio foi traduzida como núcleo verbal em forma ativa “ousou” e tem como complemento as estruturas de infinitivo (“*uisere*” e “*tractare*”, em paralelismo).

Forma de Particípio Passado em Estrutura de Ablativo Absoluto

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma verb nominal de particípio passado, numa estrutura de ablativo absoluto que funciona como adjunto adverbial. A estrutura com o particípio passado foi traduzida como adjunto adverbial, normalmente em forma de oração subordinada adverbial reduzida de particípio.

01. “(...) / *et superiecto pauidae natarunt / aequore dammae.*” (II, v. 11-12) – “(...), espalhada a água (por sobre as terras), corças apavoradas nadaram.”

O particípio passado “*superiecto*”, em ablativo singular neutro, concorda com “*aequore*”, com o qual forma uma estrutura de Ablativo Absoluto, traduzida como oração subordinada adverbial causal reduzida de particípio. Esta estrutura de Ablativo Absoluto também poderia ser traduzida como se fosse uma oração subordinada adverbial em gerúndio (“estando a água espalhada por sobre a terra”).

02. “*Vidimus flauom Tiberim retortis / litore Etrusco uiolenter undis / ire deiectum monumenta regis / templaque Vestae, / (...)*” (II, v. 13-6) – “Vimos o amarelado Tibre, repelidas as suas águas violentamente do litoral da Etrúria, ir destruir os monumentos reais e os templos de Vesta.”

O particípio passado “*retortis*”, em ablativo plural feminino, acompanhado da complementação adverbial “*uiolenter*” e da complementação em ablativo “*litore Etrusco*”, concorda com “*undis*”, com o qual forma uma estrutura de Ablativo Absoluto, que foi traduzida como oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio. Também poderia ser traduzida como oração adverbial em gerúndio (“repelindo do litoral da Etrúria as águas violentamente”) ou como uma oração subordinada adjetiva circunstancial (“que repelia do litoral da Etrúria suas águas violentamente”), com valor temporal ou causal.

03. “*siue mutata iuuenem, figura / ales in terris imitaris, almae / filius Maiaie, patiens uocari / Caesaris ultor.*” (II, v. 41-4) – “Ou (que venhas) tu, que te deixas ser evocado como vingador

de César, se, mudada a fisionomia, imitas nas terras um jovem, ó alado filho da criadora Maia.”.

A forma de particípio passado “*mutata*”, em ablativo singular feminino, concorda com “*figura*”, com o qual forma uma estrutura de Ablativo Absoluto, que foi traduzida como oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio. Também poderia ser traduzida como oração subordinada adverbial em gerúndio (“tendo mudado a fisionomia”).

04. “*Sic te diua potens Cypri, / sic fratres Helenae, lucida sidera, / uentorumque regat pater / obstrictis aliis praeter Iapyga, / nauis, (...)*” (III, v. 1-5) – “De modo que te dirija(m) a poderosa deusa de Chipre ou os irmãos de Helena, astros luminosos, e o pai dos ventos, presos os outros (ventos), com exceção do Iápiga, ó nau, (...)”.

O particípio passado “*obstrictis*”, em ablativo plural masculino, concordando como um adjetivo com “*aliis*”, com o qual forma uma estrutura de Ablativo Absoluto, foi traduzida como oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio.

05. “*Quin et Atridas duce te superbos / Ilio diues Priamus relicto / Thessalosque ignis et iniqua Troiae / castra fefellit.*” (X, v. 13-6) – “Até o rico Príamo, abandonada Tróia, com a tua proteção, enganou os orgulhosos atridas e os fogos da Tessália e os acampamentos inimigos de Tróia.”.

A forma de particípio passado “*relicto*”, em ablativo singular neutro, forma com o substantivo “*Ilio*” também em ablativo singular neutro, uma estrutura de ablativo absoluto, que foi traduzida como uma oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio.

06. “*(...): / mactata ueniet lenior hostia.*” (XIX, v. 16) – “*(...):* sacrificada a vítima, apresentar-se-á mais doce.”.

A forma de particípio passado “*mactata*” deste verso, em ablativo singular feminino, concorda com o substantivo ablativo singular feminino “*hostia*”, numa estrutura de ablativo absoluto, traduzida como oração subordinada adverbial reduzida de particípio.

07. “*Namque me silua lupus in Sabina, / dum meam canto Lalagen et ultra / terminum curis uagor expeditis, / fugit inermem, / (...)*” (XXII, v. 9-12) – “O fato é que, na floresta de Sabina, um lobo fuge de mim, desarmado, enquanto eu canto a minha Lalage e vagueio, afastados os cuidados, além dos limites.”.

A forma de particípio passado “*expeditis*”, em ablativo plural feminino, que concorda com “*curis*”, também em ablativo plural feminino, formando uma estrutura de ablativo absoluto, que foi traduzida como oração subordinada adverbial reduzida de particípio, com valor temporal, ou causal ou condicional.

08. “*(...) quamuis clipeo Troiana refixo / tempora testatus nihil ultra/ neruos atque cutem morti concesserat atrae, / (...)*” (XXVIII, v. 11-3) – “*(...)* ainda que ele, que testemunhara, arracado o escudo, os tempos troianos, tivesse concedido à cruel morte nada além de seus nervos e sua pele.”.

A forma de particípio passado “*refixo*”, em ablativo singular masculino, concorda como um adjetivo com “*clipeco*”, numa estrutura de ablativo absoluto, que foi traduzida como oração subordinada adverbial reduzida de particípio. Também poderia ser traduzida como oração subordinada reduzida de gerúndio (“sendo-lhe arrancado o escudo”).

09. “(...); *licebit / iniecto ter puluere curras.*” (XXVIII, v.35-6) – “Será permitido, lançado o pó por três vezes, que tu percorras (o mar).”.

A forma de particípio passado “*iniecto*”, em ablativo singular masculino, concorda com “*puluere*”, numa estrutura de ablativo absoluto, que foi traduzida como uma oração subordinada adverbial reduzida de particípio com valor temporal.

10. “(...) *quae tibi uirginum / sponso necato barbara seruiet?*” (XXIX, v. 5-6) – “Que bárbara das virgens, assassinado o pretendente, será (tua) escrava?”.

A forma de particípio passado “*necato*”, em ablativo singular masculino, concorda com “*sponso*”, numa estrutura de ablativo absoluto, que foi traduzida como oração subordinada adverbial reduzida de particípio. Também poderia ser traduzida como oração subordinada reduzida de gerúndio (“sendo o pretendente assassinado”), com valor condicional ou causal.

11. “*Albi, ne doleas plus nimio memor / inmitis Gycerae neu miserabilis / decantes elegos, cur tibi iunior / laesa praeniteat fide.*” (XXXIII, v.1-4) – “Álbio, que tu, que pensas na cruel Glícera em demasia, não sofras mais, nem cantes as deploráveis elegias, porque o mais jovem é mais brilhante do que tu, ultrajada a promessa.”.

A forma de particípio passado “*laesa*”, em ablativo singular feminino, concorda com “*fide*”, numa estrutura de ablativo absoluto, que foi traduzido como oração subordinada adverbial reduzida de particípio com valor causal.

12. “(...), *diffugiunt cadis / cum faece siccatis amici, / ferre iugum pariter dolosi.*” (XXXV, v. 26-8) – “Esgotados os barris com borra (de vinho) desaparecem os amigos, ao mesmo tempo enganadores em suportar o jugo.”.

A forma de particípio passado “*siccatis*”, em ablativo plural masculino, concorda com “*cadis*”, numa estrutura de ablativo absoluto, que foi traduzida como oração subordinada adverbial reduzida de particípio com valor temporal.

Forma de Particípio Passado Substantivado como Complemento Verbal

Nesta seção, está relacionado o único exemplo em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de particípio passado substantivada, numa estrutura de que funciona como complemento verbal. A estrutura com a substantivação do particípio presente, que traduzimos como complemento verbal, corresponde a um objeto direto.

01. “(...) *nec uariis obsita frondibus / sub diuum rapiam.*” (XVIII, v. 12-3) – “(...) nem arrebaterei sob o céu as coisas cobertas de várias folhas.”

A forma de particípio passado “*obsita*”, em acusativo plural neutro, acompanhado da complementação em ablativo “*uariis frondibus*”, funcionando como complemento direto do verbo transitivo “*rapiam*”, foi substantivada. A estrutura de particípio foi traduzida como uma estrutura nominal, mas também poderia ser traduzida como um aposto, seguido de uma oração subordinada adjetiva (“o que foi coberto de várias folhas), em que figure uma alocução verbal de voz passiva.

Forma Verbo-Nominal de Particípio Passado – 74 Ocorrências					
Adjetivo – Adj. Adn. ou Predic.			Verbo	Outros Empregos	
Nom.	Predic.	O. Adj.	L. Verb.	Abl. Abs.	Subst.
22	14	17	08	12	01
Adjetivo Particípio Presente: 30 Ocorrências					
Adjunto Adnominal			Predicativo		
27			05		

4. Particípio Futuro

Forma de Particípio Futuro Ativo como Adjunto Adnominal – Oração Subordinada Reduzida de Particípio Futuro

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de particípio futuro, numa estrutura que funciona como adjunto adnominal. A estrutura com o particípio futuro foi traduzida como adjunto adnominal em forma de oração subordinada adjetiva desenvolvida em tempo futuro.

01. “*Neglegis inmeritis nocituram / postmodo te natis fraudem committere?*” (XXVIII, v. 30-2) – “Negligencias cometeres tu um erro que depois irá prejudicar teus filhos, que não merecem?”.

A forma verbo-nominal de particípio futuro ativo “*nocturam*”, em acusativo singular feminino, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*fraudem*”, para o qual, com seu complemento em dativo “*inmeritis natis*” e complementação circunstancial “*postmodo*”, serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva em tempo futuro.

02. “(...) *nec quicquam tibi prodest / aérias temptasse domos animoque rotundum / percurrisse polum morituro*.” (XXVIII, v. 4-6) – “(...) e nem serve para nada a ti, que hás de morrer, teres alcançado as moradas elevadas e, com a tua inteligência, teres percorrido a abóbada celeste.”

O particípio futuro ativo “*morituro*”, em dativo singular masculino, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*tibi*”, servindo-lhe de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa.

03. “*Serues iturum Caesarem in ultimos / orbis Britannos et iuuenum recens / examen Eois timendum / partibus Oceanoque rubro.*” (XXXV, v. 29-32) – “Que tu protejas César, que vai partir contra os últimos do mundo, os britanos, e o novo grupamento de jovens, que deverá ser temido pelas regiões orientais e pelo Mar Vermelho.”

A forma de particípio futuro ativo “*iturum*”, em acusativo singular masculino, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*Caesarem*”, para o qual, com uma complementação circunstancial em acusativo “*in ultimos orbis Britannos*”, serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa.

Forma de Particípio Futuro Ativo como parte de Locução Verbal

Relaciona-se nesta seção o único exemplo em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de particípio futuro numa estrutura em que compõe, com um verbo auxiliar uma locução verbal.

01. “*Quid sit futurum cras, fuge quaerere, et / quem fors dierum cumque dabit, lucro / adpone (...)*” (IX, v. 13-5) – “Evita procurar em vão o que há de ser amanhã, e qualquer dos dias que a sorte (te) conceder, junta ao lucro!”.

O particípio futuro ativo “*futurum*”, em nominativo singular neutro, concorda como adjetivo com “*quid*”, formando com o auxiliar “*sit*” uma locução verbal (Cf. Ernout et Thomas. § 290), que foi traduzida como predicado do sujeito “o que”, compondo uma interrogativa indireta como oração subordinada substantiva objetiva direta, que funciona como um complemento do infinitivo “*quaerere*”, que é transitivo.

Forma Verbo-Nominal de Particípio Futuro Ativo: 04 Ocorrências	
Adj. Adn. – O. Adj.	Loc. Verbal
03	01

5. Gerundivo

Forma de Gerundivo como Adjunto Adnominal – Traduzido como Oração Subordinada Adjetiva Desenvolvida

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma de gerundivo, numa estrutura que funciona como adjunto adnominal em forma de oração subordinada

reduzida. A estrutura com o gerundivo, que traduzimos como adjunto adnominal em forma de uma estrutura oracional, corresponde a uma oração subordinada adjetiva desenvolvida.

01. “(...), *si tamen impiae / non tangenda rates transiliunt uada.*” (III, v. 24-5) – “(...), se, contudo, ímpias embarcações ultrapassam as vagas, que não devem ser tocadas.”

A forma de gerundivo “*tangenda*”, em acusativo plural neutro, concordando com “*uada*” como um adjetivo, é um adjunto adnominal, em cuja tradução se podem perceber as noções de passividade, futuro e obrigatoriedade. Daí, ter sido traduzido por uma oração subordinada adjetiva explicativa, em que figura uma locução verbal de voz passiva.

02. “*Nil desperandum Teucro duce et auspice Teucro.*” (VII, v. 26) – “(Não há) nada de que se deva perder a esperança sob a orientação e auspício de Teucro.”

A forma de gerundivo “*desperandum*”, em nominativo singular neutro, concorda com o indeclinável “*nil*” e lhe serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva, expressando obrigação e futuridade, mas que muitos preferem traduzir como se fosse um simples infinitivo (“Nada de perder a esperança”), como observam Ernout et Thomas (§ 297, item “b”), ou com infinitivo expressando obrigação e sujeito indeterminado (“Não se deve perder a esperança”).

03. “(...). *Quae te cumque domat Venus, / non erubescendis adurit / ignibus ingenuoque semper / amore peccas.* (...)” (XXVII, v. 17-20) – “Nenhuma paixão que te domina (te) queima com chamas das quais te devas envergonhar e tu sempre te enganas com um amor delicado.”

A forma de gerundivo “*erubescendis*”, em ablativo plural masculino, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*ignibus*”, para o qual serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva com o agente em forma de sujeito (“tu”, subentendido) numa estrutura ativa, expressando obrigação e futuridade.

04. “(...). *Sed omnis una manet nox / et calcanda semel uia leti.*” (XXVIII, v. 15-6) – “Mas por todos (nós) espera(m) a mesma noite e a estrada da morte, que deverá ser trilhada uma única vez.”

A forma de gerundivo “*calcanda*”, em nominativo singular feminino, concorda como um adjetivo com o núcleo substantivo “*uia*”, para o qual, com uma complementação circunstancial “*semel*”, serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa, em que figura uma locução de voz passiva no futuro e exprimindo obrigatoriedade. Há quem prefira traduzi-la como se fosse uma oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo (“(...) da morte para trilhar uma única vez”), com idéia de finalidade.

05. “*Serues iturum Caesarem in ultimos / orbis Britannos et iuuenum recens / examen Eois timendum / partibus Oceanoque rubro.*” (XXXV, v. 29-32) – “Que tu protejas César, que vai partir contra os últimos do mundo, os britanos, e o novo grupamento de jovens, que deverá ser temido pelas regiões orientais e pelo Mar Vermelho.”

A forma de gerundivo “*timendum*”, em acusativo singular neutro, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*examen*”, para o qual, com uma complementação circunstancial composta em ablativo “*Eois partibus*” e “*Oceano rubro*”, serve de adjunto adnominal, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva explicativa, em que figura uma locução de voz

passiva e exprimindo obrigatoriedade e futuridade. Há quem prefira traduzi-la como se fosse uma oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo (“(...) e o novo grupamento de jovens para as regiões orientais e o Mar Vermelho temerem.”) com idéia de finalidade.

Forma de Gerundivo como Adjunto Adnominal – Traduzido como adjunto adnominal em forma de Adjetivo

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma de gerundivo, numa estrutura que funciona como adjunto adnominal. A estrutura com o gerundivo foi traduzida como adjunto adnominal em forma de adjetivo.

01. “*Proeliis audax, neque te silebo, / Liber, et saeuus inimica uirgo / beluis, nec te, metuende certa / Phoebe sagitta.*” (XII, v. 21-4) – “Ó audaz nas lutas, eu nem te silenciarei, ó Líber, e nem a ti, ó virgem inimiga dos animais ferozes, e nem a ti, ó Febo temível por sua seta certa.”.

A forma de gerundivo “*metuende*”, em vocativo singular masculino, concorda como um simples adjetivo com “*Phoebe*”, para o qual funciona como adjunto adnominal. Convém observar que o verbo transitivo “*metuo*” se constrói com ablativo com preposição “*de*” ou “*ab*” e o adjetivo “*metuens*”, com genitivo. Contudo, o sintagma “*certa sagitta*”, que serve de complemento do adjetivo particípio “*metuende*” não está em genitivo, mas em ablativo sem preposição. Convém observar, também, que essa forma verbo-nominal não expressa futuridade e nem são fundamentais as noções de obrigatoriedade e de passividade. Ernout et Thomas (§ 297, item “c”) observam que o gerundivo vários verbos marcam uma simples idéia de possibilidade como o adjetivo em “*-bilis*”.

02. “(...) / *nec saeuus ignis nec tremendo / Iuppiter ipse ruens tumultu.*” (XVI, v. 11-2) – “(...), nem o violento fogo nem o próprio Júpiter, lançando-se como uma tempestade terrível.”.

A forma de gerundivo “*tremendo*”, concorda como um simples adjetivo em ablativo singular masculino com “*tumultu*”, para o qual funciona como um adjunto adnominal.

Forma de Gerundivo em expressão com verbo auxiliar “esse”

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma de gerundivo numa estrutura em que compõe, com “*esse*” (verbo auxiliar) uma locução verbal, expressando passividade e obrigação.

01. “*Nunc est bibendum, (...)*” (XXXVII, v. 1) – “Agora deve-se beber, (...)”.

A forma de gerundivo “*bibendum*”, em locução com a flexão verbal auxiliar “*esse*”, em nominativo singular neutro, compõe uma expressão de obrigação, que foi traduzida como uma estrutura de voz passiva pronominal, com valor de indeterminação.

02. “(...), *nunc pede libero / pulsanda tellus, (...)*” (XXXVII, v. 1-2) – “(...), agora com o(s) pé(s) (de homem) livre(s) deve-se agitar a terra.”.

A forma de gerúndio “*pulsanda*”, em nominativo singular feminino, com a complementação em ablativo “*pede libero*”, concorda como adjetivo com o núcleo substantivo “*tellus*” para o qual serve de adjunto adnominal, compõe uma expressão de obrigação, que foi traduzida como uma estrutura de voz passiva pronominal, com valor de indeterminação.

Forma Verbo-Nominal de Particípio Futuro Passivo: 09 Ocorrências		
Adj. Adn.		Outro Emprego
O. Adjetiva	Adj. Adn.	Expr. com “esse”
05	02	02

6. Gerúndio

Forma de Gerúndio como Complemento Determinativo – Oração Subordinada Reduzida – Traduzida com Oração Subordinada Reduzida de Infinitivo

Relacionam-se nesta seção os exemplos em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de gerúndio, numa estrutura que funciona como complemento determinativo em forma de oração subordinada reduzida. A estrutura com o gerúndio, que traduzimos como adjunto adnominal em forma de uma estrutura oracional, corresponde a uma oração subordinada adjetiva reduzida de infinitivo.

01. “*cui dabit partis scelus expiandi / Iuppiter? (...)*” (II, v. 29) – “A quem Júpiter dará o papel de expiar o crime?”.

A forma de gerúndio em genitivo explicativo “*expiandi*”, com seu complemento em acusativo singular neutro “*scelus*”, funcionando como complemento determinativo do acusativo plural feminino arcaico “*partis*”, que foi traduzido como oração subordinada adjetiva em infinitivo (oração reduzida fixa).

Forma de Gerúndio como Complementação Circunstancial – Oração Subordinada Adverbial Reduzida de Gerúndio

Relaciona-se nesta seção o único exemplo em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de gerúndio, numa estrutura que funciona como complementação circunstancial em forma de oração subordinada reduzida. A estrutura com o gerúndio, que traduzimos como adjunto adverbial em forma de uma estrutura oracional, corresponde a uma oração subordinada adverbial reduzida de gerúndio.

01. “*Lydia, dic, per omnis / te deos oro, Sybarin cur properes amando / perdere.*” (VIII, v. 1-3) – “Ó Lidia, diz-me, por todos os deuses eu te rogo, por que te apressas em perverter Sibarís, amando-o.”

A forma de gerúndio “*amando*”, em ablativo, expressa uma circunstância de tempo concomitante e funciona como um complementação circunstancial, que foi traduzido como oração subordinada adverbial em gerúndio.

Forma Verbo-Nominal de Gerúndio: 02 Ocorrências	
Compl. Dtivo.	Compl. Circ.
01	01

7. Supino

Forma de Supino como Complemento Circunstancial – Oração Subordinada Adverbial Reduzida

Relaciona-se nesta seção o único exemplo em que se verifica o emprego da forma verbo-nominal de supino, numa estrutura que funciona como complemento de direção para verbos de movimento, em forma de oração subordinada reduzida. A estrutura com o supino foi traduzida como parte de uma locução verbal.

01. “*Vidimus flauom Tiberim retortis / litore Etrusco uiolenter undis / ire deiectum monumenta regis / templaque Vestae, / (...)*” (II, v. 13-6) – “Vimos o amarelado Tibre, com suas águas repelidas violentamente do litoral da Etrúria, ir destruir os monumentos reais e os templos de Vesta.

A forma de supino “*deiectum*”, em acusativo de direção, com seu complemento em acusativo composto “*monumenta regis templaque Vestae*”, e o infinitivo presente ativo “*ire*”, com seu sujeito em acusativo singular masculino “*flauom Tiberim*”, formam uma locução verbal, que foi traduzida como oração subordinada substantiva que serve de complemento do verbo transitivo “*uidimus*”.

Forma Verbo-Nominal de Supino: 01 Ocorrência
Complem. de Direção
01

Anexo 2

Fenômenos de Construção e Figuras de Linguagem nas odes do *Liber Primus*, de Horácio

Muitos são os fenômenos de construção, causados pela distribuição dos grupos sintáticos e das palavras que os compõem. Alguns desses fenômenos de construção constituem figuras de sintaxe, outros participam de um tipo dessas figuras de linguagem. Ambos os casos, porém, tornam o texto especial e provocam um efeito expressivo, que merecem ser observados.

Abaixo relacionamos os fenômenos de construção e figuras de linguagem que contam com a participação de um dos nomes verbais, utilizados por Horácio nas trinta e oito odes do *Liber Primus*:

Figuras de Palavra

1. Metáfora

Quando a significação natural de uma palavra é substituída por outra, com que tem relação de semelhança subentendida.

“*Me doctarum hederæ praemia frontium / dis miscent superis, (...)*” (I, v. 29-30)

“*semotique prius tarda necessitas / leti corripuit gradum.*” (III, v. 32-33)

“*(...), dum pudor inbellisque lyrae Musa potens uetat / laudes egregii Caesaris et tuas / culpa deterere ingeni.*” (VI, v. 9-11)

“*Quis Martem tunica tectum adamantina / digne scrupserit / (...)*” (VI, v. 13-4)

“*Nos conuiuia, nos proelia uirginum / sectis in iuuenes unguibus acrium / cantamus*” (VI, v. 17-9)

“*Permitte diuis cetera, qui simul / strauere uentos aequore feruido / deproeliantis, (...)*” (IX, v. 9-11)

“*(...) nec dulcis amores / sperne, puer, neque tu choreas, / donec uirenti canities abest / mosa. (...)*” (IX, v. 15-8)

“*(...), uae, meum / feruens difficili bile tumet iecur.*” (XIII, v. 3-4)

“*(...) et insani leonis / uim stomacho apposuisse nostro.*” (XVI, v. 15)

“*utcumque dulci, Tydari, fistula / ualles et Vsticæ cubantis / leuis personuere saxa.*” (XVII, v. 10-2)

“*et scindat haerentem coronam / crinibus inmeritamque uestem.*” (XVII, v. 27-8)

“*(...) nec uariis obsita frondibus / sub diuum rapiam. (...)*” (XVIII, v. 12-3)

“*Quid si Threicio blandius Orpheo / auditam modere arboribus fidem?*” (XXIV, v. 13-4)

“*cum tibi flagrans amor et libido, / quæ solet matres furiare equorum, / (...)*” (XXV, v. 13-4)

“laeta quod pubes hedera uirenti / gaudeat pulla magis atque myrto, / aridas frondes hiemis sodali / dedicet Euro.” (XXV, v. 17-20)

“Musis amicus tristiam et metus / tradam proteruis in mare Creticum / portare uentis, (...)” (XXVI, v. 1-3)

“Natis in usum laetitiae scyphis / pugnare Thracum est; (...)” (XXVII, v. 1-2)

“(...) Sed omnis una manet nox / et calcanda semel uia leti.” (XXVIII, v. 15-6)

“(...)? Quis neget arduis / pronos relabi posse riuos / montibus et Tiberim reuertī” (XXIX, v. 10-1)

“Feruidus tecum puer et solutis / Gratiae zonis properentque Nynphae” (XXX, v. 5-6)

“(...); hinc apicem rapax / Fortuna cum stridore aculto / sustulit, hic posuisse gaudet.” (XXIV, v. 14-6)

“Regumque matres barbarorum et / purpurei metuunt tyranni / iniurioso ne pede proruas / stantem columnam, (...)” (XXXV, v. 12-4)

“mentemque lymphatam Mareotico / redegit in ueros timores / Caesar, (...)” (XXXVII, v. 14-6)

2. Metonímia

É a figura que consiste em designar um ser por outro com o qual tem a relação de: causa/efeito, continente/conteúdo, lugar/produto, matéria/objeto, abstrato/concreto, autor/obra, etc.

“(...) et rubente / dextera sacras iaculatus arces / terruit urbem.” (II, v. 2-4)

“Persicos odi, puer, apparatus, / displicent nexae philyra coronae” (XXXVIII, v. 1-2)

3. Símile

É a figura em que ocorre uma comparação de fatos ou seres de características semelhantes.

“(...) nec tremendo / Iuppiter ipse ruens tumultu.” (XVI, v. 11-2)

Figuras de Pensamento

1. Hipérbole

É a figura que engrandece ou diminui de maneira exagerada a verdade das coisas; exagero de linguagem.

“(...) metaque feruidis / euitata rotis palmaque nobilis / terrarum dominos euehit ad deos (...)” (I, v. 4-6)

“Me tuo longas pereunte noctes, / Lydia, dormis?” (XXV, v. 7-8)

“Te maris et terrae numeroque carentis harenae / mensurorem (...)” (XXVIII, v. 1)

“(...) nec quicquam tibi prodest / aérias temptasse domos animoque rotundum / percurrisse polum morituro.” (XXVIII, v. 4-6)

Figuras de Sintaxe

1. Disjunção

É a separação de termos de um grupo sintático, com a intercalação de outros termos, que podem ser da mesma estrutura sintática ou de uma outra a ela relacionada.

“*Gaudentem patrios **findere** sarculo / agros Attalicis condicionibus / nunquam demouneas, (...)*” (I, v. 11-3)

“*Est qui nec ueteris pocula Massici / nec partem solido **demere** de die / spernit, (...)*” (I, v. 19-21)

“*Multos castra iuuant et lituo tubae / **permixtus** sonitus bellaque matribus / detestata. (...)*” (I, v. 23-5)

“*Me doctarum hederæ praemia frontium / dis miscent superis, (...)*” (I, v. 29-30)

“*(...) nec Polyhymnia / Lesboun refugit **tendere** barbiton.*” (I, v. 34)

“*(...) et rubente / dextera sacras **iaculatus** arces / terruit urbem.*” (II, v. 2-4)

“*terrui gentis, graue ne rediret / saeculum Pyrhae noua monstra **questae**, / (...)*” (II, v. 5-6)

“*omne cum Proteus pecus egit altos / **uisere** montis, / (...)*” (II, v. 7-8)

“***nota** quae sedes fuerat columbis, / (...)*” (II, v. 10)

“*Vidimus flauom Tiberim **retortis** / litore Etrusco uilenter undis / (...)*” (II, v. 13-5)

“*heu nimis longo **satiare** ludo, / (...)*” (II, v. 37)

“*siue **mutata** iuuenum figura / (...)*” (II, v. 41)

“*neu sinas Medos **equitare** inultos / te Dulce, Caesar.*” (II, v. 51-2)

“*(...), quae tibi **creditum** / debes Vergilium; (...)*” (III, v. 5-6)

“*Nequicquam deus abscedit / **prudens** Oceano dissociabili / terras, (...)*” (III, v. 21-3)

“*(...), si tamem impiae / non **tangenda** rates transiliunt uada.*” (III, v. 23-4)

“*(...), si tamem impiae / non **tangenda** rates transiliunt uada.*” (III, v. 23-4)

“*post ignem aetheria domo / **subductum** macies et noua febrium / terries incubuit cohors*” (III, v. 29-31)

“***semotique** prius tarda necessitas / leti corripuit gradum.*” (III, v. 32-33)

“*Expertus uacuum Daedalus aera / pennis non homini **datis***” (III, v. 34-5)

“*per nostrum patimur scelus / iracunda Iouem **ponere** fulmina.*” (III, v. 39-40)

“*(...), dum grauis Cyclopum / Volcanus **ardens** uisit officinas.*” (IV, v. 7-8)

“*Nunc decet aut uiridi nitidum caput **impedire** myrto / aut flore, (...)*” (IV, v. 9-10)

“*Nunc et in umbrosis Fauno decet **immolare** lucis, (...)*” (IV, v. 11)

“*uitae summa breuis spem nos uetat **inchoare** longam.*” (IV, v. 15)

“*(...) / culpa **deterere** ingeni.*” (VI, v. 11)

“*undique **decerptam** fronti **praeponere** oliuam.*” (VII, v. 7)

“*(...), seu te **fulgentia** signis / castra tenent (...)*” (VII, v. 19-20)

“*sic tristis **affatus** amicos*” (VII, v. 24)”

“(…) populea fertur uinxisse corona / (…)” (VII, v. 23)

“O fortes peioraque passi / mecum saepe uiri, (…)” (VII, v. 30-1)

“(…), saepe disco / saepe trans finem iaculo nobilis expedito?” (VIII, v. 11-2)

“Permitte diuis cetera, qui simul / strauere uentos aequore feruido / deproeliantis, (…)” (IX, v. 9-11)

“lenesque sub noctem susurri / composita repetantur hora” (IX, v. 19-20)

“callidum quicquid placuit iocoso / condere furto.” (X, v. 7-8)

“Ilio diues Priamus relicto / Thessalosque ignis et inigua Troiae / castra fefellit.” (X, v. 14-6)

“Te, boues olim nisi reddidisses / per dolum amotas, (…)” (X, v. 9-10)

“quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare / Tyrhenum, (…)” (XI, v. 5-6)

“blandum et auritas fidibus canoris / ducere quercus.” (XII, v. 11-2)

“Crescit occulto uelut arbor aeuo / fama Marcelli; (…)” (XII, v. 45-6)

“Ille seu Parthos Latio imminentis / egerit iusto domitos triumpho” (XII, v. 53-4)

“siue subiectos Orientis orae / Seras et Indos” (XII, v. 55-6)

“(…) umor et in genas / furtim labitur, arguens / quam lentis penitus macerer ignibus.” (XIII, v. 6-9)

“speres percipituum dulcia barbare / laedentem oscula, (…)” (XIII, v. 14-5)

“(…), uae, meum / feruens difficili bile tumet iecur.” (XIII, v. 3-4)

“(…), uae, meum / feruens difficili bile tumet iecur.” (XIII, v. 3-4)

“Felices ter et amplius / quos inrupta tenet copula (…)” (XIII, v. 17-8)

“(…) nec malis / diuolsus querimoniis / suprema citius soluet amor die.” (XIII, v. 18-20)

“(…) nec malis / diuolsus querimoniis / suprema citius soluet amor die.” (XIII, v. 18-20)

“non di, quos iterum pressa uoces malo.” (XIV, v. 10)

“coniurata tuas rumpere nuptias / et regnum Priami uetus.” (XV, v. 7-8)

“uitabis strepitumque et celerem sequi / Aiacem (…)” (XV, v. 18-9)

“quem tu, ceruus uti uallis in altera / uisum parte lupum graminis inmemor, / sublimi fugies mollis anhelitu” (XV, v. 29-31)

“nec saeuus ignis nec Iuppiter ipse ruens tumultu.” (XVI, v. 11-2)

“(…) et insani leonis / uim stomacho apposuisse nostro.” (XVI, v. 15)

“(…), dum mihi fias recantatis amica / opprobriis animumque reddas.” (XVI, v. 27-8)

“Impune tutum per nemus arbutos / quaerunt latentis” (XVII, v. 5-6)

“(…) et thyma deuiuae / olentis uxores mariti” (XVII, v. 6-7)

“(…) nec metues proteruum / suspecta Cyrum, (…)” (XVII, v. 24-5)

“Ac ne quis modici transiliat munera Liberi, / Centaurea monet cum Lapithis rixa super mero / debellata, (…)” (XVIII, v. 7-9)

“(…) nec uariis obsita frondibus / sub diuum rapiam, (…)” (XVIII, v. 12-3)

“finitis animum reddere amoribus.” (XIX, v. 3-4)

“mactata uenit lenior hostia.” (XIX, v. 16)

“*Persas atque Britannos / uestra motus aget prece.” (XXI, v. 15-6)
 “(...) *et ultra / terminum curis uagor expeditis / fugit inermem*” (XXII, v. 10-1)
 “*siue facturus per inhospitalem / Caucasum (...)*” (XXII, v. 6-7)
 “*Vitas inuleo me similis, Chloe, / quaerenti pauidam montibus auis / (...)*” (XXIII, v.1-2)
 “*Tu frustra pius, heu, non ita creditum / poscis Quintilium deos.*” (XXIV, v. 11-2)
 “*auditam modere arboribus fidem?” (XXIV, v. 14)
 “*Parcius unctas quatiant fenestras” (XXV, v. 1)
 “*Me tuo longas pereunte noctes, / Lydia, dormis?” (XXV, v. 7-8)
 “*Inuicem moechos anus arrogantis / (...)*” (XXV, v. 9)
 “*Thracio bacchante magis sub inter- / lunia uento” (XXV, v. 11-2)
 “*tradam proteruis in mare Creticum / portare uentis, (...)*” (XXVI, v. 2-3)
 “*hunc Lesbio sacrare flectro” (XXVI, v. 10-1)
 “*et cubito remanete presso.” (XXVII, v. 8)
 “*Voltis seueri me quoque sumere / partem Falerni? (...)” (XXVII, v. 9-10)
 “*non erubescendis adurit / ignibus ingenuoque semper/ amore peccas. (...)” (XXVII, v. 15-7)
 “*Natis in usum laetitiae scyphis / pugnare Thracum est; (...)” (XXVII, v. 1-2)
 “(...) *nec quicquam tibi prodest / aeras temptasse domos animoque rotundum / percurrisse polum morituro.” (XXVIII, v. 4-6)
 “*aeras temptasse domos animoque rotundum” (XXVIII, v. 5)
 “(...) rotundum / percurrisse polum morituro.” (XXVIII, v. 4-6)
 “*Tartara Panthoiden iterum Orco / demissum, (...)” (XXVIII, v. 10-1)
 “(...) *Sed omnis una manet nox / et calcanda semel uia leti.” (XXVIII, v. 15-6)
 “*mixta senum ac iuuenum densentur funera, (...)” (XXVIII, v. 18)
 “*Neglegis inmeritis nocituram / postmodo te natis fraudem committere? (...)” (XXVIII, v. 29-30)
 “(...) *licebit / iniecto ter puluere curras.” (XXVIII, v. 36)
 “(...) *? quae tibi uirginum / sponso necato barbara seruiet?” (XXIX, v. 5-6)
 “*puer quis ex aula capillis / ad cyathum statuatur unctis” (XXIX, v. 7-8)
 “*non ante deuictis Sabaeae / regigus horribilique Medo / nectis catenas? (...)” (XXIX, v. 3-5)
 “*puer quis ex aula capillis / ad cyathum statuatur unctis” (XXIX, v. 7-8)
 “*doctus sagittas tendere Sericas / arcui paterno? (...)” (XXIX, v. 9-10)
 “(...) *? Quis neget arduus / pronos relabi posse riuos / montibus et Tiberim reuertit” (XXIX, v. 10-2)
 “*pronos relabi posse riuos / montibus et Tiberim reuertit” (XXIX, v. 11-2)
 “*cum tu coemptos undique nobilis / libros Panaeti Socraticam et domum” (XXIX, v. 13-4)
 “*Feruidus tecum puer et solutis / Gratiae zonis properentque Nynphae” (XXX, v. 5-6)
 “(...) *et uocantis / ture te multo Glicerae decoram / tranfer in aedem.” (XXX, v. 2-4)***************************

“uates? *Quid orat, de patera nouum / fundens liquorem? (...)*” (XXXI, v. 2-3)
 “*Quid dedicatum poscit Apollinem / uates? (...)*” (XXXI, v. 1-2)
 “*barbite, carmen, / Lesbio primum modulate ciui*” (XXXII, v. 4-5)
 “*siue iactatam religarat udo / litore nauem*” (XXXII, v. 7-8)
 “*(...), o laborum / dulce lenimen, mihi cumque salue / rite uocanti.*” (XXXII, v. 14-6)
 “*(...), cur tibi iunior / laesa praeniteat fide.*” (XXXIII, v. 3-4)
 “*saeuo mittere cum iuco.*” (XXXIII, v. 12)
 “*libertina, fretis acrior Hadriae curuanatis calabros sinus.*” (XXXIII, v. 15-6)
 “*(...) atque iterare cursus / cogor relictos: (...)*” (XXXIV, v. 3-5)
 “*praesens uel imo tollere de gradu / mortale corpus (...)*” (XXXV, v. 2-3)
 “*mortale corpus uel superbos / uertere funeribus triumphos*” (XXXV, v. 3-4)
 “*clauos trabalis et cuneos manu / gestans aena (...)*” (XXXV, v. 18-9)
 “*cum faece siccatis amici / ferre iugum pariter dolosi.*” (XXXV, v. 27-8)
 “*(...)? O utinam noua / incude diffingas retursum in / Massagetas Arabasque ferrum.*” (XXXV, v. 38-40)
 “*actae non alio rege puertiae / mutataeque simul togae.*” (XXXVI, v. 8-9)
 “*actae non alio rege puertiae / mutataeque simul togae.*” (XXXVI, v. 8-9)
 “*neu promptae modus amphorae*” (XXXVI, v. 11)
 “*(...), fortis et asperas / tractare serpentes, (...)*” (XXXVII, v. 26-7)
 “*ausa et iacentem uisere regiam / (...)*” (XXXVII, v. 25)
 “*Persicos odi, puer, apparatus, / displicent nexae philyra coronae*” (XXXVIII, v. 1-2)

2. Elipse

É a omissão de um termo sintático, por já ter sido apresentado anteriormente (oculto determinado pelo contexto), ou por ser implícito ou por ser subentendido.

“*neu sinas Medos equitare inultos / te dulce (o participio), Caesar.*” (II, v. 51-2)
 “*quam rem cumque ferox nauibus aut equis / miles te duce (o participio) gessit.*” (v. 3-4)
 “*Nil desperandum Teucro duce (o participio) et auspice Teucro*” (VII, v. 27)
 “*quid latet; ut marinae / filium (latere) dicunt Thetidis sub lacrimosa Troiae / funera, (...)*” (VIII, v. 13-5)
 “*Quin et Atridas duce te (o participio) superbos / Ilio diues Priamus relicto / Thessalosque ignis et iniqua Troiae / castra fefellit.*” (X, 13-6)
 “*hunc equis (superare), illum superare pugnibus / nobilem; (...)*” (XII, v. 26-7)
 “*Tu secundo Caesare (o participio) regnes.*” (XII, v. 51-2)
 “*(...), datus (sunt) in theatro / cum tibi plausus*” (XX, v. 3-4)
 “*(...), ut paterni / fluminis ripae (datus sunt) simul et iocosa / redderet laudes tibi Vaticani / montis imago.*” (XX, v. 5-6)
 “*(...); hunc fidibus nouis (sacrare), / (...)*” (XXVI, v. 10)

“unde (*illa*) potest (**defluere**), tibi defluat aequo / ab Ioue Neptunoque sacri custode Tarenti.” (XXVIII, v. 27-8)

“**ausa** (*est*) et iacentem uisere regiam / (...)” (XXXVII, v. 25)

3. Estrutura complexa

É a estrutura em que se observa uma complexade na distribuição dos termos dos grupos sintáticos, o que dificulta a compreensão. Em português, denominamos “sínquise” a frase de grande complexidade, causada naturalmente por deslocamentos e inversões de termos.

“**Luctantem** Icaris fluctibus Africum / mercator **metuens** otium et oppidi / laudat rura sui (...)” (I, v. 15-7)

“(…), nunc uiridi membra sub arbuto / **stratus**, (...)” (I, v. 21-2)

“**Iam** satis terris niui atque dirae / grandis misit Pater et **rubente** / dextera sacras **iaculatus** arces / terruit urbem.” (II, v. 2-4)

“**heu** nimis longo **satiare** ludo, / quem iuuat clamor galeaeque leues, acer et Mauri peditis cruentum / uoltus in hostem.” (II, v. 37-40)

“**siue mutata** iuuenem figura / ales in terris imitaris, almae / filius Maiae, **patiens uocari** / Caesaris ultor.” (II, v. 41-4)

“**Quis** multa gracilis te puer in rosa / **perfusus** liquidis urget odoribus / grato, Pyrrha, sub antro?” (V, v. 1-3)

“Nos, Agrippa, neque haec **dicere** nec grauem / Pelidae stomachum **cedere** nescii, / nec cursus duplicis per mare Vlixei / nec saeuam Pelopis domum / conamur, tenues grandia, (...)” (VI, v. 5-9)

“(…) Teucer Salamina patremque / cum fugeret, tamem uda Lyaeo / tempora populea fertur **uinxisse** corona / (...)” (VII, v. 21-3)

“(…) neque iam liuida gestat armis / brachia, saepe disco / saepe trans finem iaculo nobilis **expedito**? / quid latet; ut marinae / filium dicunt Thetidis sub lacrimosa Troiae / funera, (...)” (VIII, v. 10-5)

“nunc et **latentis** proditor intumo / gratus puellae risus ab angulo / pignusque **dereptum** laceris / aut digito male pertinaci.” (IX, v. 21-4)

“Te, boues olim nisi reddidisses / per dolum **amotas**, puerum minaci / uoce dum terret, uiduus pharetra risit Apollo.” (X, v. 9-12)

“**Quin** et Atridas duce te superbos / Ilio diues Priamus **relicto** / Thessalosque ignis et inigua Troiae / castra fefellit.” (X, v. 13-6)

“**Regulum** et Scauros animaeque magnae / prodigum Paulum **superante** Poeno / gratus insigni referam Camena / Fabriciumque.” (XII, v. 37-40)

“**Felices** ter et amplius / quos **inrupta** tenet copula nec malis / **diuolsus** querimoniis / suprema citius soluet amor die.” (XIII, v. 17-20)

“**Nuper** sollicitum quae mihi taedium, / nunc desiderium curaque non leuis, / **interfusa** nitentis / uites aequora Cycladas.” (XIV, v. 17-20)

“quem tu, ceruus uti uallis in altera / **uisum** parte lupum graminis inmemor, / sublimes fugies mollis anhelitu” (XV, v. 29-31)

“siue per Syrtis iter aestuosas / siue **facturus** per inhospitalem / Caucasum uel quae loca fabulosus / lambit Hydaspes.” (XXII, v. 5-8)

“Musis amicus tristiam et metus / tradam proteruis in mare Creticum / **portare** uentis, quis sub Arcto / rex gelidae metuatur orae, quid Tiridaten terreat, unice securus. (...)” (XXVI, v. 1-6)

“(...)? Quis neget arduis / pronos **relabi posse** riuos / montibus et Tiberim **reuerti**, / cum tu **coemptos** undique nobilis / libros Panaeti Socraticam et domum / **mutare** loricis Hibris, / **pollicitus** meliora, tendis?” (XXIX, v. 10-6)

“(…), diues et aureis / mercator exsiccet culillis / uina Syra **reparata** merce, / dis carus ipsis, quippe ter et quater / anno **reuisens** aequor Atlanticum / inpune: (...)” (XXXI, v. 10-5)

“**Frui** paratis et ualido mihi, / Latoe, dones, at, precor, integra / cum mente, nec turpem se-nectam / **degere** nec cithara carentem.” (XXXI, v. 17-20)

“qui, ferox bello, tamen inter arma, / siue **iactatam** religarat udo / litore nauem, Liberum et Musas Veneremque et illi / semper **haerentem** puerum canebat / et Lycum nigris oculis nigro-que / crine decorum.” (XXXII, v. 6-12)

“te Spes et albo rara Fides colit / **uelata** panno (...)” (XXXV, v. 21-2)

“qui nunc Hesperia sospes ab ultima / caris multa sodalibus, / nulli plura tamen diuidit oscula / quam dulci Lamiae, memor / **actae** non alio rege puertiae / **mutataeque** simul togae.” (XXXVI, v. 4-9)

“Nunc est **bibendum**, nunc pede libero / **pulsanda** tellus, nunc Saliaribus / ornare puluinar deorum / tempus erat dapibus, sodales.” (XXXVII, v. 1-4)

“(…), ab Italia **uolantem** / remis **adurgens**, occipiter uelut / mollis columbas aut leporem citus / uenator in campis niualis / Haemoniae, daret ut catenis fatale monstrum. (...)” (XXXVII, v. 16-20)

“deliberata morte ferocior: / saeuus Liburnis scilicet inuidens / **priuata deduci** superbo, / non humilis mulier, triumpho.” (XXXVII, v. 29-32)

4. Estrutura em ablativo absoluto

É o emprego de um particípio presente ou passado, numa estrutura de ablativo absoluto que funciona como uma espécie de adjunto adverbial. Trata-se de um tipo de oração reduzida, em que o termo sujeito da oração desenvolvida correspondente passa para o ablativo e sua flexão verbal, tomando a forma de particípio, concorda com ele (o nome substantivo) em caso, gênero e número.

“et **superiecto** pauidae natarunt / aequore dammae.” (II, v. 11-2)

“Vidimus flauom Tiberim **retortis** / litore Etrusco uilenter undis / (...)” (II, v. 13-5)

“(…), uagus et sinistra / labitur ripa Ioue non probante u- / xorius amnis.” (II, v. 18-20)

“siue **mutata** iuuenem figura / ales in terris imitatis, almae / filius Maiae, (...)” (II, v. 41)

“neu sinas Medos equitare inultos / te duce (o particípio), Caesar.” (II, v. 51-2)

“uentorumque regat pater / **obstrictis** aliis praeter Iapyga” (III, v. 3-4)

“Nil desperandum Teucro duce et auspice Teucro (o particípio)” (VII, v. 27)

“*Quin et Atridas duce te (o participio) superbos / Ilio diues Priamus relicto / Thessalosque ignis et inigua Troiae / castra fefellit.” (X, 13-6)*

“*Quin et Atridas duce te superbos / Ilio diues Priamus **relicto** / Thessalosque ignis et inigua Troiae / castra fefellit.” (X, 13-6)*

“*Regulum et Scauros animaeque magnae / prodigum Paulum superante Poeno / (...)*” (XII, v. 37-40)

“*Tu secundo Caesare (o participio) regnes.” (XII, v. 51-2)*

“*(...): / mactata ueniet lenior hostia.” (XIX, v. 16)*

“*Me tuo longas pereunte noctes, / Lydia, dormis?” (XXV, v. 7-8)*

“*Thracio bacchante magis sub inter- / lunia uento” (XXV, v. 11-2)*

“*(...), quamuis clipeo Troiana **refixo** / tempora testatus nihil ultra / (...)” (XXVIII, v. 11-2)*

“*iudice te (o participio) non sordidus auctor / naturae uerique. (...)” (XXVIII, v. 14-5)*

“*(...), Venusinae / plectantur siluae te sospite (o participio) multaque merces” (XXVIII, v. 25-6)*

“*(...); licebit / **iniecto** ter puluere curras.” (XXVIII, v. 36)*

“*(...)? quae tibi uirginum / sponso **necato** barbara seruiet?” (XXIX, v. 5-6)*

“*(...), cur tibi iunior / **laesa** praeniteat fide.” (XXXIII, v. 3-4)*

“*(...), diffugiunt cadis / cum faece **siccatis** amici” (XXXV, v. 26-7)*

“*actae non alio rege puertiae / mutataeque simul togae.” (XXXVI, v. 8-9)*

4. Paralelismo sintático

É a ocorrência de construções, que mantêm entre si uma simetria e normalmente apresentam uma forma semelhante quanto à disposição dos termos componentes.

“*Est qui nec ueteris pocula Massici / nec partem solido **demere de die** / spernit, (...)” (I, v. 19-21)*

“*(...), nunc uiridi membra sub arbuto / **stratus**, nunc ad aquae lene caput sacrae.” (I, v. 21-2)*

“*seu **uisa** est catulis cerua fidelibus, / seu rupit teretis Marsus aper plagas.” (I, v. 27-8)*

“*(...), seu te **fulgentia** signis / castra tenent seu densa tenebit / Tiburis umbra tui.” (VII, v. 19-20)*

“*Vides ut alta stet niue candidum / Soracte nec iam sustineant onus / siluae **laborantes** geluque / flumina constiterint acuto?” (IX, v. 1-4)*

“*(...). Nunc et Campus et areae / lenesque sub noctem susurri / **composita** repetantur hora, / nunc et **latentis** proditor intumo / gratus puellae risus ab angulo / pignusque **dereptum** laceratis / aut digito male pertinaci (repetantur).” (IX, v. 18-24)*

“*Ille seu Parthos Latio **imminentis** / egerit iusto **domitos** triumpho / siue **subjectos** Orientis orae / Seras et Indos” (XII, v. 53-6)*

“*Vro, seu tibi candidos turparunt umeros inmodicae mero rixae, siue puer **furens** / inpressit memorem dente labris notam.” (XIII, v. 9-12)*

“*(...) Nonne uides ut / nudum remigio latus, / et **malus** celeri saucius Áfrico / antemnaeque gemant ac sine funibus / uix **durare** carinae / possint imperious / aequor? (...)” (XIV, v. 3-9)*

“Nequicquam thalamo grauis / hastas et calami spicula Cnosii / uitabis strepitumque et ce-
rem sequi / Aiacem (...)” (XV, v. 16-9)

“Fertur Prometheus addere principi / limo coactus particulam undique / desectam et insani
leonis / uim stomacho apposuisse nostro.” (XVI, v. 13-6)

“(…) nec quicquam tibi prodest / aérias temptasse domos animoque rotundum / percurrisse
polum morituro.” (XXVIII, v. 4-6)

“Frui paratis et ualido mihi, / Latoe, dones, at, precor, integra / cum mente, nec turpem se-
nectam / degere nec cithara carentem.” (XXXI, v. 17-9)

“(…) nunc retrorsum / uela dare atque iterare cursus / cogor relictos: (...)” (XXXIV, v. 3-5)

“praesens uel imo tollere de gradu / mortale corpus uel superbos / uertere funeribus trium-
phos” (XXXV, v. 2-4)

“neu promptae modus amphorae neu morem in Salium sit requies pedum” (XXXVI, v. 11-2)

5. Quiasmo

Entre os casos de quiasmo, relacionamos aquele em que ocorre a disjunção de dois grupos sintáticos distintos, em que os termos se cruzam, como se estivessem dispostos em forma de “χ” (“chi” – letra grega).

“(…) metaque feruidis / euitata rotis palmaque nobilis / terrarum dominos euehit ad deos
(...)” (I, v. 4-5)

“et superiecto pauidae natarunt / aequore dammae.” (II, v. 11-2)

“(…) uuida / suspendisse potenti / uestimenta maris deo.” (V, v. 14-6)

“(…) nec te, metuende certa / Phoebe sagitta.” (XII, v. 22-3)

“(…) nec malis / diuolsus querimoniis / suprema citius soluet amor die.” (XIII, v. 18-20)

“interfusa nitentis / uites aequora Cycladas.” (XIV, v. 19-20)

“et tollens uacuum plus nimio gloria uerticem” (XVIII, v. 15)

“(…) nec patitur Scythas / aut uersis animorum equis / Partum dicere (...)” (XIX, v. 10-1)

“Caecubum et prelo domitam Caleno / tu bibes uuam” (XX, v. 9-10)

“Latonamque supremo / dilectam penitus Ioui” (XXI, v. 3-4)

“non lenis precibus fata recludere, nigro compulerit Mercurius gregi?” (XXIV, v. 17-8)

“(…) quamuis clipeo Troiana refixo / tempora testatus nihil ultra / (...)” (XXVIII, v. 11-2)

“Neglegis inmeritis nocituram / postmodo te natis fraudem committere? (...)” (XXVIII, v. 29-30)

“cum tu coemptos undique nobilis / libros Panaeti Socraticam et domum” (XXIX, v. 13-4)

“mercator exsiccet culillis / uina Syra reparata merce.” (XXXI, v. 11-2)

“(…) / quo Styx et inuisi horrida Taenari / sedes Atlanteusque finis / concutitur.” (XXXIV, v. 10-2)

“utcumque mutata potentis / ueste domos inimica linquis” (XXXV, v. 23-4)

“examen Eois timendum / partiobus Oceanoque rubro.” (XXXV, v. 31-2)

6. Topicalização do nome verbal

É o deslocamento de uma forma verbal para o início da frase, para que ele seja realçado. De modo geral, o deslocamento de um termo para a posição inicial em latim não atribui ao termo um valor especial. Porém, com o verbo frequentemente isso ocorre, já que o verbo normalmente ocupa a última posição.

“**Luctantem** Icaris fluctibus Africum / mercator metuens otium et oppindi / laudat rura sui (...)” (I, v. 15-7)

“**nota** quae sedes fuerat columbis” (II, v. 10)

“**ire** deiectum monumenta Regis / teplaque Vestae, / (...)” (II, v. 16)

“(…), **tollere** seu ponere uolt freta.” (III, v. 16)

“**semotique** prius tarda necessitas / leti corripuit gradum.” (III, v. 32-3)

“**Expertus** uacuum Daedalus aera / pennis non homini datis” (III, v. 34-5)

“**iunctaeque** Nymphis Gratiae decentes / alterno terram quatiunt pede, (...)” (IV, v. 6-7)

“(…), **arguens** / quam **lentis** penitus macerer **ignibus**.” (XIII, v. 7-8)

“**interfusa** nitentis / uites aequora Cycladas.” (XIV, v. 19-20)

“**coniurata** tuas rumpere nuptias / et regnum Priami uetus.” (XV, v. 7-8)

“**mactata** uenit lenior hostia.” (XIX, v. 16)

“(…), **datum** in theatro / cum tibi plausus” (XX, v. 3-4)

“**Natis** in usum laetitiae scyphis / pugnare Thracum est; (...)” (XXVII, v. 1-2)

“**mixta** senum ac iuuenum densentur funera, (...)” (XXVIII, v. 18)

“**Frui** paratis et ualido mihi” (XXXI, v. 17)

“**ausa** et iacentem uisere regiam / uoltu sereno, fortis et asperas / tractare serpentes, (...)” (XXXVII, v. 25-7)